4714

2-5-98

Cartas. [redacted] varias
do Dor Antonio
Ribeiro.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Carta j

Amigo do coraçaõ vejo o Grigramma do Snr. Vice-Reitor e pois me pedes o meu juizo sobre o termo Quod que nelle se fez longo, devo dizer que sempre o vi nos Poetas como breve, naõ se podendo escuzar por isso com a razaõ de licença poetica e muito mais em huã peça taõ pequena como hum Grigramma, o q. talvez podesse ter mais desculpa em hũ longo poema

Aquelle verso necessitaria de maior correcçaõ ainda o que digo para por ao Snr Vice Reitor em mais cautella, por quanto tem mais dois defeitos: o 1º. he por Ista que esta em nominativo em concordancia com Lux com a Syllaba breve q. tem de sua natureza devendo ser sempre longa na cesura do verso: o 2º. he Numini cõ

a

a ultima longa, que naõ quadra ao Dactylo que ali deve ter o verso, que he de huã longa e duas breves.

Advirto mais que no verso 3 a clausula final At ipsa deve pertencer na virgulacaõ para o seguinte; Gaudia.

No vltimo verso se lyrete outra vez Quod fazendo-o de syllaba longa, sendo breve e no verso 7 se poem Altum devendo ser ou alto rectore ou altus moeror, e nunca altum.

Verás se podes ler estas garatuxas q. eu nem bem vejo, como as escrevo

Ja no outro Epigramma que me ha tempos mandastes, havia (parece-me) que hum Igitur com a primeira longa, sendo breve. ora e D.s que te guarde.

Amigo

Ribeiro

Illmo Snr. Castilho

Meu Amigo e Snr. senti perder a boa occaziaõ de ver a V. Sª: as minhas obras de mais algum trabalho saõ volumosas, e naõ servem para entrar em Jornaes, aonde só tem lugar as peças pequenas: ha alguns discursos mais curtos e breves e sobre diversos assumptos que talvez se poderia lançar mão delles: sobre o que seria necessario haver Conferencia. Das peças poeticas só posso por agora mandar o que remetto em que escolherá V. Sª algum Gigramma que pareca menos máo: as mais peças poeticas que tenho, saõ mais proprias para irem algum dia em Colleccaõ do que para se darem separadamente por que juntas fazem algum vulto, nenhum desunidas. Dezejo a V. Sª saude e todos os mais bens

De V. Sª
Amigo e Criado

S.C. 14 de Julho de 1813.

Meu Amigo: folgo com as boas noticias que me dás de tua saude e tranquillidade: não te posso eu dizer tanto de mim: não tenho saude, e nem assocego de espirito, porque são muitos os cuidados que me opprimem em annos ja cansados; e tenho de sofrer aboletados Inglezes, que hontem se forão, e amanhã hão de entrar outros

Visam Britannos hospitibus feros

Ja o dizia Horacio; e os de hoje são o mesmo ou peiores que os do seu tempo: a materia chamava por mais largas paginas, mas he necessario sofrer e calar: vivei pois em bom descanso, e livre desta praga do Egypto. Ds. vos gde. mes. as.

Ill.mo e R.mo Snr.

carta de participação ao cabido de Evora.

Tenho a honra de participar a V. Sa Ill.ma que sua Alteza Real o Principe Regente N. S. em consulta da Vniversidade de Coimbra houve por bem de me nomear e aprezentar para hum dos Canonicatos Doutoraes da Sé de Evora, de q. tomei posse em 19 de Dezembro passado: e vou ao mesmo tempo render as devi-

das graças a V. S. Ill.ma por
todas as attenções de Caridade
e beneficencia com q. tanto me
tem até agora distinguido;
protestando solemnem.te pe ran=
te V. S. Ill.ma q. ainda q. pas=
so para Benefício de outra
Cathedral jamais deixarei
de me haver como membro des=
sa honradissima Corporaçaõ
com q. m.to me tenho ennobre=
cido; e de Conservar p.a com
V. S. Ill.ma todas as minhas
affeiçoẽs e respeitos ja pelos ti=
tulos de gratidaõ e veneraçaõ
filial ja pelos vinculos e rela=
coẽs fraternas q. vnem estrita =

m.te entre si as duas Igrejas Comprovinçianas e os seus Membros

D.s N. Snr prospere sempre o Estado de V. S. Ill.ma como todos os bens dezejaõ pa ornamento da Christandade e bem commum destes Reynos. Lisboa de Janeyro de 1805

De V. S. Ill.ma

Ill.mo e R.mo Snr
Deaõ Dignidades
Conegos e mais Cabido da Santa
Igreja de Faro.

Reverente Subdito e criado

Antonio Rebeiro dos Sãtos

Snr Antonio de Almeida

Meu Senhor Respondo á Carta de V. S.ª por mão alhea por que a summa diminuição e debelidade de vista de olhos a q. tenho chegado me não deixa ler nem escrever sem hum grande trabalho: por esta vou render a V. S.ª tantas graças quantas posso pela honra particular da sua Carta de. . . . . e pelas noticias, que me mãdou do obrado insigne Impressor Luiz eu podia accrescentar no artigo que delle vem em minhas Memorias Typograficas de Portugal. Logo a juiz em nota marginal sobre o meu exemplar impresso com a declaração, da pessoa a quem devi esta noticia. Folgarei muito se lhe merecer qualquer outra noticia, que possa concorrer para illustração ou correcção daquella Memoria, que posto que me não propuz fazer Annaes

Typo=

Typograficos e fallar de todas as edições
mas só das mais raras ou mais estima-
cão todavia as dezejo sempre augmentar
com addições que mais a tornem rica e
proveitosa.

Offereço a V. S.ª puros sentimentos de
gratidão e de amizade, e protesto o respei-
to e alta estima com que serei sempre

De V. S.ª

Amigo Venerador e C

M.to Rev.do Snr. Jose Francisco 8

Meu Amigo e Snr. quizera agrade=
cer em melhor verso a Leucacio Fido
o primoroso obsequio da sua ode em abo=
no das minhas poesias que m.to pagas
ficarão com tal louvor: porem meus ve=
lhos annos, trabalhos, e molestias de o=
lhos e de cabeça, tem ja resfriado o estro,
se algum tinha, e apenas pude bosque=
jar honte esses dois Sonetos, que remetto
juntamente com a m.a traducção de
Horacio que me mandou pedir.
Dezejo que tenha tido melhoras na
sua molestia, e que me mande as suas
ordens: sou com todo o affecto seu

Lisboa 22 de Julho de 1813

M.to Amigo Venerador

Elpino Duriense

Carta
Sobre Ruy de Pina

Meu Amigo V.ª toca-nos agora fallar de Ruy de Pina natural da Guarda foi Secretario da Embaixada que o Snr. Rey D. Joaõ II. mandou por D. Joaõ da Silveira Barraõ de Alvito aos Reis Catholicos em 1480 e da outra de Obediencia q. El Rey mandou ao Papa Innocencio VIII. a que foraõ por Embaixadores D. Pedro de Noronha, e Vasco Fernandes de Lucena. Foi homem de grande estimaçaõ pela pessoa e pela sciencia Cavalleiro da Caza del Rey D. Manoel, seo Chronista e Guarda Mor da Torre do Tombo, e Secretario da Embaixada de Obediencia a Alexandre VI. com que foraõ a Roma D. Pedro de Noronha Mordomo Mor do d.º Rey, e Vasco de Lucena. D. Joaõ II. lhe ordenou que escrevesse as Chronicas; elle poz maõ a Obra

e

e compoz as de D. Sancho I e dos mais Reys que se lhe seguirão até D. Duarte que andaõ em seu nome.

Damiaõ de Goes na Chronica de D. Manoel no Cap. 38. trata com grande miudeza deste ponto, e mostra que estas Chronicas foraõ compostas huãs por Fernaõ Lopes, e outras por Gomes Eannes de Zurara, mas naõ duvida que Ruy de Pina lhes deo melhor forma ou na ordem ou no estylo, o que talvez seria causa de se lhe haverem dado o nome de suas

D. Antonio Caetano de Souza julgou que todas até a do Conde D. Henrique, e de D. Affonso I. eraõ de Fernaõ Lopes (na Censura a Chron. de D. Affonso II.) Em nome de Ruy de Pina corre o Prologo a Chronica de D. Sancho I. em q. diz que El Rey D. Manoel o mandara escrever o que naõ fizera Duarte Galvaõ

Fa-

Faria Lista dos Auth. tom. I. da Azia
cita a Chronica MSS. de D. João I. P. I.
diz que era de maior elegancia, do que
então se costumava e a Chronica MSS.
de D. Affonso V. posto que nesta pela
differença, que tem de estylos, parece ter
pedaços da de Fernão Lopes nestas Chro=
nicas e nas outras antigas metteraõ vl=
timamente as mãos Fernão de Novaes
e outros (Faria ibi) As Chronicas de
Ruy de Pina saõ de todas as antigas
as melhores em ordem e estylo (Faria ibi)
ha nelle maior dignidade do que em Fer=
naõ Lopes, e Azurara muita sobriedade
huã decente liberdade igualmente afasta=
da da lizonja e do atrevimento e huã lin=
guagem, que devia parecer delicada ain=
da quando naõ havia Barros nem Camões
Tem o defeito de vzar muito de epithetos e
de adjectivos que era o gosto do seu tempo
como lhe nota Damiaõ de Goes Serra p. 60.

Illmo Snr. João Pedro Ribeiro

Meu Amº e Snr: o Portador desta he pessôa, aquem eu mto desejo fazer bem, porque o merece: tem hum negocio, de cujo bom exito depende a subsistencia e fortuna de hum pay ja velho e valetudinario, aquem quer piadosamte socorrer como bom filho; e persuade-se, que V. Sª o póde favorecer no que pertende p.ª elle: e porq sabe quanto favor custuma receber de V. Sª pede-me que o recommende a V. Sª. p.ª q se digne de o proteger e amparar no seu requerimto. Logo pois a V. Sª esta merce p.ª elle e p.ª mim, q certo estou por sua mto amavel benevolencia, q mto folgará de ma fazer. Sou com particular affecto e respeito

De V. Sª

Amigo, Venerador e Criado

S. C. 11 de Setembro de 1804

Antonio Ribeiro dos Santos

A D. Rodrigo de Sousa Coutinho.
apresentando-lhe Memorias acerca dos Mathematicos D. Francisco de Mello, e Pero Nunez.

Pois que V. Exª. folgou de ver na Real Bibliotheca de Lisboa o livro inedito do Sabio Mathematico D. Francisco de Mello e mostrou dezejar todas as noticias, que podesse haver do outro illustre Mathematico Pedro Nunes; vou com todo o respeito apresentar a V. Exª. segundo minha promessa o que tenho delles apontado em minhas Memorias para a Historia Literaria de Portugal. Se isto poder servir de alguã coisa para os uteis projectos, que V. Exª. tem formado em honra e beneficio commum da Literatura Nacional, farei reformar e tirar a limpo huã copia mais apurada, e mais digna de se offerecer a V. Exª.. Deos gde. a V. Exª mtº. aº. Lisboa 24 de Dezembro de 1801.

De V. Exª.

Reverente Subdito, e Criado

A Monsenhor Ferreira

Tive mui bom prazer com a Carta de V. Ill.ma toda cheia de mercês que me faz, quaõ rica das graças e dos encantos, que formaõ a amenidade de seu caracter. Dê-lhe Deos o galardaõ desta bondade, que só pode nascer da virtude de seu coraçaõ que o Ceo ama, e recompensa. O Soneto a Ferreira e a Cristo-la sobre elle a Snr.a Valleré ficaõ ora valendo mais para mim depois do louvor, que lhes deraõ. Incluso com este remetto hua copia do Assento que se abrio nos fastos da Biblio-theca, do novo donativo que aquella Senhora lhe fez da Memoria do Snr de Valleré sobre as provoações da Provincia de Alemtejo, que muito folguei de ler; para se ajuntar ao outro Assento, que ja mandei: nelle se faz mençaõ da Estampa do Retrato, que esqueceo de incluir no primeiro e vai a copia dezacom-

panhada

panhada de Carta por naõ obrigar a Reposta. V. Ill.ma me fará o favor de lho entregar, e de lhe fazer por mim os cumprimentos. Naõ tenho sido meu nestes dias com tarefas impertinentes com cuidados domesticos e de fora, e até com alguns incommodos na saude; e por isso tenho faltado em ir pessoalmente beijar as maõs a ambos pelas repetidas attençoẽs de amizade e cortezias, com que me haõ tratado: esta a Razaõ de minha falta que naõ a da Madama Franceza de que naõ sou devoto, q̃. á cera me pezaria eu a Santo Amaro se elle ma arredasse desta casa.

Dezejo a V. Ill.ma muitos bens, e os mesmos a Snr.a Valleré, e com melhor saude. Sou sempre com particular affecto e Respeito

S. C. 28 de Agosto de 1808.

Amigo fiel e obrigadissimo

A. D. Francisco Rafael de Castro.

Vi o Catalogo, e achei muito sobidos os preços de alguns livros dos Classicos e ainda de outros q ponto no Rol separado pela mesma ordem do Catalogo, os que eu entendo q. saõ arrazoados ainda no estado de carestia, em que está este genero de fazenda. Cuidarei de atar o fio do Catalogo, que estava interrompido: e para o continuar, seria bom que V. Ex.a me mandasse, se ainda a tem, a primeira parte que remetti. Dezejo mt.o que V. Ex.a se ache inteiramente restabelecido, e me continue a honra de sua benevolencia e amizade. Sou com particular respeito

De V. Ex.a

S. C. 2 de Junho de 1807.

Reverente Subdito Ven.or e Cr.o

Illmo

Dor Simaõ de Cordes
Sobre os Limites da
antiga Lusitania

Amigo e Snr vai por curiosidade
huã nota mais larga sobre a
incluzaõ da Callecia antiga na
Primitiva Lusitania pa confir-
maçaõ do q respondi hontem a
V. Sa sobre a duvida q nisso lhe
occorreo; a qual he pte das notas
q fiz sobre o texto da ma obra da anti-
ga Geografia da Lusitania. Verá
se a póde lêr, q está interlinhada
e ainda em borraõ.

Quanto ao Livro q lá tem da
Historia da Poesia Portugueza do
Seculo XII naõ poderá sofrer a
leitura della, por ser enfadoza
pelas miudezas, e mto mal copiada.
Comecei a por-lhe a virgulaçaõ
e accentuaçaõ e a fazer-lhe emen-
das mas parei antes de chegar
a concluir a mayor pte; a materia
he arida e inculto o terreno de
nossas primeiras Musas,
como o foi tambem o das Musas
nascentes das naçoes estranhas.
mas a historia dos seculos seqtes
apresenta mta amenidade e cultu-
tura, q bem compensa a esteri-

a esterilidade dos primeiros tempos de nossa Poesia. Tenha v. S.ª Saude e Dsoq.de

~~Amigo dol~~

S.C. 21 de Setembro de 1804

Ribeiro

Ill.mo Snr.e João Baptista

Meu Am.o e Snr.e esqueceo-me ainda huã pessôa, que eu devêra trazer sempre na lembrança por ella, q.e o bem merece; por V.S.a q.e m.to a ama; e por mim mesmo, q.e grandem.te a respeito e prezo: he este o Snr. Fr. Dionisio, hum dos melhores Sectores que podem ter por fortuna as Poesias de Elpino Duriense. Emendo ainda a tempo o descuido; e pelo a V.S.a q.e lhe faça entregar este exemplar; q.e se a obra lhe agradar em alguã cousa, como agradou a V.S.a assas premio e galardão terá Elpino de seus trabalhos. Sou com especial affecto e respeito,

de V.S.a

Amigo, e criado

Não remetto o folheto q.e accresceo a obra das Impresso nas folhas do Jornal de Coimbra por ja não tenho ja nenhum

A C. 22 de Junho de 1813

Antonio Ribeiro dos Santos

J.C. 18 de Junio de 1813

Ill.mo Snr. João Croft.

17

Tenho a honra de offerecer a V.Sª hum exemplar das Poesias de Elpino Duriense, em que folgarei q' haja alguma cousa que agrade a V.Sª.
Aproveito esta occasião para rogar a V.Sª que me escuse da falta de concurrencia ás Assembleas de Sua Exª de quem tive a honra de receber convite pelo motivo da extrema debilidade de vista, a q' tenho chegado nestes ultimos tempos e mais molestias q' padeço. Pelo as ordens de V.Sª e protesto os devidos respeitos, com q' sou

De V.Sª

M.to attento venerador e obrigado criado

Antonio Ribeiro dos Santos

2-5-98

Cartas
Varias

Cardinal
Newman

Carta de participação ao Cabido de Evora

Ill.mo e R.mo Snr.

Tenho a honra de participar a V.S.a Ill.ma q. sua Altesa Real o Principe Regente N.S. em consulta da Universidade de Coimbra houve por bem de nomear e apresentar para hum dos Canonicatos Doutoraes da Sé de Evora, de q. tomei posse em 19 de Dezembro passado: e vou ao mesmo tempo render as devidas graças a V.S.a Ill.ma por todas as attenções de caridade e beneficencia, com q. tanto me tem ate agora distinguido protestando solemnemente perante V.S.a Ill.ma q. ainda q. passo para Beneficio de outra Cathedral jamais deixarei de me haver como membro dessa honradissima Corporação com q. m.to me tenho ennobre-

çido e de conservar pª com V. Sª Ilmª
todas as minhas affeiçoẽs e respeitos, já
pelos titulos de gratidaõ e veneraçaõ filial,
ja pelos vinculos e relaçoẽs fraternas, que
vnem estreitamente entre si as duas
Igrejas Comprovinçianas e os seus Mem=
bros.

Dº N. Snr prospere sempre o Esta=
do de V. Sª Ilmª como todos os bons de=
xejaõ pª ornamento da Christandade e
bem commum destes Reynos. Lisboa
de Janeiro de 1805.

De V. Sª Ilmª

Ilmº e Rmº Snr

Deaõ Dignidades
Conegos, emais
Cabido da Sta
Igreja de Faro.

Reverente Subdito e
Criado

Antonio Ribeiro dos Santos

Ex.mo e R.mo Senhor

A actual molestia de cabeca q' padeço ha dias naõ me permite de ir nesta occasiaõ a prezença de V. Ex.a a cumprir com os meus ~~deveres~~ devidos officios; aq' satisfarei, em padendo. Rogo a D.s que nos guarde a vida de V. Ex.a que taõ nessesaria e preciozo nos he para nos ~~conf~~ compensar da outra que ora nos tirou

De V. Ex.a

criado ~~muito~~ obrigado

Ex.mo e R.mo Snr
Principal Castro

Mar Durmont

Remeto a vm.ce o q. achei a respeito da Familia de Durmont por satisfaser ao q. me pedio, ~~mas q. prometti~~ No livro intitulado = Triumfos de la Nobresa Lusitana y origem de sus Blasones por Antonio Soares Albergaria em 1631 Mss. em folio magno Letr. D a fol. 128 se diz assim era entre los lonages nobles de Roma conocido el de Durmia, como consta de la familia Romana de Fulvio ursino, q. quasi conforma com esta en el nombre. Pero lo mas cierto es tener su origen em Escocia donde son senores de Escoval, y deciendentes del Conde Drumond, aparentado com la Casa Real de aquel Reyno, de do vinieron a la Ysla de la Madera; y a las dos Asores; em q. ay muchos fidalgos deste apellido com buenos mayorazgos. Sus armas son em Campo

de oro tres faxas roxas ondeadas; y por timbre medio Salvage vestido de pieles, Cabellos volto y largo, braços desnudos com la mano derecha Levantada como q. esta mostrando: alias medio Lebrel ro- xo collar de oro ~~á margem cita-se~~ = Historia de las Islas de Gaspar Frutuoso lib. 4 cap. 44

= Armas Libro de los privilegios del anno 1544 confirmadas por el Rey D. Juan 3º. = Vai Armas e Brasoes de Nobresa, que vem no livro intitulado: Compendio breve na matheria da Nobresa e Fidalguia deste Reyno Mss. em 4º Letr. D. a fol 47 r v se diz assim

Dromondo: Campo de ouro 3 faxas ver- melhas andadas: timbre meio Salvagem vestido de pellas Cabellos Cumpridos os braços nús mostrando com a mao adiante. Sao de Escocia.

Depois de escrever isto achei o se=
guinte Poema da Inçulana de Manoel
Thomaz do Livro 9 estançia ~~199~~ 299

Do Dormondo o valor em taõ guerreiro
Irá tal Nome e glorias conquistando
Seu pello sousa armado Cavalleiro
De seu brazaõ o Tymbre fique honrando
Leue as tres Faixas ondadas e o Rafeiro
Naõ so por anna Bella sustentando
Dos Dormondos o brio irá superno
Mas por tal Desçendentes sera eterno

E em Nota Marginal= Despoes
desta victoria o Armou Cavalleiro
Thome de sousa Coutinho. Desçendem
de Anana Bella Raynha de Escoçia
os Dormondos. apag. 444.

Depois de escrever isto a chei o se=
guinte Poema da Inculana de Manoel
Thomaz do Livro o estancia 292 293
Do Formando o valor em tão guerreiro
Irá tal Nome e glorias conquistando
Seu pello sousa armado Cavalleiro
Do seu braço o Sombre figue honrando
Seu as tres Filhas ondadas e o Rafeiro
Não so por arma Bella sustentando
Dos Formandos o brio irá superno
Mas por tal Descendente sera eterno

Com Nota Marginal = Despoes
desta victoria o Armou Cavalleiro
Thome de sousa Coutinho. Descendente
de Anna Bella Rainha de Escocia
os Formandos. apag. 444.

2—5—100

Cartas

[illegible]

varias e estudadas

sobre

diversas materias.

Amigo do C. Lembro-te os tomos da minha Copia da traduçao da Eneyda de vergilio por Leonel da costa para irem para a Real Bibliotheca da Corte iviſto que naõ se trata por agora da ediçaõ do Original, q. bom seria haver tambem ordem p.ª nelle se recolherem por se evitar descaminho pelo tempo adiante.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Tenho de pedir a V. Ex.a pelo muito que costumo Contemplar-me q. quando ~~concorrer~~ concorrer ás ~~Lições~~ Secções da Academia Real das Sciencias, queira benignamante encarregar-se de promover o requerimento da memoria inclusa: no q. V. Ex.a me fará m.ta favor e honra D.s g.de a V. Ex.a m.tos annos

De V. Ex.a

M.to attento amigo e Creado

Ill.mo Snr. Sebastião
Francisco Mendo Trigoso

Meu Am.o Collega e Snr. vou render
á Academia Real das Sciencias, e a V.S.a
em particular tantas graças quantas
posso, pela attencioza mercê da sua car=
ta, q. m.to me acredita e honra. Acce=
to cõ grande alvoroco o obsequio da
vezita q. V.S.a taõ benignam.te me quer
fazer p.a fallarmos e Conferirmos sobre
as minhas Memorias pertençentes á
Navegacaõ; ou antes para rogar a V.S.a
o favor de as colligir com toda a libar=
dade, e como lhe bem parecer; no q. m.to
me haverei por bem afortunado.

Tenho o Domingo de amanha em=
baraçado mas fico prompto em qualquer
outro dia da Semana q. vem menos na
quarta de manhaa q. hi occupada por
o brega=

caõ do Serviço: Em qualquer delles
espero receber as ordens de V. Sª e por certo lhe
pouparia ~~a V. Sª~~ o incomodo de a qui
vir, se as minhas molestias, o q. m.to se
agravaõ na estaçaõ do inverno, me
permitem ir recebelas em sua caza, como devem
Offereço a V. Sª os ~~rendimentos~~ sentimentos da
alta estima e respeito com q. protesto
ser sempre.

De V. Sª

Amigo V. quanto a noticia, que
me dais, do provimento do lugar de
Bibliothecario da Vniversidade em hum
Antonio Honoratico Mathematico de
q. m.to mal me disceis, sinto a marga =
m.te q. pelo m.to q. estimo a quella Casa
q. eu Criei q. ella naõ continuasse a ter
hum Successores mais habeis do q. eu
fuì, e taõ boa Como o foraõ os meus
Succçessores Ricardo Raimundo, e Joa=
quim dos Reis

He muì provavel q. o Bis.no Conde
Reformador naõ tivesse ideas exatas
do q. Cumpria ao Cargo de hum Bibli=
othecario, e Bibliothecario de huâ
Vniversidade: naõ conheço o q. deo
rem a quem o deo prouvera a D.s
q. este fosse o vnico desacerto q. tivesse

Commettido nos dois Reinados da sua Reformaçaõ Lisboa de Maio de 1814

Am.º do C.

Am.º & dais-me a noticia do novo Provim.to do lugar de Bibliothecario da Vniversidade em o Dor Antonio Honorato o q. Lamentaes como bom Academico q. Sois: naõ vos espanteis Sa T. me participou a mesma nova Naõ vos espanteis deste facto. o Bispo nunca avaliou a importancia deste emprego: elle esteve m.tos tempos no seu primeiro reinado sem Cuidar de a prover; e nem disso cogitava q.do eu o pedi nesta Corte a sua Magestade; ainda depois de se me conceder a graça, demorou elle o provimento sem embargo de me ter então affeiçaõ e desejar~~-me~~ adiantar-me. Este estabelecim.to foi logo infeliz do seu principio antes da Reforma este sempre fechada aquella casa aos olhos do Publico e sem

algum vso se naõ o de se mostrar al=
guã vez vez aos estrangeiros por hum
alto favor: depois foi provida de Bi=
bliothecarios e Ajudantes: mas com tu=
do isso nunca o Bispo Reformador nem
no seu primeiro Governo nem neste seg.do
la foi huá so vez visitar a quella casa
nem o seu Successor o Principal Men=
dosa e o que mais he p.a espantar nem
omesmo Principal Castro q. lhe succedeo.
Taõ mal fadada tem sido a Bibliotheca
Conembricense

Ao Ill.mo e Ex.mo Snr

Tive a honra de apresentar a Academia Real das Sciencias entre outras Memorias cinco pertencentes ás Materias de Navegaçaõ e Geografia, a saber:

1.ª Huã sobre o Periplo de Hanon traduzido e illustrado em Portuguez e Combinado com as Viagens do Infante D. Henriques

2.ª Outra sobre a Demarcaçaõ do Cabo da Boa Esperança nos dous Mapas chamados de Alcobaça e do Infante D. Pedro

3.ª outra sobre a Demarcaçaõ do Estreito de Magalhaes no Mapa do Infante D. Pedro,

4.ª outra sobre o antigo uso de Instrumentos Nauticos p.ª a Navegaçaô do Alto

5.ª e outra sobre a Novidade da Navegaçaô Portugueza.

Considerando porem, que todas estas cinco Memorias naõ poderiaô entrar taõ cedo nos volumes que se vaõ imprimindo da Academia, no caso de se aprovarem, e q. todas ellas formavaõ huã Colleçaõ de Noticias q. seu m.to desejava q. se publicasse em hum so corpo em ~~sua~~ minha vida entrou, em pensamentos de as pedir á Academia, e de as faser estampar juntas e a ~~sua~~ minha custa e independentem.te de ~~das~~ relaçoês academicas.

Pelo que, peço ~~pede~~ e rogo á Academia Real das Sciencias queira fazer-me ~~lhe~~ a mercê de lhas mandar entregar p.ª elle as imprimir pelo sobredito modo; ficando nella as outras, q.ª tinha offerecido das Origens e Progressos da Poesia Portugueza e as da Collecaõ de Medalhas de Macedonia.

D—5—100

Carta

Sobre o uso dos Agudos na Poesia

Ex.mo Snr.a D. Maria Luisa de Valleré

Minha Senhora: quando V. Ex.a por me fazer m.ta honra me propoz a questaõ de q. fallava a excellente Carta que me leo, sobre o uso e mistura de Versos Graves de 8 syllabas e de Versos, Agudos de 10 em huã mesma Obra; disse entaõ a V. Ex.a q. me parecia q. nisso naõ havia defeito: repito e confirmo a gora estes mesmos sentimentos, pois q. V. Ex.a me mandou q. os posesse por escrito.

Digo pois q. naõ acho nem Regra alguã na Poetica, nem razaõ fundada no Mechanismo e harmonia da Versificaçaõ, nem uso vniversal dos bons Poetas q. exclua o enlaçam.to de Versos Graves e Agudos nos Poemas Hendecasyllabos ou em quasquer

outros q. chamemos de Arte maior como nos Alexandrinos de doze e nos outros de mais syllabas, de q. m.te vsaraõ os Antigos; e em que entraraõ Graves e Agudos a proporçaõ de seu metro.

Primeiramente naõ ha Regra, q. tal vêde; porque nunca a encontrei nos melhores Poeticas q. em outro tempo Li, nem ainda naquellas q. trataraõ particularm.te da Versificaçaõ, e se fiseraõ cargo dos Versos Agudos: antes vi q. decisivam.te ao thorisavaõ o seu uso. Naõ Lembrarei aqui todas as que disto fallaraõ: apontarei somente dois Classicos dos nossos e dos Espanhoes nesta materia: hum he Manoel de Faria e Sousa Poeta e grande Mestre de Poetica no seu Apparato e Comẽtarios a Camoẽs em q. illustrou as Regras da Poesia; o qual nas

nas Notas ao Canto II Est. XVI. tom II p. 394 remata assim sua doutrina:= Ello es Cierto.... que Italianos son los duenos de la Buena Poesia; y dellos la aprendieron las naciones de Europa, que la exercitan: siendo esto assi, como es nadie les puede dar leys sino seguir las suyas: las suyas em esto son vsar de Consonantes agudos todo o hombre grande desde el Dante hasta el Cultissimo Tasso; y sinduda alguna ay occasiones en que tiene gran propriedad un Consonante agudo &c. O outro Mestre da Poetica seja hum bom conhecido em Espanha e entre nós, q. mui particularm.te tratou da Versificaçaõ, qual foi Rengifo: este na sua Arte Poetica Espanola no C. XII fallando do uso dos Agudos remata disendo= Pueden-se usar algunas veses sin escrupulo y sin q. para ello sea necessaria Liçençia.

Em segundo lugar naõ ha razaõ q. os exclua, fundada no mechanismo e harmonio da versificaçaõ por q.to o Verso Agudo de 8o Syllabas, se he sempre hum verso q.de ou de Arte maior como o Grave de 88; naõ differindo delle nem no genero, nem na especie, mas só em huã unica Syllaba de menos q. supre com o allongam.to do som final agudo q. por ser de maior duraçaõ ou de dois tempos equivale aos sons das duas Syllabas finaes do Verso Grave de 88. x Tem. como este, os dois hemestichios ou repousos da vox; partindo o verso em duas partes, ou compassos; e a te, oq. he mais regular q. no Grave, com huã medida Syllabica naõ desigual mas igual isto, com Syllabas pares, e naõ impares e tem aõ mesmo tempo no seu metro e nos hemetichios hum lançamento nem breve, nem em extenço, mas proporcionado

á respiraçaõ da voz; q. nem a cansa
por longo no seu espaço, nem o disfalca
ou atalha por a poucado no seu curso:
corre a escala metrica desde o minimo
ate o maximo sem violencia.

Isto q.to ao mechanismo da Versificaçaõ pelo q. toca á Harmonia ou Melodia confesso q. elle naõ he taõ suave e sonoro como o Grave; no q. concordaõ os boas Escritores de Poetica, por q. a voz naõ descansa nem se appoia taõ bem em hua Syllaba final aguda, como em duas finaes graves; quisto foi o q. deo occasiaõ aq.tos Poetas se naõ servissem dos Agudos menos por preceito da Arte q. por capricho; a quem Faria chama novos Legisladores:= Y assim io siempre daré mas credito á Dante Petrarcha Camoes e Tasso q. a essos nuevos Legisladores. Comtudo elle tem a Harmonia e Sonoridade q. basta em hum graõ se naõ

naõ e minente assaz marçado no seu Rhythmo, q. o faz soante; e o destingue dos versos curtos, ou menores. Accrecentarei q. ha Poesia lugares q. convem usar antes delle ~~de~~ q. do Grave q. do por harmonia imitativa se quer expressar o som brusco de alguãs Coisas, ou a grandeza de alguns objectos a maneira dos versos espondaicos dos Latinos: e acrecentarei ainda mais, q. visto nossa Lingua e geralm.te as vulgares naõ terem nem a Variedade dos Numeros, nem a Prosodia Poetica dos Gregos e Romanos serve de m.to para Variar a Versificaçaõ dos Hendecassylabos, e de outros Versos Maiores, e lhes tirar a monotonia e Vinissono do seu metro Continuando, e m.to mais em obras q. des usar entre elles dos Agudos, como se pratica no Lyrico, e versos pequenos: e q. ainda q. nelles passa haver menos consonançia, e até mesmo dissonançia cederia isto em

em maior realce da melodia dos Graves; e seria como a dissonância na Musica; e a sombra na Pintura: M.to havia aqui que dizer mas nem ha tempo, nem huã carta o permitte.

Ultimam.te naõ ha vso vniversal dos bons Poetas q. exclúa a mistura dos Agudos: mas antes os nossos Poetas os empregáraõ m.tas vez.es, nos seus Poemas de verso grande: taes foraõ naõ só Ferreira, Camoés e Bernardes, q. os usaraõ, e vem citados na carta q. V. Ex.a me leo. mas tambem m.to antes delles o fragm.to dos versos da perda de Espanha; e no Seculo XV o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra o maior Poeta da sua idade, nas 525 oitavas sobre o menos preço das cousas do mundo, q. misturou versos q.des de 11 Syllabas e Agudos de 11: seu filho D. P.o IV Condestavel de Portugal no seu Cancioneiro (inedito) q. ~~vio~~ usou das mesmas medidas: e os Poetas do Cancioneiro de Garcia de Resende e Gil Vicente e depois destes no mesmo Seculo XVI e XVII Francisco de Sá de Miranda; P.o de Andrade Caminha;

P.º da Costa Perestello; D. Manoel de Portugal nas suas Estancias heroicas; Francisco Roiz Lobo no Condestavel; Fernão d'Alvares d'oriente na Lusitania Transformada; Man.el da Veiga Tagarro na Laura de Anfriso Vasco Mousinho de Castello Branco na Vida de S.ta Isabel; Gaspar Estaço nas Poesias Varias; e Leonel da Costa na Traducaó das Eclogas e georgicas de Vergilio e no inedito, q. tenho da Eneida Poderá accrescentar e pôr em taó lustrosa comp.ª destes nossos Poetas m.tos dos estranhas Italianos, Espanhoes e Francezes; tendo estes vltimos nos seus Alexandrinos de 12º Agudos de 11 8 mas basta os q. apontamos p.ª se vêr, q. naó ha razaó de os excluir, fundada no uso vniversal dos bons Poetas.

De Francisco de Sá de Meneses na Malaca Conquistada, Jeronymo Corte Real no Sepulvedano q seg.do Cerco de Diu Luebedo no Affonço Africano Gabriel Pereira de Castro na Vlyssea; Ant.o de Sous.ª de Macedo na Vlissipo; Joaõ Franco Barreto na Traducaó da Eneida, e alguns outros naó usaraó

Vsarao desta Casta de Verso foi mero arbitrio q. tomaraõ por ideias de maior e mais eminente consonancia e harmonia; e naõ regra essencial, ou geral e nem ainda particular da Poetica, q. assim o prescrevesse; e menos o uso dos bons e antigos Poetas, q. assim geralm.te o praticassem.

Resta-me só satisfaser a hum reparo q. vinha na carta: eu q. naõ sou Poeta q.e provera a D.s q. ~~tivesse~~ tivera esse dom divino mas simples Curioso e amador da Poesia naõ me servi dos Agudos na m.a traduçaõ de Horaçio, visto q. descobrindo-me o nome se allega com ella) por q. entende-se q. lhes naõ devia dar lugar; mas taõ som.te por q. estava a custumado desde longo tempo ao verso Grave, e temi q. naõ me sahindo assim mesmo bem na quella Casta de verso, me sahisse ainda peior na dos Agudos em que naõ andava m.to

prompto. Esta foi a verdareira Causa:
e agora direi mais com a singellesa q.
pede a verdade, e com aquella franquesa
e imparcialidade q. devi ser natural
a todo o homem de letras ainda a respeito
de suas obras; q. hum dos defeitos entre
mtos outros q. eu naó sabia emendar,
naquella Traduçaõ, foi a falta de Agudos
taõ proprios da Poesia Lyrica; assim
como a falta de diversas Castas de me-
tro q. nella tinha mto lugar: o habito
der ter trabalhado mais em versos Gra-
ves do q. em Agudos; e mais em versos
heroicos do que em Lyricos, foi o que me diri-
gio na quella obra. Falle-se verdade ain-
da q. padeça o amor proprio.

Ao acabar esta Carta me occorrem
outras razoes, q. bem podiaõ Legitimar
o uso dos Agudos; mas ja lhes passou a cima
o lugar, em q. podiaõ ir; só naó deixaria
de tocar, fora da ordem, huã, q. he mto de

Receber qual he q. se em algum gene-
ro de Poesia pode ter assento o verso
Agudo de mistura com o Grave, he por
certo na Poesia Dramatica aonde
naõ he a Poetica o q. falla p.ª poder osten-
tar a pompa de seu enthusiasmo, mas
sim os Auctores, q. fallaõ entre si e naõ
a grandes assembleas; em q. por isso as suas
fallas devem imitar a Conversaçaõ. Fa-
miliar ou a Pathetica; e serem mais
simples e naturaes e sem grande ap-
rato e artificio e consequentem.te menos
sonorosas como o saõ no estylo ordinario
ou naõ commoçaõ das ~~q~~ grandes paixoẽs
da natureza; e em q. deve haver menos
conserto estudado da Arte e mais natura-
lidade e até huã certa negligencia a q.
Cicero chamava diligente

Baste isto por agora: a reposta devia
ser feita com mais illustraçaõ e apura-
m.te e até com maior aceio na escriptura

desta carta: mas V. Exª. Sabendo as minhas occupaçoes, desculpara a pouca cultura do Estylo e o desalinho da escriptura. Estimarei q. isto possa servir de alguá coisa; e q. V. Exª Continue a pôr em exercicio a fiel vontade q. tenho de poder Servir a V. Exª. e ao q. V. Exª. contempla e presa. Sou com particular respeito e a catam.to

De V. Exª.

Mto Attento venerador

S. C. 20 de Maio
de 1809

Ant.to Ribeiro dos Santos

2-5-100

Carta
Sobre
Das
Cortes
de
Lamego
pelo Dor Antonio Ribeiro

RB

Por acabar

Carta
Sobre Da a
Ignorancia,
em q̃ estiveraõ
as Cortes de Lamego

Meu Am.º e Snr. &c. depois destas coisas, respondo a V. S.ª sobre o ponto das Cortes de Lamego

Naõ podemos negar que ~~as Cortes~~ Ellas ~~de Lamego~~ foraõ ignoradas por espaço de Seculos. Ellas naõ se allegaraõ na Eleiçaõ do Snr. D. Joaõ I. q.do parecia occaziaõ propria para isso: nem depois no Reinado do Snr. Rei D. Joaõ III. que dizem tentara publicar huã ley em que naõ só excluia os estrangeiros mas tambem as femeas filhas dos Reys deste Reyno por tirar as duvidas que por rezaõ dellas podiaõ recrescer em menos Cabo da gloria deste Reyno pertendendo algum Rey estrangeiro succeder nelle ou achando-se ellas no Reyno cazadas com Principe

naõ

não natural, por que queria atalhar damnos que podião sobrevir a seus Vassallos poupar-lhes trabalhos e facilitar-lhes descanso e paz segura ( ) e parece que se então houvesse noticia das Leys de Lamego q. excluem de Successão da Coroa a femea que casa com estrangeiro inutil seria fazer esta Ley e em vão debalde não teria a Rainha D. Catharina por que se opprozesse pois que sua filha D. Maria casada em Castella independentemente da nova ley estava ja excluida da Successão da Coroa Portugueza.

Tambem se ignoravão estas Cortes nos tempos do Snr. Rei D. Henrique, pois que os Povos nos Embargos que

---

( ) Francisco Brandão no Discurso Gratulatorio.

que prezentarão em 1580 ao Snr. Rei
D. Henrique por Pebo Monis Procura=
dor de Lisboa em nome destes Reynos
propoem como hum artigo que entre
nos não havia Ley que admittisse as
femeas e que em toda aquella contro=
versia nunca se reccorreo a ellas. E
com effeito tanto se ignorarão que
em toda a Controversia entre os Pre=
tensores da Coroa nunca se recorreo
ás Cortes de Lamego que erão decisi=
vas.

2-5-100

Ill.mo e Ex.mo Snr

Represento a v. Ex.a q. ainda á poucos dias me Constou, q. o Conselheiro da Fasenda Jose Roberto Vidal da Gama havia sido nomeado hum dos Juises Adjunctos na Causa de Revista Especialissima da da Sentença do Almirantado, relativa ao apresam.to do navio Ingl.z Lady Schaio Stuvart feito pelos Cossarios Espanhoes Saguisar e Guerreiro: de que ora sou Juis Relator: da qual Nomeaçaõ naõ ha nos Autos e mais Papeis, que me passaraõ nem decreto, nem a inda Aviso, ou algum outro documento, q. faça memoria della: e pas-

sando a mi informar do mesmo
Conselheiro, a chei, que lhe fora A=
viso em data de 31 de Julho de 1804
por q. se lhe participou a dita No=
meaçaõ, sem q. toda via se remettesse
o Decreto della de 23 do mesmo mez
e anno, annunciado no dito Avi=
so, como depois se remeteo o de ou=
tra igual Nomeacaô ao Conselhei=
ro da Fasenda D. Joaõ Velasques
sarmento. O que ponho na presen=
ça de V. Ex.ª para que sendo presen=
te á Sua Altesa Real haja o mes=
mo Snr por bem mandar expe=
dir o Real Decreto para q. junto
aos das outras Nomeaçoẽs se

possa proceder com a divida
legalidade no Juiso final da Cau=
sa. D.s g.de a V. Ex.a m.tos annos Sx.a

Ill.mo e Ex.mo Snr
An.to de Araujo
de Azevedo
Ministro Con=
selheiro e Secre=
tario de Estado

Ill.mo Snr

Mandame V. Altesa que eu informe com o meu parecer sobre o requerim.to de Pedro Manoel da Villa, que pretende se mande ultimar com brevidade a causa de Revista Especialissima da Sentença do Almirantado relativa ao apresam.to q. os dois Cossarios Espanhoes Saguisar e Guerreiro haviaõ feito do navio Inglez Lady ~~Stuart~~ Stuvart, de q. Suppl.e fora apresador, e para que eu fui ultimam.te nomeado Juiz Relator: pedindo que se passe Ordem ao Conselheiro Antonio Raymundo de Pina Coutinho hum dos Juises nomeados q. está ausente p.a q. venha assistir ás sesso-

ês q. se hão de ter para esse fim.

O curso desta Causa e em q. se tem querido involver e comprometter a Coroa destes Reinos q. pela responsabilidade do Artigo V do Tratado de Badajos de 6 de Junho de 1801 desde o seu principio

1º. pela variedade de Juizes Relatores, e Adjuntos q. houve por fallecim.to de hum e escuso de outra

2º. pela demora q. houve na Secretaria p.a expedição das Nomeações dos Ministros, q. lhe forão Substituidos em diversos tempos

3º. pela ausencia de alguns dos nomeados por licenças q. obtiverão

4º. pelo espaço mais largo de tempo
q. de necessariam.te devia tomar os
nove Juizes nomeados para cada
hum ver por sua casa o feito e os
papeis- officiaes q. se juntar
e poder dar seu voto separado por es-
crito na forma em q. se ordenou
a cada hum

5º. por q. tendo sido os feitos vistos
ha m.tos tempos e necessitaõ alguns
Ministros de os tornar a ver para
bem formarem as
para o seu Juiso

2-5-100

Illmo Snr Castilho

No Epigrama terceiro a morte de Almeno que vem no Jornal antecedente a pagina 6a escapou huma falta de quantidade de syllaba na palavra = Manibus = que tendo a primeira longa, se fes breve o que ainda agora adverti aõ mandar ler aquellas peças. No meu primeiro borraõ tinha = Cineri = e avendo-lhe substituido enadevertidamente = Manibas = entre outras variantes passou esta para o texto sem maior conçediraçaõ. Como isto foi no ~~ul~~ Jornal immediato poder-se-hia por no fim dos versos deste presente Jornal a emenda q. mando ~~er~~ seguinte em nota. no ~~epigrama~~ ~~terceiro~~

( ) ~~no 6a no~~ Epigrama terceiro ~~do Jornal an~~ á morte de Almeno a pag 6a do Jornal antecedente em ~~lugar~~ ~~de Manibus~~ = devia ler-se = Da Cineri lacrimas = ~~Cineri~~ = em ~~lugar~~ de Da Manibus Lacrimas

Guarda parece não ter já lugar ~~fi~~ fique
sem esta emenda que talves não será ainda
a unica que se deveria fazer; que he de
esperar em ultima Apuramto de obras,
q. so se ~~tem~~ houvem, e não se lem, como
amim me sussede pela falta de mª
vista

Cop 46

Ill.mo Snr Sebastiaõ Françisco Mendo Trigoso

Meu Am.o Collega e Snr: estimo, como devo, a noticia ~~a sobre impressaõ de se acharem ja impressas~~ que V. S.a me da sobre a impressaõ das minhas duas Memorias; por q. depois de revistas, e reformadas por V. S.a naõ poderáõ deixar de mereçer as contenplaçoes do Publico: O q. m.to agradeço, a V. S.a. A minha memoria ha alguns tempos ~~annos~~ a esta parte está m.to desfalleçida com a idade e com as molestias; e ja hoje naõ me póde bem ajudar p.a a Lembrança dos Authores, e documentos, de q. tirei noticias p.a minhas emposiçoes em tempos passados; em q. m.tas veses confiava della, ~~de m.a memoria~~ o q. devêra assentar em papel p.a perpetua recordaçaõ. Por esta causa naõ sei disera V. S.a aonde achei a noticia da Mercê de Escudeiro feita a Martim de Behaim pelo Snr Rei D. Joaõ II; nem tenho ja vista p.a procurar em alguns de meus livros; nem pesso a ~~certo~~ intelligente ~~em m~~ a quem a possa comter: ~~Casa~~ natural q. este facto circunstanciado ~~a de quem possa a judar para esse fim~~; o Lesse em algum dos Escritores q. citei na quella Memoria dos Mathematicos ou na outra ~~na outra~~

da demarcacaõ do Estreito de
Magalhens, a onde fallei ~~deste~~ de Be=
haim

Pelo q. toca á Memoria sobre os
Resultados da nossa Navegaçaõ,
naõ me he possivel, apronctalla por que
está naõ só incompleta mas taõ
interlinhada, e riscada, q. só eu apode=
ria a cabar e apurar se tivesse
olhos pª isso: apenas se tem po dido
tirar alguãs folhas a limpo, e
assim mesmo imperfeitas e desta=
cadas. Desejo a V.Sª boa saude, e to=
dos os mais bens, q. o pode faser feliz
D.s g.de a V.Sª mtos annos

De V.Sª

Amº e Criado

S. C. 26 de
Mayo 1814

Antonio Ribeiro

Carta sobre 2-5-100 47

João Alvares

Am.º 86 não me espanto q̃ tão pouco conhecido seja o nome de João Alvares por quão pouco delle fallarão nossos maiores ::

~~João Alvares~~ este homem acompanhou o Santo Infante D. Fernando de quem foi Secretario nos trabalhos de sua prizão, e morte em Feez, foi depois resgatado por ordem do Infante D. Pedro, por hum Mouro chamado Faquiguiznaym em 1448. e depois foi elle a Septa e a Arzilla com o resgate que requereo de João Rodrigues Collaço do Infante, e de Pero Vaz seu Capellão que os trouxe em 1450 dando 8 Mouros pelo primeiro, e 2 Mouros e hũa Moura pelo segundo escreveo a Chronica dos feitos, vida

e

e morte do Santo Infante que se
imprimio, como depois com diffi-
culdade se achasse ja em 1577. mo-
veo-se Fr. Hieronymo de Ramos
da Ordem dos Pregadores a solli-
citar hum exemplar della e a
trasladallo fielmente ao pe da
letra e no mesmo estylo, q. leva-
va seu Author emendou-lhe
somente algumas palavras que não
corriaõ ja naquelle tempo. o que
lhe não louvamos, posto q. o fez
dando primeiro conta ao Sñr
Cardeal Infante D. Henrique,
e havendo para isso sua appro-
vaçaõ e authoridade. sahio a
obra impressa em Lisboa por
Antonio Ribeiro 1577. 8. vol. 8.º

dedi-

dedicado ao mesmo Snr Cardeal
Infante

49

2-5-100

Carta
Sobre
alguns
Historiadores
das cousas da Asia, ~~Africa~~,
~~e America~~

Am.º 86. Depois do q̃ ja temos fallado dos nossos Historiadores das Cousas do Reino, passaremos aos q̃ escreverão das Cousas da Asia Africa e America, tocando o q̃ se basta para o nosso intento.

Carta

Sobre

João de Barros.

~~Segue~~ Se
SS. o primeiro, e de maior estimação he
~~Barros~~ João de Barros outro famoso Historiador das Cousas da India

Meu Amigo: quereis, que vos falle de João de Barros, de quem tanto bem se tem fallado, he hũa Carta ~~he~~ Campo muito estreito para vos escrever o bem q̃ se pode dizer delle: ~~mas se não couber em huma Carta hirá em maiz, que assim me tem acontecido a respeito de outros~~. ~~Barros~~ he entre nós hum Historiador da primeira ordem, e na opinião vulgar, o mayor de todos. E começando pela verdade, e exacção de suas narrações, foi elle muito apurado, e diligente, porque quanto á Historia Portugueza atirou de muitos papeiz veri-

veridicos, que houve á mão assim dos Regimentos Reaez, como das Relaçoez, e Cartas dos Viso-Reys da India, devassas, e diligenciaz, e maiz coizas, que áquella materia pertenciaõ, como se vê na Decada I. Liv. III. C. 13. na Decada II. Liv. 8. C. 1., na Decada IV. Liv. 10 C. 21. &c., que só dos papeiz do Governo de Nuno da Cunha lhe foraõ entreguez duaz Arcas. Quanto á noticia doz Reys do Oriente, e seos povos, elle atirou das Chronicaz daquellez mesmos Estados, e Reynos escritas em suas Lingoas proprias, como consta da Decada I. Liv. 8. C. 6. e do Liv. 9. C. 3. tendo diante dos olhos Chronicaz doz Reis de Quiloa, dos Malavarez, doz Reys de Ormuz, de Guzarate, de Bisnaga, e De Caõ Tarigh, Summario de todos os Reys da Persia, e dos feitos dos Arabes, e de seoz Califas, quando subjugáraõ oz

os Persas; e avida do Grão Tamorlão, como consta da Decada II. Liv. II. C. 2. e do Liv. 4., uzando para isso de homenz practicos naquellas Lingoas, de que então havia muitos no Reyno para as interpretar, que por isso não devia ser tão injustamente censurado como foi. Pero Teixeira nas suas Relaçoẽz da Persia.

Para agraduação das Provincias Valeo-se dos nossos mesmos Pilotos Portuguezez, que navegárão todos aquelles marez com o Astrolabio, e Sonda na mão, e fizerão reprovar muitas das opiniõez dos Gregos, e Romanos, que fallarão das coizas do Oriente com pouca noticia; que por isso as Decadas estão cheias de emendaz, e correcçõez feitas a Potolomeo, Arriano, e maiz Geografos an-

antigos, que escreverão da India, no que
são por extremo uteiz, e proveitozas. Man-
dou alem disto vir os Livros da Geogra-
fia da China com suas taboas, e para os
interpretar comprou hum Chim Dou-
to, e ~~outro~~ hum Livro da Geografia da Persia
como se entende
~~como deve ser~~ Decada II. Liv. V. C. I.

Depois de Barros tem lugar distincto o ~~Callarei agora de~~ seu Successor.

Diogo do Couto: foi este natural de Lisboa: nasceo em 1542, aprendeo Grammatica no Collegio de S.to Antão, com o P. Manoel Alvares; Rhetorica com o P. Cypriano Soarez; e Filosofia com o Santo Varão D. Fr. Bartholomeo dos Martyres em Bemfica, com a morte de seu pai Gaspar do Couto ~~largou~~ e do Infante D. Luis, que o protegia largou as letras; seguio as armas, e embarcou p.a a India em 1556 e servio oito ou dez annos; veio depois a Lisboa requerer o premio de seu serviço: e havendo neste Reino a peste, chamada a grande voltou para a India. e estabeleceo-se em Goa, ~~aonde foi Guarda do Archivo, e aonde achou antas noticias e documentos~~ Deo-se la outra vez as Letras, e se fez mui conhecido e amado de todos. ~~Foi Guarda do Archivo [illegible] aonde achou mtas noticias e documentos q. lhe servirão para as suas Decadas~~ ~~[illegible]~~ Foi successor de João de Barros, ~~e escolhido~~ escolhido por o Prudente El Rei D. Filippe, ~~o nomeou~~ para continuar a Historia da India; ~~deo principio~~ a

Deo principio

á esta obra pela decima Decada por começar do dia, em que o mesmo Rei fora jurado, e recebido naquelle Estado. e a acabou com o governo de Manoel de Souza. El Rei lhe agradeceo a obra, e lhe enviou a dizer tornasse atras, e continuasse o que faltava a João de Barros, e assim fes a 4.ª, 5.ª, 6.ª, 7.ª, 11.ª, e 12.ª, e a 8.ª, e 9.ª acabou, as quaes lhe furtarão em huma doença que teve: melhorando porem, e sendo já de 70 annos recordou a memoria, e fes hum só volume das mais principaes coisas que nella tratava, em tal forma, que a todo o tempo que as outras apparecessem se conhecesse serem obra sua.

Escreveo com verdade e discriçaõ e com estylo duro sentencioso e grave, como homem q' muito tinha aproveitado nas Bellas Letras, e na Filosofia

Da dita sua obra só andaõ impressas 5.ª a 4.ª, 5.ª, 6.ª, e 7.ª em Lisboa em 1602 1612. 1614 e 1616, as mais ficárão por sua morte em poder de seu Cunhado o P. Fr. Diodato da Trindade, Religioso de S. Agostinho.

Foi

Foi nomeado Guarda-Mór da Torre do Tombo do Estado da India, quando Filippe I. mandou ordenar este Archivo pelo Vice-Rei Mathias de Albuquerque; onde se recolherão todos os papeis, que costumavão andar por mãos dos Secretarios, o que lhe servio de muito para a sua obra: alem de assistir cincoenta annos naquelle Estado, sendo Cidadão delle.

Falleceo em 10 de Dezembro de 1676. sendo de 74 annos.

Vid. Faria Epitome. P. 4. c. 15. Let. D. Souza Flores de Esp. XC. 11. p. 70 w. p. 7. Hist. da Acad. em o Prolog. Franc. José da Serra Craesbek de Carvalho Notic. de alguns authores Portuguezes Mss.

Cmo de

20-5-100

Carta
Sobre Escritores
das cassas de Africa

Meu Amº. Sr. dos Escritores das Cassas da Ana, em q. vos falli, [illegible] da Africa; e entre elles vos aconselho obra, se a poderes alcançar, do Preste João da India

o Do P. Francisco Alvarez Capellaõ q. foi do Snr. Rey D. Manoel e seu Embaixador da Ethiopia, ou Abyssima podeis ler o Livro do Preste Joaõ das Indias, ou Relaçaõ da sua viagem que elle compoz impresso em Lisboa em 1540 em fol. Damiaõ de Goes promettera traduzillo em Latim. Em Francez foi trasladado como Obra, que continha noticias vteis e curiozas e ainda que Faria o P. Almeida e o P. Telles julgaraõ que elle naõ tinha genio para fazer huã boa Relaçaõ todavia naõ dezempenhou taõ baixamte. a sua empreza, q. naõ tenha mto. que louvar e certo que grandes elogios lhe deraõ os estranhos como Bodino M. de

la

la Croze e M. le Grand

S) Com este pode-se ajuntar

Jeronymo Lobo

Foi natural de Lisboa, do Instituto da Companhia de Jezus, morreo em 1678 viajou a Ethiopia, aonde estave longo tempo compôz huma Relaçaõ das coizas da Abissinia, em que he exacto, curioso, e instructivo. Foi traduzida em Francez por M. L'Abbe Joachim Le Grand, e imprimo-se em Pariz em 1728.

Bulx
442

Carta

sobre o Poeta de Francisco Roiz Lobo.

vid. adiante
V. se falta della

Am.º tenho agora de vos fallar de hum de nossos Poetas de mayor nome, em.º bem merecido que nunca posso largar das mãos, he Francisco Roiz Lobo; quando elle nasceo, as Musas lhe lançarão flores sobre o berço, e as Graças lhe doarão todas as suas elegancias, e donaires. As suas Poesias Lyricas são as obras q̃ fazem mais honra a o seu talento, por certo q̃ em m.ᵗᵒ dellas fez reviver o gosto do Poeta de Theos com todos os seus encantos. que verdade, que graças na pintura da Vida Campestre, querer-se-hia ser pastor, e não habitar senão no Campo, q̃ nos elle

elle mostra.

Os versos entrelaçados nas suas Poezas da Primavera do Pastor Peregrino e Desenganado são pela mayor parte admiraveis a natureza he bem expressada, e com ella ajunta a magica de espalhar o deleite e graça nos seus quadros, elle he bello nas passagens, mimozo nas figuras graciozas; tem expressões vivas amenas delicadas pitorescas, grande docura e suavidade de estylo, q̃ enamora huma frescura agradavel q̃ deleita o seu pincel he doce macio cheio de graça e de genio o seu colorido o mais fresco, e brilhante q̃ pode haver, a pintura da vida camponez, das florestas dos montes das arvores dos rios das passagens he cheia de variedade de frescura e gosto todas as im=

vejase o mesmo nos outros cadernos da Lyrica

Copia

57

Carta

~~Mes Cellaro~~

Sobre o uso das tradições antigas

Meu Amigo, q.do li a vossa carta, em q.e mto inclinaes p.a a secta moderna de dar todo o antigo o factor ou documentos por falsos ou suspeitos ~~sem~~ por si não acharem attestados nos Authores, lembrei-me de vos escrever o q.e lhes o d.o Escrita da viagem do moço Stuchardis.

Quando li estes autores, ~~digo entaõ~~ disse eu, não ~~sou~~ me revoltei com as fabulas absurdas que ~~elles~~ recontaõ, mas tambem respeitei todos os factos, ~~q.e elles~~ salvo os de q.e elles foraõ testemunhas ~~os respeitei~~ ~~todos~~; porque em fim desde q.e vejo que elles ~~foraõ~~ tem sido os primeiros que no los ~~contaraõ~~ e transmittiraõ ~~em que fontes~~ ~~os beberaõ~~ de q.e fontes os tomaraõ elles? Euclides me respondeo: Elles subsistiaõ na tradiçaõ que perpetua de idade em idade a memoria das revoluçoes, q.e tem affligido a humanidade: nos escritos dos Poetas q.e haviaõ conservado a gloria dos heroes, as genealogias dos soberanos, a origem e as emigraçoes de mtos povos. nesses longos ins crincoes, q.e continha ostentados entre as naçoes a ordem successiva dos ministros ~~com~~ addidos nos principaes templos da Grecia

nas festas altares, estatuas edificios consagrados, na relaçaõ de certos successos q.e o ~~[illegible]~~ a vista continuada dos lugares e das ceremonias parece renovar todos os annos

---

Quand je lus ces auteurs, dis-je alors non seulement je fus révolté des fables absurdes ~~que~~ qu'ils rapportent, mais à l'exception des faits dont ils ont été témoins je les ~~rejetai tous~~. Car enfin, dès ~~qu'~~ qu'~~ils~~ ils ont été les premiers à nous les transmettre, dans quelles sources les ~~avait avoient-ils~~ avoient-ils puisés ?. Euclide me répondit : Ils subsistoient dans la tradition qui perpétue d'age en age le souvenir des révolutions qui ont affligé l'humanité ; dans les écrits des poëtes qui avoient conservé la gloire des ~~heroes~~ héros, les généalogies des souverains, l'origine et les émigration des plusieurs peuples (a) : dans ces longues

ces longues inscriptions qui contenoient des traités entre les nations (b) et l'ordre sulestif des Ministres attachés aux principaux temples de la Grece (c) dans les fêtes, les autels les statues les edifices consacrés à l'occasion des certains événemens, que l'aspect continuel des lieux et des ceremonies semblait renouveller tous les ans. voyag du jeune Anacharsis c. LXV. tom 7

(a) Ves. Mem. de l'Acad. des Bell. lettr. tom 14. p. 165 (b) Galit. Annal. 14. c. 43 (c) Thucydid. lib. 2. c. 2. Schol. ibid. Dionys. Halic. Ant. Ro. lib. 1 tom 1 p. 181 Polybio Excerpt. p. 50 Memor. de l'Acad. des Inscript. et Bell. lettr. tom 23 p. 504.

Illmo e Exmo Senhor

Havendo recorrido a Sua Altesa Real o Principe Regente N. Snr o Official da Real Bibliotheca da Corte Prudencio Jose da Costa Furtado, pedindo licença de dois mezes com vencimto pa se ausentar ~~com vencimto~~ do serviço da mesma Bibliotheca e ir tratar negocios urgentes de sua casa, foi ~~Sua Altesa~~ o mesmo Snr servido por seu Aviso de 6 de Abril deste anno mandar-me remetter a sua Petição pa eu lhe deferir como me parecesse justo. Este Official sem esperar o deferimento ausentou-se pa Coimbra pa ali servir voluntariamte e de seu motu proprio, a occupação ~~o emprego~~ de escriturario, ~~pois~~ que se lhe offereceo pretendendo unir assim os dois salarios o da Bibliotheca, e o da dita ~~escripturalio~~ escrituralão, como ~~o q~~ elle mesmo me declarou e á ~~toda a~~ Officialidade da Bibliotheca ~~do primeiro e ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~licença~~. O q elle occultou na Petição q fiz a Sua Altesa, pretextando outro motivo com manifesta obrepção e subrepção. Nestes termos não lhe deferi pa o vencimto e nem ainda pa a licença ~~e lhe fiz participar~~ ~~o despacho~~ que lhe denegava o Estatuto da casa, e q ~~[illegible]~~

e que seria em grande ~~falta do serviço~~
~~da Bibliotheca~~ desserviço da Bibliotheca
no estado em q se achava ~~pela ausencia~~
~~de hum com fora do Reino~~ e pelo falecimento
hum ~~de officiaes hum~~ e pela ausencia de outros
retido ~~licença~~ fora do Reino: pelo q

~~ao lugar aonde elle se achava~~
~~e~~ por carta de officio na data de 12 de ~~Abril~~ Abril
~~e~~ Pe. fez mandar fazer participação deste despacho
ao lugar em q se achava, p.a q o soubesse
e ~~para q~~ se recolhesse ao serviço da
Bibliotheca, ao que naõ attendeo
deixando-se estar ausente ate agora
e em deserção de seu lugar
Por este facto o ~~porq~~ tem elle perdido ~~seu lugar~~
na conformidade do Estatuto da Casa
q o manda vagar ipso facto
todas as vezes q o Official ~~faltar ao ser-~~
~~vico~~
tiver sem justa causa
tantas faltas no serviço
q preenchaõ o numero de
e proceder logo a escolha e apresenta
çaõ de outro, q ~~bem~~ possa bem servir
o seu lugar

Em consequencia disto ~~estando~~
~~vago este lugar por ausencia~~
e ~~deserção do d.o Prudencio~~

proponho e apresento p.a elle ao
P.e Joaõ Manoel Alvares Ajudante
mais antigo da Casa e pessoa ~~mui~~
~~instruida nas coisas da Bibliotheca~~
de todas as boas partes ~~e muita instru~~
e de muita instrucçaõ e serviço nas coisas da Bibliotheca
o qual em virtude ~~da~~ do accesso q
se concedeo a todos os Ajudantes
tem direito de subir ~~por accesso~~ ao
lugar vago de Official

para q̃ sendo do Real Agrado de
Sua Alteza merecia a sua Appro-
vação e Confirmação, e passe a
servir aquelle emprego como
vencimto competente em folha

e porq̃ provendo-se este lugar no
dito ~~Ajudan~~ virá a ficar vago
o de Ajudante, pa elle propondo
e apresento o Pe Francisco José
de Carvalho
que tem as qualidades necessarias
pa elle; e he pessoa de quem
muito confio q̃ o servirá com
~~actividade~~ fiel desempenho de
suas obrigações, pa q̃ Sua Alteza
se digne ~~de o approvar~~ tambem de
o approvar e confirmar, se assim
for de seu Real Agrado.

Ds. gde av. Exo. Lisboa de
Agosto de 1810.

Illmo. e Exmo. Snr
João Antonio Salter
de Mendonça.

Ao Ill.mo Sr. André Dubatchewskoi
pede que seu ven. alr. ~~Aut~~ alr. Aut chel
que sua ~~S.a~~ a ~~nota do q estava~~
~~devendo a sua S.a~~
q se ja se achar concluido o pagamento da des
pez q sua S.a fez, por occasião na vestoria e medi
dos dos terras, ~~mi~~ fala a merce de
remeter a nota do q elle deve satisf
desta pte

Cop

2-5-100

Estylos e Formularios Ceremoniaes Das Cartas dos Principes e Grandes Senhores para outros.

Estilo de cartas de chancelaria del Rey D. Joaõ o 3º
por resolução [illegible] de anno de 1522 —

Ao cardeal e Infantes, aos Duques e Mestres —
Rdo. honrado Sr. Primo — sem saudares a dentro da carta peço e me rogo, peço tal cousa e me permitta, e me ha de estimar e me agradecer; como se dissera estimarei isto [illegible] —

Aos Marquezes [illegible]
Honrado Sr. Primo ou de outra maneira Sr. Marquez Primo, recebirei em singular graça tal cousa. &c

Aos condes [illegible]
Honrado conde Primo [illegible] honrado conde, sem saudares, agradecerei [illegible]

Ao Prior do crato, como aos condes [illegible]

Aos Arcebispos.
Rdo. Sr. Arcebo. sem saudares. Recebirei em singular graça tal cousa —

Aos Bispos.
Rdo. Bispo, sem saudares, me agradecerei &c

Aos filhos dos Duques, e dos Mestres sejão ou não sejão honrados; tendão ou não tendão titulo, assim como aos condes parentes —

As pessoas que tem [illegible] com El Rey.
Foa Primo, [illegible] sem saudares, agradecerei [illegible] &c

Aos senhores de terras [illegible]
Foa amigo [illegible]

Aos de cintello [illegible]
Foa amigo, e assim aos outros fidalgos honrados o mesmo e a boda [illegible] honrado ou Rdo. [illegible]

Quando o cardeal escreuer ou o Infante [illegible]

Ao Emperador.
No principio Sr. [illegible] e no [illegible]: [illegible] excellente [illegible] Emperador [illegible] Rey de Castella e Leão, de Aragão das duas Sicilias e de Jerusalem.

A Imperatriz que se escreue por outrem.
[illegible] N. Sr. [illegible] excellente Princeza Sta. Irmã [illegible] Bajo [illegible] ao Mag. o cardeal, ou Infante Joaõ.
No [illegible] excellente Princeza [illegible] D. F. Imperatriz Rainha [illegible] de Aragão, das duas Sicilias e de Jerusalem, [illegible] Sta. Irmã [illegible]

A Rainha de França [illegible]

S.ra tal [illegible] – Subscripção: [illegible] Infante [illegible] Nosso Senhor: A m.to excell.te Princeza [illegible] S.ra D. [illegible] [illegible] mi [illegible] S.ra

Outra [illegible] das Infantas.

A Emperatriz dirá: S.ra [illegible] papel com [illegible] ou mais, começando [illegible] [illegible] dizer [illegible] dirá mais [illegible] palavras: A Emperatriz minha S.ra [illegible] –

A o Duque de Bragança escrevião as Infantas: S.or Primo [illegible] regra, mas [illegible] cima [illegible] outra começarão [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] por 3.a pessoa [illegible] rezão: Ao S.r Duque de Bragança meu Primo.

Ao Marquez.

S.or Marquez Primo [illegible] mais [illegible] Principe [illegible] dirá: S.r Primo [illegible] [illegible] Irmão [illegible] escrevião a todos [illegible] dirá: [illegible] –

Ao Bispo de Lamego: S.or D. Primo –.

Aos Numerários que as Infantas lhe escrevem.

Al. [illegible] Foão D. [illegible] nos Lugares [illegible]

A h[illegible] o Conde.

Al. [illegible] conde. – [illegible] Conde Primo [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] mais [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] –

[illegible] o Embax.or estrangr.o [illegible] escrevia [illegible] Conde [illegible] [illegible] –

Ao Visconde de Ponte de Lima [illegible] [illegible] para Ant.o A h[illegible] o [illegible] fidalgo [illegible] [illegible] escrevião [illegible] amigo [illegible] de [illegible] [illegible] ElRey [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] Aos fidalgos: agradecemos [illegible] [illegible] agradecemos [illegible] [illegible] serviço – [illegible] a outras pessoas.

Aos [illegible] [illegible] dirá: [illegible] [illegible] Por o Infante: [illegible] [illegible] [illegible] –

Aos [illegible] estrangeiros dirá: S.or [illegible] ou D. [illegible] [illegible] com algumas [illegible] [illegible] [illegible] nenhum [illegible] o [illegible] ou os [illegible] do Imperio escrevião [illegible] como a Duques [illegible]

Estilo das Infantas.

[illegible]

As Infantas observarão o mesmo estilo dos Infantes nas cartas que escreverem so com a differença q̃ ás pessoas q̃ os Infantes chamão Foad amigo, dirão somente Foad Eu a Infanta e as envio m.to saudar —

As Donas honradas sem H. F. amiga e ás cordeas: m.to honrada F. —

A Mad. do conde da Castanheira e a m.er do Regedor, e as 1.as desta qualidade Bas porão: Honrada F. —

A camareira mor da Rainha escrevem os Infantes em regra, e isso mesmo farão as Infantas —

Aos governadores da India dirá somente a Infanta: Foad governador —

De alguns cartas do Infante D. Luis.

Pa — Duque de Bragança: S.or Primo — No fim: N. S.or acrescenta sua vida e estado com decaja — No sobrescrito: Ao S.or Dom Theodosio Duque de Bragança meu Primo —

Desta mesma sorte ao M.e de Santiago, e a todos os Duques, tirando a circunstancia do parentesco, se o vão tiver —

Estilo das cartas dos Reys de Portugal e cartas aos Príncipes de Europa, em
Lua nas papeis dos Secretarios de Estado.

P.a o Papa, dama d'Alley.

No lugar onde necessitava por S.ta de Deos com: Mt.o Santo
em Christo P.e and.e Sem aventurado S.or na carta de Sua
Beijare seus pes em o fim - N.S.or por Largos annos com saude e
em semelhante serviço - Sua Ordinal Sem adas a carta Rainha
Mt.o Reverendissima filho de D.e - No sobrescrito - Ao Mt.o
em Christo Padre e Sem aventurado S.or Papa F. por Di-
vina Providencia Sua Prudencia no universal Igreja de Deos.

P.a o Regente mãi do Secretario

Em Christo - Mt.o S.ta em Christo, em.e Sem aventurado S.or o Como
Devoto e obediente filho F. Conde de Lumiares Devoto
ver vossos pes em.e S.ta em Christo P.e and.e Sem aventurado S.or N.o S.or
Ds. fim - Mt.o S.ta em Christo P.e and.e Sem aventurado S.or N.o S.or
por Largos annos com saude e Sanctidade em.e S.ta Igreja.
No sobrescrito - Ao em.e S.ta em Christo P.e D. como emmo. -

A o cardeal Infante Dama d'Alley.

No principio Dacima sepam em regra separada - S.or Tio. -
No fim - Do Sobrinho que vos Beija as mãos de vosa - No sinal - como
Sobrinho - No sobrescrito - A o S.or Cardeal Infante meo Tio. -

P.a o concilio geral.

Sagrado S.to geral concilio amtel pais q. Esp.to S.to Legitimam.te
ajuntado em universal Igreja representante. Eu D. F. Pelos de-
sejo sincero q. tenho de vos fazer Serviço e Sobrinal Deseos vos faço saber. S.tos Padres
Como Dama d'Alley embio a Sua Embaixador para ver de V.
ser as cousas desta Sagrado - No fim - Sagrado S.to geral
concilio o Esp.to S.to vos deixe ordenar como a seu S.to serviço e bem
da universal Igreja - Dama e amiga que vos quer muito. Esp.to
Sancto vos mande com regra - A o concilio N. d'Alley assina. -
No sobrescrito - Ao Sagrado S.to geral concilio em tal cidade
Esp.to S.to Legitimam.te ajuntado e universal Igreja representante.

P.a o Arcebispo de Evora.

Reverendissimo em Christo Padre muy como Irmão muito
amados. Eu D. F. Pelas Sas de muita vos mando saber.
Reverendissimo em Christo Padre muy como Irmão mt.o amados Nosso S.or
vos tenha sempre em sua Santa guarda - No sobrescrito - Ao Re-
gedor Collegio dos Reverendos em Christo Padre, os Arcebispos muy muy
como Irmãos mt.o amados - Coimbra e Lisboa tenham em toda a Sua
vida o concilio geral.

†

P.e a dezhum dos cardeaes em particular.

Ill.mo em Christo Padre & como Irmaõ m.to amo. Eu D. F. vos envio m.to saudar. — No fim — Ill.mo em Christo P.e & como Irmaõ m.to amo K.e sp.to vos haja sempre em sua santa guarda — No sobrescrito Ao Ill.mo em Christo P.e S.r Cardeal F. meu como Irmaõ m.to amado. — Escreuese-lhe como a fol.a 89 pg.a 1.a como ao Collegio. —

P.e os Arcebispos defora do Reyno e outros Prelados gr.es como Patriarcas, sem serem Arcebispos ou Bispos tem Bom, e q.e escreuese no sobrescrito, como & Irmaõ Padre D. F. Boa, dahi se ve o q.e ha de escreuer. —

Ill.e Ar.e em christo P.e Arcebispo &.c eu D. F. vos envio m.to saudar, como aquelle & cujo auzentam.to mto folgarei. — No fim — Ill.e Ar.e em christo P.e Arced.e &.c Nosso S.r vos haja sempre em sua santa guarda — No sobrescrito — Ao m.to Ar.e em X.to Arced.e de Lixboa

P.e os Bispos fora do Reyno.

Ar.e em Christo P.e Bispo &.c Eu Dom F. vos envio m.to saudar. —

P.e os geraes das ordens.

Padre geral — No sobrescrito — Ao P.e F. F. geral da tal ordem —

P.e o Arcebispo de Braga.

Ar.e em X.to P.e Arcebispo Primaz amigo. Eu ElRey vos envio m.to saudar como aquelle & cujo auzentam.to mto folgarei — No sobrescrito Por ElRey ao Ar.e em X.to P.e D. F. Arcebispo, e S.r de Braga Primaz de Hespanha e do seu con.o & Estado — Desta maneira se escreue aos outros Arced.es & Ill.mos tirando sempre a Dignidade de Primaz —

Ao Arced.e de Goa, chama ElRey Primaz da India —

P.e os Bispos —

Ar.e Bispo amigo. Eu ElRey vos envio m.to saudar — No sobrescrito Por ElRey: ao Ar.e Dom F. B.o de tal Lugar, ElRey meu amigo &.c de tal Estado se for — Veas Bs. prom parenty se lhe escreueraõ o q.e Ar.e B.o sobscrito amigo. Eu ElRey vos envio m.to saudar como a q.e & m.to amo — os Arcebispos seguem a forma acima.

P.e os Bispos de Coimbra

Ar.e B.o conde amigo. Eu ElRey vos envio m.to saudar como a q.e folgarame — No sobrescrito — Por ElRey: Ao Ar.e D. F. B.o de Coimbra, conde & Regedor de seu conselho.

P.e o grão M.re de Ordem de S. Joaõ de Malta.

Ill.mo e Religioso Padre grão Mestre: Eu Dom F. vos envio m.to saudar como Irmaõ & m.to amo. — No fim: Ill.mo e Religioso Padre grão M.re &.c como Irmaõ m.to amo vos haja sempre em sua santa guarda — No sobrescrito

Ao Mto Virtuoso Religioso padre Mestre Frey Antonio Caetano de Sousa Capitam Regente de Cavallaria da Ordem de Malta, meu sobrinho e Primo amado e muito amado. Eu ElRey vos envio muito saudar como aos cardeaes, acompanhados dos mais titulos, atraz escritos no mesmo logar em que os outros. Escrita em Lisboa aos grande Mto Fevereiro de mil setecentos e oitenta e sete annos. Rainha com guarda. Para o Mto Virtuoso e Religioso padre Mestre Frey Antonio Caetano de Sousa Capitam Regente da Ordem de Malta, meu sobrinho e Primo amado.

Pa o Prior do Crato cavalleiros da mesma Ordem.

Commendadores, cavalleiros, e mais Religiosos da mesma Ordem do Priorado do Crato em Portugal: Eu ElRey vos envio muito saudar.

Pa o Conservador da Universidade de Coimbra.

Reytor, Lente Deputado e cavalleiros da Universidade de Coimbra: Eu ElRey vos envio muito saudar.

Pa a Rainha Mulher delRey.

Mto alta, e muito excellente Princeza: Eu ElRey vos envio muito saudar, como aquella que tanto estimo. Escrita em Nossa Corte aos. Mto alta, e muito excellente Princeza, Vossa Alteza muito tenha em sua santa guarda. Nosso Irmão: A Mto alta e muito excellente Princeza D. Francisca por graça de Deus Rainha de Portugal Tia, todos os mais titulos e Armas, minha Irmã e muito amada Tia e Sogra Mulher.

Pa o Principe N. Senhor delRey.

Mto honrado, e muito querido filho. Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que tanto estimo. Escrita em Nossa Corte aos. Mto honrado e muito querido filho N. Senhor vos haja sempre em sua santa guarda. Nosso Irmão: Ao muito honrado, e muito querido filho Dom N. Principe do Brasil, Senhor Nosso Mto alto e muito poderoso Pai, meu Irmão muito amado, e muito querido.

Pa a Princeza N. filha delRey.

Mto honrada, e muito querida filha: Eu ElRey vos envio muito saudar como aquella que tanto estimo. Escrita em Nossa Corte aos. Mto honrada e muito querida filha Princeza D. N. minha muito amada e muito querida filha. Nosso Irmão como a Princeza.

Pa o Infante N. Irmão delRey.

Mto honrado, e muito querido Irmão: Eu ElRey vos envio muito saudar, como aquelle que tanto estimo. Escrita em Nossa Corte aos. Mto honrado, e muito querido Irmão. Nosso Irmão: Ao muito honrado, e muito querido Irmão D. N. (ou o Mto honrado Irmão) meu muito amado e muito querido Irmão, ou Sogro, ou Genro, ou Tio, ou Sobrinho. Nosso Irmão como em fim.

Pe El Rey de France

Mt alto and. poderoso christianissimo Pe Irmão e Primo. Amigo
~~[illegible]~~
Eu D. F. vos envio mt. saudar como aquelle q mt. amo e prezo. Sob: Mt alto and. poderoso christianissimo Pe Irmão e Primo. N. Sr Vos haja sempre vossa alteza em sua mt. guarda — No sobscrito: Ao mt. alto and. poderoso christianissimo Pe D. F. Rey de France meu mt. amado e prezado Irmão e Primo — No sinal: Vosso bom Irmão e Primo

Pe El Rey de Inglaterra.

Serenissimo mt. alto and. poderoso Pe Irmão e Primo: Eu D. F. vos envio mt. saudar como aquelle q mt. amo e prezo — No fim: Serenissimo mt. alto mt. poderoso Pe Irmão e Primo: N Sr Vos haja sempre em sua mt. guarda — No sobscrito: Ao serenissimo mt. alto and. poderoso Pe D. F. Rey de Inglaterra e France Sr N. Rey de Hibernia, meu mt. amado e prezado Irmão e Primo —

Pes os Reys de Polonia Dinamarca Bohemia e outros.

Serenissimo mt. alto and. poderoso Pe Irmão, eu D. F. vos envio mt. saudar como aquelle q mt. amo e prezo — No fim: Serenissimo mt. alto and. poderoso Pe Irmão e N. Sr Vos haja sempre em sua mt. alta and. guarda — No sobscrito: Ao Serenissimo mt. alto and. poderoso Pe D. F. Rey de N. meu mt. amado e prezado Irmão

Pe o Duque de Saboya.

Illmo e dd. poderoso Pe meu mt. amado e prezado Primo — No fim: Illmo e dd. poderoso Pe meu mt. amado e prezado Primo N. Sr Vos haja sempre em sua mt. guarda — No sobscrito: Ao Illmo e dd. poderoso Pe meu mt. amado e prezado Primo o Duque de Saboya —

Pe o Duque de Veneza.

Illmo e dd. poderoso Pe meu mt. amado e prezado Primo — No fim: Illmo e dd. poderoso Pe meu mt. amado e prezado Primo N. Sr Vos haja sempre em sua mt. guarda — No sobscrito: Ao Illmo e dd. poderoso Pe meu mt. amado e prezado Primo o Duque de Veneza —

Pe o Duque de Parma.

Illmo e Excellente Pe Duque de Parma meu mt. amado e prezado Primo — No fim: Illmo e excellente Pe meu mt. amado e prezado Primo N. Sr Vos haja sempre em sua mt. guarda — No sobscrito: Ao Illmo e excellente Pe Duque de Parma meu mt. amado e prezado Primo —

Pe os Duques de Alemanha e Flandes.

Illmo e excellente Pe eu D. F. vos envio mt. saudar como aquelle q mt. amo e prezo — No fim: Illmo e excellente Pe N. Sr Vos haja sempre em sua mt. guarda — No sobscrito: Ao Illmo e excellente Pe Duque de

Pe os grandes de Castella Reyno de Leam e Reyno de Sicilia
Reyno de Indias Reynos de aquella Reyno e Conquistas
Flandes &c

P.º Conselho no Principio: Ill.mo Duque ou qualquer outro R.º
Patenteado a ~~[illegible]~~ Ao Ill.mo Duque (ou outro qualquer tt.)
Governante, e gov.or dos estados de Flandes ou segundo o que for —

P.ª os grandes de Castella que não forem duques, nem q.dos
No Principio: Ill.mo Duque (o q tt. q tiver) [illegible]
o parentesco que tiver com o Rey; ao mesmo se põem no sobrescrito

P.ª os titulos de Castella q não forem grandes:
Aos Marquezes: Ill.e magnifico Marquez; o mesmo aos condes —

Para o Rey de Congo.

Ill.e nobre e prestante Rey de Congo: Eu D. F. vos envio m.to saudar como aquelle que como irmão m.to amo [illegible]. — No fim: Ill.e nobre e prestante Rey que como irmão m.to amo. N. S.r haja sempre vossa pessoa e real estado em sua s.ta guarda — No sobrescrito que começa logo em cima: Ao m.to nobre e poderoso Rey F. Rey de Congo meu como irmão m.to amado e prezado — e escreve-se-lhe em toda a folha estendida ao comprido de alto a baixo, como aos Cardeais: —

P.ª os Pr.es Infieis —

P.ª o Turco —

Ill.mo e prestante S.or N. — ElRey D. F. &c. vosso amigo &c. Não tem sobre- mas senão a poderá ser de m.da q se poem a o Xarife de Marrocos e dizer: Ill.mo e prestante Emperador de Constantinopla: N. S.r vos alumie em sua graça e com ella haja vossa pessoa e real estado em sua guarda — e no sobrescrito: Ao Ill.mo e prestante S.or &c.

P.ª os Baxas do Turco.

Ill.e nobre e honrado ~~[illegible]~~ Baxá &c. Eu D. F. vos faço saber — e no sobrescrito: Ao m.to nobre e honrado Baxá &c.

P.ª o Xarife.

Ill.e nobre e poderoso Rey de Marrocos e de Fez: Eu D. F. vos faço saber &c. — No fim: Ill.e nobre e poderoso Rey de Marrocos e de Fez: N. S.r vos alumie em sua graça e com ella haja vossa pessoa e real estado em sua guarda — No sobrescrito: Ao m.to nobre e poderoso Rey de Marrocos, e de Fez. —

P.ª o Alcayde do Xarife

Honrado entre os Mouros e bom cavaleiro Alcayde ~~[illegible]~~ F.: Eu D. F. vos faço saber — No sobrescrito: Ao m.to honrado entre os Mouros e bom cavall.º N. Alcayde de tal lugar —

P.ª qualquer Infiel.

Fuão, Eu elRey vos faço saber tal cousa &c.

Pa os Reys da India.

Nobre e honrado Rey de tal parte. Eu ElRey vos faço saber tal como
Eaos q forem christaes no lugar onde diz vos faço saber se dirão
envio mt. saudar — No fim: Nobre e honrado Rey, &. Sr. vos conserve
em sua Santa graça — No sobrescrito: Ao nobre e honrado Rey de tal parte —
Escreveçe em toda a folha de papel; assim mesmo aos Reys de Persia —

Pa o Sr. D. Ant. Prior do crato. —

Honrado D. Antonio Prior, e amigo: Eu ElRey vos envio mt. saudar
como aquelle q mt. amo e prezo — No sobrescrito: Ao honrado D.
Duque de tal parte meu mt. amado e prezado Prior —

Pa Marquez de Villa Real.

Honrado Marquez sobrinho e amigo: Eu ElRey vos envio mt. saudar
como aquelle q mt. prezo — No sobrescrito: Por ElRey — Ao honrado
D. F. Marquez de Villa Real, meu mt. prezado sobrinho, capm. ge
e governador da cidade de Capta —

Pa os Irmaes dos Duques.

Foa sobrinho e amigo. Eu ElRey vos envio mt. saudar como aquelle
q mt. amo — No sobrescrito: Por ElRey — A Foa meu mt. amado sobrinho

Pa a Duquesa de Aveiro.

Honrada Duquesa sobrinha. Eu ElRey vos envio mt. saudar, como
aquella q mt. prezo — No sobrescrito: A honrada D. F. Duquesa
Aveiro, minha mt. prezada sobrinha —

Pa os condes de Alcoitim e Tentugal.

Conde sobr. amo. Eu ElRey vos envio mt. saudar como aquelle q amo

Pa os outros condes.

Conde amo. Eu ElRey vos envio mt. saudar, como aquelle q amo —

Pa o comendador mor D. Rodrigo Alencastre D. Joaõ e D. Luis.

D. F. sobr. amo. Eu ElRey vos envio mt. saudar como aquelle
q mt. amo — No sobrescrito: A D. F. meu mt. amado sobrinho —

Da sorte q escrevia a Emperatriz ao Duque de Bragança —
Ao muy illustre Duque de Bragança meu mt. amado sobrinho —

Copiada 2-5-100

Carta
sobre os estudos
da Historia Natural
em Portugal

Meu Amº: ~~bem pare~~ mto me agradou
as noticias da vossa carta e ~~m~~ em parti-
cular a de teres accrescentado a agri-
cultura da vossa quinta com o Jardim Bo-
tanico, posto q pequeno, q por ventura podera
hum dia ser maior
ser com a moda e inda bem q com utili-
dade real.
hoje serve tudo ~~n~~ em estudos
de Historia natural, que certo de
mto serve para as sciencias fysi-
cas e para as artes: mas não
cuideis q nossos passados forão
inteiramente descuidados desta sciencia da Na-
turera, principalmente da Botanica, e em verdade
se não forão mtos alguns
houve toda via q se ~~dei~~ fizerão
progressos e escreverão obras, q
ainda hoje se estimão mto.
* Europea e qto a Botanica * de q so agora
fallarei ~~dou-vos~~ eu vos sembro
ao nosso Amato Lusitano, que
mto ~~a~~ cultivou os seus estudos em qto
esteve em Portugal e mto mais
depois q passou para Florença

aonde ella
~~Cidade~~ florecia ~~a Botanica, e quão pou-~~
~~o qual vaga sabendo~~ o
~~co se cuidava della em nossa Hespanha~~
o qual
a conselhava aos que dezejavão ter hũ
exacto, e verdadeiro conhecimento desta
Sciencia, que se traspassassem para a
quella Cidade, aonde havia os grandes Mestres ~~florecião~~ Brassa-
vola, Canani, Manardi, e outros ~~muitos~~ mais
Ferrarezes. Delle temos os Commenta-
rios, que escreveo a Dioscorides, que não
são de desprezar, posto que Mathiolo os
não estimasse em muito, por elle não ha-
ver decifrado ~~nelles~~ as verdadeiras plan-
tas indicadas pelos nomes, e serem ~~em~~ incom-
pletas as suas descripçoens, ~~que são nos Livros de~~
~~Dioscorides~~; notai porem que Mathiolo
não as decifrou muito melhor, pois não compa-
rou as plantas, que a natureza produ-
zia, com as descripçoens de Dioscorides.

A

Além de Amato Lusitano outros houve, que se derão a taes estudos, como forão Martinho de Figueiredo, que escreveo sobre a Historia Natural de Plinio, ~~Christovão da Costa, que creio ser o Christovão chamado Africano, por ser natural de huma nossa Colonia d'Africa, Discipulo de Garcia de Orta: o qual compôz em lingua Castelhana hum Tratado das Drogas, e Medicinas do Oriente, com as figuras das mesmas plantas, e havia composto outro das Aves, e animaes da Asia, como elle mesmo confessa no seu Tratado do Elefante,~~ e Thomaz Rodriguez da Veiga, avô do celebre Thome Pinheiro da Veiga, Cathedratico de Medicina na Universidade de Coimbra; ~~deste~~ do qual se conta que chegou a

a formar dentro do edificio de sua ha-
bitaçaõ hum Jardim Botanico, de que
falla Dymas Bosque na Carta, que
lhe escrevêo de Gôa, que vem no fim do
Colloquio LVIII. da Obra de Garcia de
Orta da ediçaõ de Gôa de 1563. Dar-
vos-hei aqui o lugar, porque talvez naõ
tendes esta obra = De te intelleci, Doctor
amplissime, cum in florentissima co-
rimbricensi, Academia Medica Facul-
tatis praecepta te docente, operam da-
bam, curabas in domesticum hortum
deduci; ut ipsas nascentes, adolescentes,
floribus refertas, et tandem maturas
agnoscerem =.

Escrit de Botanica Asiatica

Da Botanica Asiatica, ou da
India escreveraõ alguns dos nossos com
grande credito de seus nomes. Foi o pri-
mei-

Garcia d'Orta

meiro, e o mais distincto delles Garcia de Orta natural de Elvas, e Professôr de Medicina na Universidade de Coimbra. Elle deixou a sua Cadeira em 1534, e passou com o Viso-Rey Dom Luiz de Ataide á India, com o partido de seu Medico, e lá viveo communicando sempre com pessôas doutas, e Medicos instruidos, e curando por espaço de trinta annos muita diversidade de gentes, e não só na companhia do Viso-Rey, e Governadores da India, mas nas Côrtes dos Reys Mouros, e Gentios.

Sáo dignos testemunhos de seu grande saber os Colloquios, que imprimio, e publicou em Goa em 1563. em 8.º, na officina de Joaõ de Eden, (ediçaõ rara) e depois se reimprimiraõ em Burgos por Martim de Victoria com o titulo de Tratado das Drogas.

~~ge por Martin de Victoria com o Titu-~~
~~lo de Tratado de las Drogas.~~

Teve começada esta obra em Latim mas dezistio por honra de nossa lingua, e porque o proveito fosse mais commum, e transcendente a os nossos. Nella tratou das plantas, hervas, aromas, e drogas do Oriente, em que descubrio muitas coisas, que não havia conhecido Dioscorides; nem algum outro dos antigos, e nem erão sabidas dos Europeos modernos ~~e modernos~~ que escrevêrão antes delle; e outras que elles conhecerão, mas não descreverão bem; porquanto a India descuberta pouco antes lhe apresentou novos objectos, e lhe fez vêr a natureza debaixo de hum novo áspecto. Foi tão curiozo, que empregou sua vida, e letras em inquirir por aquellas terras, o que

tocava

tocava á sua profissão, indagando virtudes medicinaes das hervas, e plantas, q. produzia aquella vasta Região, peregrinando por diversos Climas de toda a India, e China, e padecendo grandes trabalhos para alcançar em beneficio dos homens os segredos da natureza, o que tudo recolheo e compilou nos seus Colloquios. Haller os estimou em tanto, que affirmou, por elles ser Orta o primeiro, que vio a Natureza. De seus descubrimentos o louvou muito Camoens na Ode VIII. pedindo a D. Francisco Coutinho Conde de Redondo e Viso-Rey da India, que lhe desse licença para a impressão: diz elle assim

„ Plantas novas que doctos não conhecem
„ Descubrindo.

— Segre

" ——————————— Segredos certos
" A todos os Antigos encubertos. (e)

Foi sua obra traduzida em latim por Carlos Clusio com o titulo = Aromatum et Simplicium aliquot elle di Cumentorum apud Indos nascentium historia: Antuerp. ex officina Christophori Plantini 1567. 1. vol. 8.º = Elle dizpôz a obra de Orta com melhor ordem, cortou algumas coisas inuteis, porque como elle seguia a ordem alphabetica, e escreve em Dialogos, traz coisas fora de seu proprio lugar, e repete outras, como acontece na Dialogistica.

vir sane doctissimus clusio

Não deve ficar em Silencio João Fragozo

Seu Discipulo Christovão da Costa q. creio ser o mesmo q. o Christovão Aristão o qual compoz em Lingua Castelhana das Drogas e medicinas do Oriente

~~Fragozo de que he Lara a obra intitulada~~

que estampou com as figuras das mesmas plantas e compoz outras aves e animaes da Asia como elle mesmo anuncia no Sex Prado do Elefante

(e) ~~Est. VII. C. X~~

17

S. Aparecem tambem honrosa memoria de João Fragoso autor da Lara obra

intitulada = Aromata fructuum = impressa em Argentina em 1601., de que vi hũ exemplar na Selecta Livraria de Luiz Pinto de Souza Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, e de Guerra ~~nem menos~~ Thome Pereira, ou Peres, que escreveo muito bem das Plantas, e Drogas do Oriente: e o Author da ~~Çalça Parrilha~~, obra offerecida á Rainha D. Catharina sobre a Salsa parilha, q a mesma fora ~~que a~~ mandou ao Papa Clemente VII., de que nos consta por João Metello, escrevendo a Jorge Cassandro em 1543, q ~~podeis vêr~~ vem na Collecção Illustr. Viror. Epist. Scripta vel a Belgis vel ad Belgas Cent. I. Epist. XXXIV. edição Elziv. 1617.

Thome Pereira

Não faltárão tambem Filosofos entre nós, que ~~tambem~~ se applicárão ao conhecimento da Botanica da America; distin-

Escritores da Botanica Brasiliense

§ Não faltarão tambem Filologos, que entre nos se applicarão aos estudos da Botanica da America.

Pero de Mta. gallhaes

Distinguio-se entre todos Pero de Magalhaes, grande amigo de Camões, na sua Historia de Santa Cruz do Brazil, em que tratou da herva Santa (depois chamada herva do Tabaco, ou da Ilha Tabago, e herva de M. Nicot.) da mandioca, da arvore do Balsamo, da Copaiba, e de algumas outras producçoens da America Meridional; e nos principios deste seculo (1700) o P. Prudencio do Amaral Jesuita no seu bello Poema Latino de Opificio Sacchari, em que tratou com o estylo Virgiliano da Cana de assucar, e do seu fabrico, o qual se imprimio em Otaba

P.e Prudencio do Amaral

2-5-101

Cartas

do Dor. Antonio Ribeiro dos Santos

Illmo Snr Joaquim 74

Jozé Guiaõ

Meu prezado Amº Snr e Collega senti
naõ poder gozar dos prazeres da vezi=
ta de V. Sª em dias passados. Vou por
dois motivos a prezença de V. Sª primeiro
a dar-lhe parte de q̃ para a semana se=
guinte se hade fazer huma Sessaõ da
Junta de Revista se V. Sª naõ tiver
com isso incommodo de cujo dia avi=
zarei: segundo para lhe rogar de
novo o favor de se querer nella encarre=
gar da teitura dos meus papeis o q̃
haverei em mui grande mercê. Deve=
ria ter hido algũa vez a Meza, athe
para fallar-mos nisto mas ando ha
tempos occupado com a assistençia ao
Balanço Geral dos Livros Medalhas
e mais moveis da Real Bibliotheca
unico resto dos meus trabalhos
com que ja bem naõ posso na mi=
nha emferma e cançada velhiçe.

Dezejo que V. Sª tenha saude

e que Deos guarde a V. Sa muitos annos

De V. Sa

Amigo do C.

S. C 26
de Abril
de 1816

Antonio Ribeiro.

Ao Ill.mo Snr Joa=
quim Jose Guião
do Conselho de Sua
Alteza Real, do
Geral do S.to Officio
Deputado da Meza
da Consciencia e
Ordens.

H H H

De Antonio Ribeiro

Ill.mo Snr.o Francisco Freire de Mello

Meu Am.o e Snr.o: m.te me magôo com as motivos de dissabor que V. S.a tem tido em hũa cauza em que só devera receber honra e Galardaõ: naõ pode o homem por mais sabio e prudente que elle seja prevenir os maos fados que vem perturbalo algũas vezes, mas pode obrar bem, e isto lhe basta.

Naõ sei se quiz suprimir a m.a Memoria sobre as Medalhas de Macedonia; e menos se ha dnima de Plagiato o que facilm.te se naõ poderá praticar tendo ficado duas Copias no Gabinete dos Mss. da Real Bibliotheca da Corte que a todo tempo deporiaõ do seu Author.

Rendo a V. S.a e ao Snr.o Jordaõ tantas graças quantas posso pello primor do Soneto que me mandaraõ que eu recebi como vindo das proprias das Musas e alto premio dos meus cuidados pela Ediçaõ das Poesias de Almenio: elle só bastava para nos honrar a ambos exaltando o merecim.to do Poeta e a ternura do seu Amigo.

Aproveito

Aproveito esta occasião para agradecer igualmente a V.S.ª a honra que sei que me fez em tempos passados em se lembrar de mim em seu Voto sobre os Authores que se deviao compilar p.º o Diccionario da Academia: lanço mão desta mesma occasião para tirar a V.S.ª da suspeita sobre o Objeto do Soneto a pag. 322. do tom II das Poesias de Elpino Duriense, de que á annos me fallou em sua Carta, a que por mas molestias naõ pude então Responder: o Sugeito delle foi personagem diversa da que V.S.ª se precuadio, talvez movido da semilhança do nome de Melão po como o de Mello que eu sempre Respeitei m.to e com quem nunca tive mais diferença, que a deversidade de algumas Opiniões de Escolla; nem as circonstancias do assûpto do Soneto podem-se combinar com elle; protesto a V.S.ª em attenção á verdade e ao Respeito que devo a ambos.

Desejo que V.S.ª vá com alivio em suas molestias, eu passo como Velho, quase falto de Vista vertiginoso, e com outros mais achaques, que ja me naõ permitem servir para

para coisa alguma: assim mesmo enutil como sou, se naõ obras ao menos com os dezejos de obsequiar a V. S.ª: que D.s g.de m.tos annos.

De V. S.ª

Amigo Venerador e Criado

S.C. 4 de Junho de 1816.

Ill.mo Snr.o Francisco Freire de Mello

Meu Am.o e meu Snr.o: Recebi com m.to satisfaçaõ a Carta de V.S.a que tenho em grande estima pella honra q. me vem com ella que nunca poderá cahir em peito ingrato: recebi tambem os papeis que a acompanhavaõ e agradeço estas lembranças como suas. Mandarei ler a Tragedia de Vergi nia do Poeta seu Am.o de q. espero q. a haverei grande prás er: folgo m.to q. V.S.a desçesse da suspeita em que estava do nome de Melampo; poderia eu ainda outra prova q. naõ era o mesmo q. Mello, seu illustre Tio pois q. deste fallei com honrada memoria na Ode ao D.or Simaõ de Cordes =

Jas o engenhozo Mello: jas o Silva.

a pag. 175. tomo. II na instançia IV. verço I, e ainda tenho de fallar na Eppistola ao D.or Ricardo Raimundo no tom. III que se hade imprimir; cujo lugar aqui porei por inteiro

Eu estendo Nogueira pello mundo
Os espantados olhos vejo apenas
Hum resto escasso quazi agonizante

De

De innumeras geraçoes que ao mesmo tempo
Commôsco tinhaõ vindo á luz do dia
De sobre a façe da inganosa terra
Tem já desapreçido quazi todos
Em hum triste silençio solitario
Vamos ficando te que o duro fado
A ellas nos ajunte em somno eterno
O q'eu porem mais choro he ver que o sabio
Corre igual sorte na mortal carreira
Dequeserve amigo a graõ sciençia
N'uma vida taõ fragil taõ caduca
Que taõ pouco lhe dura porque passa
Com mais largo saber sondar verdades
E conhecer melhor no vario mundo
O que somente bom e justo e util
Quaõ escassa lhe foi a natureza
Que á vida lhe marcou taõ breve praso
Como a outro do baixo vulgo

Que

E Que no meio da improvida carreira
Lhe embarga a morte anos quando elle apenas
Começa de espalhar serenas vozes
Para bem dos mortaes que delle aprendeu
A onde estão de Lysia os varões doutos
O Lusitano Candido famoso
O Souza sabedor da patria lingua
O Grão Pereira alto terror de Roma
Social Azevedo e os dois famosos
Sabios Atheletas Alvares e Faios
Que foi dos claros Mestres d'alta fama
Do Lyceo do mondego refulgente
Douto Soares erudito Mello
De nossas Patrias Leis farol lusente

Desveleime por ver se consertava hum soneto, não igual ao do Snr.º Jordão oque me seria sempre impossivel por quão bellos são os rasgos e num=

pincelladas daquelle quadro, mas tal ao menos que podesse lá hir em mostras de m.ª afectuosa gratidaõ; de balde me esforçaria em hũa idade desfallecida de mais de 70 annos, e ja sem caço exigor de espirito, assim mesmo vai o que pude bosquijar nesta materia que certo será o ultimo esforço Poetico de m.ª vida.

D.s dê a V. S.ª melhor saude e guarde a sua estimavel pessoa por m.tos annos.

De V. S.ª

Am.º Venerador e Criado

S. C. 12 de
Junho de 1816.

Ao Senhor, João Braz Vidal Jordão

_____ o caro Amigo

Chora, beija-lhe a mão, e fica rico

Do seu Soneto a Elpino Duriense.

Soneto.

D'Almeno herdeiro fui; foi meu destino
Haver os bens, q'elle d'Appollo herdara;
Elle ao morrer obra excelça, e rara
De seus Poemas me deixou menino.

Tu, ora, no Soneto teu divino
Renovaste-me a scena, em q'eu beijara
Em lagrimas banhado a mão mais cara
Que me doou seu Plectro peregrino.

Felix

Felis que pude obter tanta riqueza,
Com que meus dias ultimos cá doiro
As Ritimas lendo de immortal belleza;

Que se Almeno me dá seus versos d'oiro
Tú ó Jordaõ com nova gentileza
Me das n'uma só passa hum graõ thesoiro.

Ill.mo Snr.o Francisco Freire de Mello

Am.o e Snr.o do meu Coraçaõ: Recebi a continuacao dos favores da Carta de V.S.a com áquella mesma afeiçaõ que lhe consagrei naquelles antigos dias afortunados em que a m.a boa estrella e ~~a da Academia~~ mo deu aconher por seus raros estudos e talento: recebendo porem esta e as mais com que me tem honrado naõ cheguei a preceber a do Snr.o Jordaõ que V.S.a me annuncia escrita depois da inviatura do meu soneto que se bem naõ merecia reposta que ocupasse a pẽna deste sabio por certo que me foi doloroso o descaminha que desviou de m.a mao hum novo testemunho que natural era que me muito honrasse vista a grande bondade do coraçao que começou a exercitar comigo. Satisfaçome entretanto com a nova ~~Fe~~ belissima Poesia que elle me manda que cada vez confirma o conceito que altam.te ~~folgo~~ formei de seu g.de engenho o q. mil veses lhe agradeço. Desejo a V.S.a e a taõ bom am.o ~~ja meu~~ e das Musas (e já posso dizer meu) a milhor saude e fortuna D.s g.de a V.S.a m.tos an.s

De V.S.a

Am.o Vener.e Criado

Ill.mo e Ex.mo Snr

82 B

Em resposta a carta de 22 do ~~presente~~ corrente com q. V. Ex.a me quiz honrar devo dizer a V. Ex.a q. entre os poucos Exemplares q. tenho visto dos Lusiadas de Luis de Camoes da Edicao de Lisboa de 1572 por Luis Gonçalves em 8.o nenhum achei, q. me inculcasse dever-side de duas Edicoes naquelle anno ou pelas variacoens do Texto, ou pelos signaes e destinctivos Typograficos; e que cuido, que o Padre D. Thomaz de Aquino, ~~posto que~~ cuja authoridade era respeitavel por m.to instruido na Literattura Portugueza, e mui ~~egr.de~~ emdagador de nossas Antiguidades, toda via se ~~engano~~ equivocou q.do suppos no seu discurso preliminar que tinha havido duas divessa Edicoes daquele anno; do que mais me ~~confirmei~~ persuadi, q.do lhe fallei nesta materia nos ultimos dias em que elle servio na Real Bibliotheca

da Corte q porque não só me não ~~deu~~ apresentou respes ~~resolvo~~ que satisfizesse mas ate me deu de algum modo a entender que nisto se havia equivocado. He o que posso dizer a V. Ex.ª que me escusará de não escrever esta por m.ª propria mão por me achar inpossibilitado de hũa quaza total falta de vista de Olhos: assim mesmo inutil como já sou a proveito esta occasião de protestar a V. Ex.ª os sentim.tos da alta estima e respeito que tenho pela Pessoa de V. Ex.ª D.s g.de a V. Ex.ª m.tos annos

Ill.mo e Ex.mo Snr.º
Visconde da Lapa

De V. Ex.ª

Atento venerador e Criado

Antonio Ribeiro dos Santos

Ill.mo Snr.o Francisco d'Almeida Madeira

Meu amigo e Snr.o vou tender a V.S.a tantas graças quantas posso pela mercê das attencões de sua Carta que me trouxerão m.ta honra; eu ~~as respeito como suas~~ as recebo como efeitos generosos de sua ~~estas demonstrações de affeição~~ urbanidade e Cortesia ~~e as respeito como suas~~; não tem V.S.a que me agradecer na consulta p.a o seu Despacho pois deveu tudo a si mesmo e ao seu merecim.to que o levou a esse lugar e terá de o promover ~~levar~~ felizm.te a outros m.tos com grande Credito de seu nome e aproveitam.to de nossa Patria. Offereço a V.S.a os meus respeitos ~~obsequios~~ e os sentim.tos de Alta estima com que protesto ser sempre

De V.S.a

Amigo Venerador e Criado

[redacted]

84

Ill.mo Snr.o Joaquim Joze

Guiaõ

A delegencia tão prompta e primoroza com q. V. S.a fez expedir a ~~fa~~ Provizaõ de enforme p.a o meu afilhado, deve comresponder hum ~~as~~ particular agradecim.to bem nascido do centro do meu coracaõ: V. S.a me fará a honra de o acceitar com aquella eficacia com q. elle foi ~~[illegible]~~ concebido. Dezejo a V. S.a boa saude e rogo a Deos lhe conserve a Vida por m.tos annos p.a bem de todos

De V. S.a

Amigo Collega e Cr.do

Ill.mo Snr.o Jose Joaquim de Farias

Meu Amigo e Snr.o: vou ~~dando~~ de novo agradecer a V. S.a a continuação dos seus favores em me remeter o meu seg.do quartel Academico do presente anno de que fui embolsado por mão de Monsenhor Ferreira: não cessa sei de conservar sempre memoria destes Beneficios que V. S.a me tem feito que espero que me continuará a fazer por sua gr.de bondade e benificencia. Renovo os sentim.tos de Respeito e estimação que tenho pela pessoa de V. S.a que D.s g.de m.tos annos

De V. S.a

Amigo Venerador e Criado

Snr.ª D. Anna Guiteria Cardosa

Minha Patricia e Snr.ª do meu maior respeito; prezei em m.to as noticias que foi servida mandar-me de sua melhor saude: eu e a m.ª familia lhe dezejamos todo o bem com aquella mesma afeiçao que naturalm.te inspiraõ a todos as suas ~~gras~~ amaveis prendas e qualidades. Restituimos a Borboleta que nos causou maravilha pela naturalidade e delicadeza que tem e que he boa prova dos primores com que se trabalha no ~~R~~ seu Recolhim.to do Porto debaxo do seu encino e direcaõ; e que convem m.to conservar ~~esta pe-~~ ~~ça~~ para amostrar ás pessoas curiozas como producaõ de huma nova arte ~~entre nos mau pouco~~ ainda pouco, co conhecida entre nos. Anna Justina e suas Filhas maria Placida e Maria Izabel agradecem o regalló que lhes deo com ella e se recommendaõ com afectuosissimas lembranças; e eu com ellas lhes offerecemos de novo a seu serviço. Dezejamo-lhe que continua sua sauda por m.tos annos.

De seu Patricio Ven.dor e Criado

Antonio Ribeiro dos Santos

2-5-104

Reprezentaçoes
do
Dor Antonio Ribeiro

Ill.mo e Exmo Snr.

No Assento, que contem as deliberações da Sessaõ III. da Congregaçaõ de 7 de Janeiro do prezente anno ha duas clauzulas q.e inadvertidamente se introduzirão, e q.e alteraõ em pontos muito essenciaes a verdade dos factos q. nella se passaraõ: a primeira consiste em se assinar como causa de suspeiçaõ do Snr. Presidente dos Actos grandes e dos Lentes substituidos, e Censores o Re... que ouve de que a materia da duvida proposta por V. Exa se tratasse com calor, cauza, que todavia se naõ allegou, nem declarou formalmente no acto da Recusaçaõ, e por consequencia se naõ devia inserir no Assento que della se fez: a segunda consiste em se declarar no d.o Assento, q. os Lentes Substitutos e Censores se havia

lan-

lançado a si mesmos de suspeitos, como
fizera o Snr. Presidente dos Actos gran=
des, o que tambem he contrario á verda=
de do facto. practicando na sobred.ª Ses=
são pois que os Lentes Substitutos e Cen=
sores longe de se darem por suspeitos,
muito pelo contrario forão havidos e
pronunciados como taes por V. Ex.ª sem
forma de Juizo, nem conhecimento de
cauza.

Portanto Requeiro a V. Ex.ª e aos mais
Senhores que considerando a grande fi=
delidade, exactidão que deve haver em
lavrar os Assentos das Congregações de
maneira que sejão conformes as delibe=
rações dellas cos graves prejuizos, que
do contrario podem Resultar não so em
offensa da Republica e dignidade da
Congregação, mas ate dos direitos de ter=
ceiro, maiormente quando a differença
he em clausulas essenciaes, como succede

no

no presente caso, sejaõ servidos ordenar ou que o sobred.º Assento se in= teiramente de maneira q. mais se naõ possa ler, declarando o Senhor Secreta= rio a margem, que assim o fizera por Ordem da Congregacaõ, e lavrando outro novo Assento em tudo conforme a verda= de dos factos, ou que o mesmo Senhor Secretario accrescente ao d.º Assento huã declaracaõ em que atteste, que as duas clausulas ja referidas foraõ escritas com equivocacaõ, e que com effeito se naõ veri= ficaraõ sendo esta declaracaõ assignada por todos os Membros da Congregacaõ na forma do costume.

Sobre o concurso as cadeiras de Primeiras Letras

Senhor,

Ponho na Prezença de V. Alteza Real os Autos Originaes do Concurso ás Escolas Regias de Primeiras Letras, que se achaõ vagas, ou impedidas ou de novo se criarem na Corte e Provincia da Estremadura; e para Licenças de ensinar particularmente as mesmas Letras: o qual se abrio no dia 17 de Março do prezente anno, segundo as Ordens de V. Alteza Real, e se cerrou, e concluio no dia 29 de Junho

Vaõ as Peticões dos Concurrentes, instruidas com os documentos necessarios de Folha corrida, e Attestaçaõ de Paroco reconhecida por Publico Tabalhiaõ, e vaõ acompanhadas dos Termos que se lavraraõ da apprezentaçaõ naturalidade filiaçaõ, idade estado e domicilio de cada hum; das

pro-

provas Originaes, que derão por escrita;
das qualificações dos Examinadores, e
do meu juizo, e informação assim pelo
que toca aos exames por escrito como
pelo que pertence aos exames de viva
voz

Requerimento q.e foi para se me admittir a Jurisdicção do lugar de Commissario da Junta da Directoria Geral dos Estudos do Reino

Senhor

Diz o Dez.or Antonio Ribeiro dos Santos, que depois de ter Servido a V. Alteza Real nos Lugares de Lente da Universidade de Coimbra de Bibliothecario da mesma Universidade, que creou de novo, e depois no da Junta da Revisaõ do Novo Codigo com muitas e mui laboriosas applicações, e fadigas, se acha actualmente Servindo a V. Alteza Real nos Cargos de Bibliothecario Mayor da Real Bibliotheca da Corte, que tambem creou de novo, de Censor Regia da Mesa do Desembargo do Paço nº de Chronista, e Deputado da Junta do Serenissimo Estado, e Casa de Bragança, em q. he por obrigaçaõ do Regimento Juiz Relator de todos os feitos de justiça e de fazenda e serve muitas vezes de Procurador Fiscal nos impedimt.os ou auzencia

do

do Proprietario, e ultimam.te no da Cõ=
missaõ da Directoria Geral das Escolas
destes Reynos na Repartiçaõ da Corte
e Provincia da Estremadura em que
tem trabalhado mais do que suas for=
ças permittiaõ; e por que este ultimo
Emprego exige por si só extraordinarias
applicaçoẽs e cuidados q̃ lhe naõ dei=
xaõ tempo para bem e devidamente
satisfazer aos outros Cargos e o supp.e
se acha alem disso precizado de mais
descanso e de uso de remedios por se ter
arruinado de saude no exercicio deste
emprego maiorm.te depois das laborio=
sas assistencias de quatro mezes suc=
cessivos de Exames e de suas Informa-
coes para a Junta e teme outro sim
arruinar-se de todo com os novos con-
cursos q̃ se haõ de fazer ainda e mais
pensoẽs de seu officio por tanto.

P.

P.a V. Alteza Real
que tendo attenção a tudo
isto, haja por bem e por
especial Mercê excuzar
o Suppl.e do d.o Cargo no=
meando outro em seu
lugar q.e melhor o sirva
e outro sim dispensallo
do effectivo exercicio delle
em q.to V. Alteza o não
escuza por q.e assim pos-
sa o Suppl.e cuidar de sua
saude e curativo e satis=
fazer com menos incõ=
modo e q.to lhe for possi=
vel ás obrigações dos
outros Cargos.

E R M.ce

Representação

Em cumprimento das Ordens da Academia Real das Sciencias li e examinei o papel intitulado = Programma proposto pela Academia Real das Sciencias resolvido na presente Dissertação: Qual foi a epocha certa da introducção do Direito das Decretaes neste Reyno de Portugal: que mudanças causou, e que influencia teve nos tempos posteriores sobre a Legislação Portugueza.

Sendo o Programma e a Dissertação sobre elle tres partes, o Author na primeira dellas diz pouco da Epocha, consumindo sem necessidade doze folhas e meia em preliminares sobre a introducção e authoridade do Decreto e das Decretaes em geral, que deveria suppor sabidas, ou assomar em breves clausulas, em que compilou

pilou coisas vulgares repetidas, e ja cansadas de ouvir, em que nada adianta de novo

Na segunda parte em que sem distincção ajuntou e repudio a terceira, tratando das mudanças que causarão as Decretaes neste Reino e da influencia, que tiverão na Legislação, não me parece haver satisfeito plenamente a estes dois objectos: sobre o que ja elle tinha tomado huã resalva no principio da Dissertação com não caber na estreiteza della nomear todas as mudanças e influencias que resultarão das Decretaes e dos Decretalistas neste Reino; ao que todavia ja em parte podera remediar, se se houvesse poupado aos extensos preliminares da primeira parte, e entrasse logo no seu assumpto pelo que fica diminuto nos objectos capitaes do Programma, restringindo-se tão somente

te

te a enumeracáõ dos varios pretextos de que se servirãõ os Decretaes e os Decretalistas para sujeitarem o Poder meramente Temporal e Civil ao Espiritual e Ecclesiastico, em que vem coisas geraes, e vulgares sem algumas novas Combinacões ou illustracões, que adiantem os nossos conhecimentos.

Isto quanto á materia: pelo que toca ao estylo e modo de a tratar o seu methodo he mais escolastico, que Academico, demasiadamente carregado de longuissimas notas e escolios que interrompem de continuo a serie das ideas e o fio do discurso, e cheo de citacões desnecessarias de Authores naõ Classicos na materia o estylo he negligente, e fastidioso; e ha nas expressões alguns ditos de desprezo e azedume sobre as coisas Ecclesiasticas, que mostraõ sahir de huã penna hum pouco dezaffeiçoada a Igreja Romana

mana, o que demais serve a boa causa, mas antes indispõem os Leitores para ella.

Por tudo isto entendo que he Obra, q. não passa da Classe da mediocridade. Este he o meu parecer, salvo sempre o melhor. Lisboa 9 de Outubro de 1882.

Represento a V. Exª. que a grande diminuição e perturbação de vista de olhos que não posso remediar e a debelidade de cabeça vertiginosa a que estou reduzido me tem impossibilitado de ler e escrever e de tomar maior trabalho de meditação e combinação e me torna inteiramente inutil a meu prezar para poder bem e devidamente servir ao Governo em algũas informações e pareceres emq. me manda dar. O que ponho na presença de V. Exª. para que sendo presente a Sua Alteza Real Haja o Mesmo Snr. por Bem de me escuzar e aliviar nesta parte, o que receberei por especial Mercê e Graça. Deos guarde a V. Exª.

2-5-101

Revista 26

Relaçaõ
da Vida
do Dor. Antonio Ribeiro dos Stos
Compilada por elle mesmo

Memorias de mim

Nasci eu Antonio Ribeiro dos Santos no dia 30 de Março de 1745 no lugar de Massarelos, Freguezia de N.ª Senhora da Boa Viagem, extra muros da Cidade do Porto; filho de Manoel Ribeiro dos Santos Guimaraes, natural da Freguezia de S. Miguel de Creixomil do Arcebispado de Braga, e de sua legitima mulher Joseffa Maria de Jezus, natural da Freguezia de S. Martinho de Lordêllo, distante meya legoa ao pouco mais da Cidade do Porto. Fui baptisado no dia 3 de Abril do sobredito anno, pelo ~~Bern~~ Reverendo Dor Antonio de Oliveira Palheiros.

Tendo 11 annos de idade embarquei do Porto para o Rio de Janeiro em 05 de Dezembro de 1756 a chamamento de meu a Avô André Joaõ Santiago do Costoias.

Naquella Cidade estudei Humanidades no Seminario de N. S. da Lapa; e entre quatro Mestres q. ali houve foi o Padre Francisco Moreira de Miranda Exjesuita, e varao m.to douto o de quem tirei maior proveito: sirva esta lembrança de testemunho de m.a gratidaõ.

Em 1764 voltei para este Reyno com meu Tio Gonsalo Ribeiro dos Santos, q. vinha estabelecer sua Casa em Lx.a; e nesse anno me passei a Coimbra, e começei o curso dos Estudos Academicos, sendo Reformador-Reitor Gaspar de Saldanha; e me formei em canones.

Foraõ

Foraõ meus Mestres em di=
versas Disciplinas Juridicas, e em
diversos annos, os Doutores Joze
Antonio de Sousa, Lente de Prima
de Canones depois Vice Reytor;
Christovaõ de Almeida Soares depois Bys=
po de Pinhel; Ant.to Bernardo,
Joze Gomes Monteiro Caetano Cor=
rêa Seixas todos Conegos Doutoraes
Fraçisco de Mattos depois Monsenhor
da Patriarchal, e Joaõ Soares de
Brito. Coneg Dautoral da sé de
Coimbra.

Em 1770 fiz Actos Grandes
para os quaes compus e imprimi hũ
Livro intitulado: De Sacerdotio et
Imperio setecto Dissertationes V. de
q. se fez hũa larga analise na obra
periodica = Nouvelles Ecclsiastiques=
publicada em Vtrech no Folheto de 30 de
Janeiro 1782 no Artigo Lisbone p. 17. 18.

19. e 20= Suite des Nouvelles Ecclesi=
astique.

Em 1 de Fevereiro de 1773 rece=
bi o Grão de Doutor na Faculdade
de Canones, q.^ me conferio o D.^or Chris=to=
vão de Almeida Soares, e continuei
na vida de Opposito^r ás Cadeiras da
Vniversidade.

Em 1772 q.^do se estabeleceo a Re=
forma dos Estudos Academicos fui
provido em hũ dos Sugares de Colle=
gial do Real Collegio das Ordens Mi=
litares, a onde tomei o Habito da Ordẽ
de S. Tiago da Espada em virtude da
Carta patente de S. Magestade, como
Governador das Ordens, dez de Setem=
bro desse anno.

Em 1777 fui nomeado por S. Ma=
gestade Bibliothecario da Universida=
de

Em 1778 fui convidado para socio da Academia Real das Sciencias de Lx.a

Em 1779 fui despachado Lente substituto das Cadeiras da Faculdade de Canones por Decreto de 20 de Agosto.

Em 1780 fui convidado p.a a Academia instituidas na casa do Conde do vimieiro distinada p.a trabalhar nas colleçoes das vidas dos Portuguezes destinctos por merecim.to

Em 1782 fui igualado á Cadeira de Direito Natural por Decreto de S. Magestade de 6 de Maio em attençaõ a Oraçaõ funebre q. recitei nas Exequias da Snr.a Rainha D. Maria Victoria de Borbaõ.

Em 1788 fui chamado de Coimbra á Corte por Aviso de 25 de Julho para negocio do Real Servico [q. foi p.ª ser Deputado da Junta da Revisaõ, e Cencura do novo Codigo]

Em 1789 fui Despachado Dez.or da Casa da Supplicaçaõ de Lx.ª por Decreto de 10 de Novembro, de cujo lugar tomei posse em 26 de Janeiro de 1790

Em 1790 fui promovido ao lugar de Lente Proprietario da primeira Cadeira Synthetica das Decretaes por Decreto de S. Magestade de 29 de Janeiro.

No mesmo an. de 1790 aos 19 de Agosto recebi a Ordem de Subdiacono, que me conferio D. Bartholomeo de..... Bypo de Marianna.

Em

Em 1793 obtive a Conesia Doutoral da Sé de Viseo, de q. tomei posse em 19 de Fevereiro

No mesmo an. 1793 fui nomeado Deputado do S.to Officio por Provisaõ de 3 de Abril.

Em 1795 fui jubilado na Cadeira Synthetica de Canones por Carta Regia ou Decreto de 7 de Abril, de q. se me passou Carta em 30 de Agosto

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

No mesmo an. de 1795 fui nomeado Cencor Regio do Desembargo do Paço por Decreto de 28 de Agosto de q. se me passou Portaria em 10 de Setembro.

No mesmo an. fui nomeado Chronista da Sereniscima Casa, e Estado de Bragança por Decreto de 4 de Desembro

Em 1796 fui nomeado por S. Magestade Bibliothecario Maior da Real Bibliotheca Publica da Corte por Decreto de 14 de Março.

Em o mesmo an. fui encarregado da Inspecaô do Collegio denominado o Collegio Francez de D. Marquet Beneditino Mauriense por Aviso da Secretaria de 3 de Maio.

Em 1797 fui nomeado Deputado da Junta da Serenissima Casa, e Estado de Bragança por Decreto de 25 de Março, de cujo lugar tomei posse em 7 de Abril

Em 1799 fui nomeado Commiscario da Junta da Directoria Geral dos Estudos destes Reynos na Repartiçaô da Corte, e Estremaduras por Carta Regia de 15 de Outubro

Em

Em o mesmo an. de 1798 fui provido=
movido Desembargador dos Aggravos
por Decreto de 14 de Novembro, de cu=
jo lugar tomei posse em 18 de Janeiro de
1800.

Em 1800 fui apresentado na Conesia
Doutoral da Sé de Faro por Carta Re=
gia de 17 de Julho, de q. tomei posse em
27 de outubro do mesmo anno.

No mesmo an. pedi pelo titulo de
molestia a Dimissaõ do lugar de Com=
missario da Junta Directoria Geral
e por Aviso de 15 de outubro se man=
dou q. me fosse nomeado hũ Ajudan=
te

Fui nomeado no mesmo an. Depu=
tado da Junta da Directoria Geral
por Decreto de 15 de Outubro, ~~despacho~~,
~~q. naõ teve effeito~~; por q. o Bispo Presi=
dente da Junta nunca nella apresentou

o

o Decreto, e eu naõ o quiz fazer rea-
lizar, visto ter pedido a minha Demis-
saõ do outro lugar de Commiscario da
dita Junta

Em 1805 insistindo em pedir a Demis-
saõ do Lugar de Commissario a obtive
por Aviso de 15 de Maio daquelle an.

Em 1802 fui nomeado Deputado da
Nova Junta do Codigo Militar Penal
por Decreto de 21 de Março de q. se me
enviou Aviso em 3 de Maio.

Em o mesmo an. fui Despachado
Deputado da Mesa da Conciencia, e
Ordens por Decreto de 13 de Maio, de
cujo lugar se me passou Carta em 3 de
Julho, e tomei posse em 7 de Agosto.

Em o mesmo an. tive Carta de Titulo
de Conselho de sua Altesa de 26 de Maio.

Em

Em 1804 por Resolução de S. Alteza em Carta Regia de 9 de Agosto de 1804 fui nomeado, e presentado em hum dos Canonicatos Doutoraes da Sé Metropolitana de Evora; vaga por fallecimento do Dor. Marcelilo Pinto Ribeiro de S. Paio Lente de Prima da Faculdade de canones, á qual Conesia dei o nome e me tocava pela antiguidade de meu gráõ. Passouse-me Carta em 27 de Agosto: sellou-se na chancellaria em 17 de Setembro a fol. 18/ tomei posse em 19 de Dezembro.

Em 1805 fui nomeado Socio da Academia Celtica de Paris, de q. me mandou hum Diploma datado do quatro floreal do an. 13 com a lista dos Membros, e Associados Correspondentes com os Estatutos, e Regimento e com Carta q. a companhava todas estas

estas peças; do Secretario Perpetuo da Academia Eloi Johanneaq.

Em 18.9. por Aviso de 4 de Desembro dirigido ao Principal Castro fui nomeado mandado servir na Junta da Bulla como Deputado: sobre o q. offereci escusa

Contudo ella naõ produsio o effeito q. esperava e por confirmaçaõ de S. Alteza fui provido no dito lugar de Deputado da Junta da Bulla, que entrei a servir em 4 de Maio de 1840.

Lisboa 6 de Agosto de 1844

Antonio Ribeiro dos Santos

Relação dos Empregos Cargos e Serviços do Conselheiro Antonio Ribeiro dos Santos feito em 1 de Fevereiro de 1843

Servio desde o anno de 1772 no lugar de oppozitor e Collegial do Real Collegio das Ordens Militares em q. foi provido em virtude da Carta Patente de sua Magestade de 25 de Setembro de 1772 em q. servio as ordens a Universidade e ao Estado.

Desde 1777 Servio de Bibliothecario da Universidade em q. foi nomeado por ordem Regia do dito anno.

Desde 1779 servio o lugar de Lente substituto da Faculdade de

Canones em que foi provido por Decreto de 30 de Agosto do dito anno.

Em 1788 nomeado pelo Clustro Pleno recitou na Capella da Universidade a oraçaõ Latina nas Exequias da Rainha Mai a Snr.ª D. Maria Anna Victoria de Borbaõ de q. naõ recebeo a tença annual de 50$000 q. sempre se custumou dar de q. gosaraõ nesse tempo e ainda depois delles naõ so os Oradores em Latim mas tambem os Oradores em Portuguez.

Desde 1782 servio o lugar de Lente Igualado a propriedade da Cadeira de Direito Natural.

Desde 1788 servio o lugar de Deputado da Junta da Revisaõ e Censura do novo Codigo em que foi provido; p.ª q. foi chamado da

da Vniversidade por Aviso, expedido em 25 de Julho do mesmo anno e Servio sem algum ordenado ou emolumento e com grande despesa de duas cazas em Lisboa e Coimbra para onde devia voltar acabada a comissaõ e de muitos luros que foi obrigado a comprar pertençentes á Legislaçaõ.

Desde 1799 Servio o lugar de Dezembargador da Casa da Supp.m em que foi provido por Decreto de 30 de Novembro do mesmo anno.

Desde 1790 teve o lugar de Sente Proprietario da primeira Cadeira Sinthitica das Decretaes, em q. foi provido por Decreto de 29 de Janeiro desse anno.

Desde 1795 houve o Cargo de Cencor Regio em q. foi provido por Decreto de 28 de Agosto desse anno: em q. servio sem ordenado ou emo-

tamento algum q. o Decreto mandava estabelecer.

Desde o mesmo de 1795 tem o Cargo de Chronista do Estado e Casa de Bragança em q. foi provido por Decreto de 4 de Dezembro desse anno.

Desde 1796 serve o Cargo de Bibliothecario Maior da Real Bibliotheca da Corte por decreto de 4 de Março desse anno; lugar que criou com immenso trabalho em q. já tinha entrado desde 1795.

Desde 1797 serve o lugar Cargo de Deputado da Junta e Casa de Bragança por Decreto de 25 de Março desse anno

Desde 1798 servio de Censor das Peças do Theatro sem algum emolumento por ordens da secretaria de Estado até 1800.

Desde 1799 serve o cargo de Commissario da Junta da Directaria Geral dos Estudos destes Reynos para assistir aos exames na Repartição da Corte e Estremadura por Carta Regia de 25 de Outubro desse anno; e serve com grande trabalho de muitos successivos exames dos concurrentes sem algum ordenado, ou emolumento.

Desde 1799 tem o lugar de Desembargador dos Agravos por Decreto de 14 de Novembro desse anno.

Em 1800 foi nomeado Deputado da Junta de Directoria Geral de q. ja era Commissario por Decreto de 25 de Outubro de 1799.

Desde 1802 serve de Deputado da Junta do Codigo Abilitar Penal; por Decreto de 25 de Março desse anno: o serve sem ordenado

o a algum outro emolumento, e antes com muita despesa de Livros q. foi obrigado a Comprar para os trabalhos do dito Codigo.

Desde o mesmo anno de 1802 serve no Cargo de Deputado da Meza da Consciencia e ordens por Decreto de 13 de Março do mesmo anno; e teve Carta do Titulo de Conselho de 26 de Maio.

Desde de 4 de Maio 1820 Serve de Deputado da Junta da Bulla da Crusada, em q. foi provido primeiro por Aviso de 4 de Dezembro de 1809 Dirigido ao Principal Castro e depois Confirmado por aviso do anno seguinte.

E outro sim tem Servido a Rainha, e ao Principes nossos Senhores e ao Governo em varias Juntas extraordinarias de gravissimos Negocios, a que tem sido chamado e

e fora dellas em muitas comisso-
es e consultas particulares em que
tem dado seus pareceres e feito
papeis de meditaçaõ e trabalho.
Lisboa 30 de Maio de 1814

Antonio Ribeiro dos Santos

2-5-102

Relaçaõ
de algumas Obras
do Dor Antonio Ribeiro

Relaçaõ das obras Impreças do Dor Antonio Ribeiro

O Desembargador Conselheiro Antonio Ribeiro dos Santos Compoz as obras seguintes.

1. De Sacerdotio et Imperio selecta Dissertationes Olizypone 1770 foraõ feitas para o meu acto solemne de Conclusoès Magnas.

Em que pela primeira vez se vio deixarem-se na Vniverciidade de Coimbra as Theses vulgares e mui cançadas das postillas; e apresenta-se com Corpo de Doutrina Theologica-Canonico

Publica a purada, e reformada das opiniões Escolasticas; de q. fez huma larga analize o Abade Moutaõ, Redactor das Folhas periodicas, intituladas = Nouvelle ecclesiastique a pag. 17. 18. 19. 20. Suite des Novelles Ecclesiastiques.

2ª Poetica de Aristoteles Traduzida do Grego em Portuguez impressa em Lisboa na Officina Regia Typografica em 1779. 8º obra commum minha e do Drº Ricardo Raimundo Nogueira, aqual sahio a nonyma.

Nela se deu a Portugal a Traduçaõ da primeira e unica obra methodica da Antiguidade sobre a poetica, que athe entaõ naõ tinha.

3ª Memorias da Litratura Sagra-

da dos Judeus Portuguezes no seculo XV impressas no tom. V das memorias de Literatura Portugueza de Academia Real das Sciencias de Lisboa

— Ditas do seculo XVI no tom VI

— Ditas do Seculo XVII no tom.

— Ditas do seculo XVIII no tom.

Nestas Memorias se disse pela primeira vez entre nós algum bem dos Judeus depois de se ter dito tanto mal. Extremando-se merecim.to Real da sua Litratura das preocupaçoẽs da sua seita.

Memorias sobre o Mathematico Francisco de Mello no tom VII das mesmas Memorias da Real Aca-

demia &c.

Memorias sobre o mathematico Pero Nunes no mesmo tom VII.

Nestas memorias se deraõ a conhecer a Portugal as obras dos seus dois mayores mathematicos, sendo as do primeiro apenas conhecidas na Bibliotheca Luzitana e as do segundo pouco Ovidas Enalisadas, sendo; aliás dignas de andarem nas mãos de todos.

Memorias sobre as Traduçoes Ediçaõs Biblicas em Portuguez no mesmo tom VII em q. se trataraõ Materias de Importancia na Christandade a inda pouco conheçidas entre nós.

Encayo p.ª huâ Bibliatheca Lusitania Ante-Rabinica no

mesmo tom VII Obra em que se mostrou, que Portugal naõ tinha que invejar aos Controverçistas Ante-Rabinicos, mais famosos nem a inda ao mesmo Rosse na Italia.

Memorias sobre a origem e progressos da Typografia Portugueza do seculo XV no mesmo tom. 8: part. I das Memorias da Academia Real das Sciencias.

Ditas da Typografia Portuguesa do Seculo XVI no mesmo tom. VIII.

Nestas Memorias se deu o primeiro para os Annaes Typograficos da Nacaõ.

Memorias sobre os Alguns Mathematicos em Portugal no mesmo tom. Nas quaes se compilaraõ e Exposeraõ com Ordem

algumas
coisas dignas de se saberem na Historia das Sciencias Mathematicas e das Artes, q. dellas dependem.

Memorias da Poezia e em Portugal: Discurso preliminar. Está ja impresso no tom 4º das Memorias de Literatura da Academia: Devem continuar os mais volumes desta Historia, q. forão aprezentados a Academia; em q. se dezenvolvem Noticias importantes de nossa antiga Poezia, e de dois Cancioneiros até aqui incognitos.

Sobre as Demarcaçoẽs dos dois antigos Mapas do Infante D. Pº e de Alcovaça no tom 8º part. II nas mesmas Memorias

Sobre a novidade da navegaçaõ Portuguesa do seculo XV no mesmo tom.

* Primeiro da Demarcaçaõ do Cabo da B. Esperança no Mapa de Alcovaça

Relaçaõ
das obras Mss. do mesmo offerecidas pª se Imprimirem

Foraõ apresentadas a mesma Real a Cademia das Memorias seguintes, q. ainda se naõ achaõ estampadas, a saber

I. Sobre a ~~Autoridade~~ Authenticidade das Medalhas de Macedonia, q. ha no Gabinete da Real Bibliotheca de Lisboa 1 vol 4º

II Sobre o Periplo de Hannaõ e Navegaçaõ do Infante D. Henrique 1 vol 4º

III Sobre as Demarcaçoés dos dois antigos Mapas do Infante D. Pedro e de Alcovaça 1 vol 4º

III Sobre a demarcaçao do Estrei=
to de Magalhens e no Mapa
do Infante D. Pº.
IV Sobre ouro dos Instrum.tos
Nauticos. ~~1 fol 4º~~ anterior ao Secu=
lo XV 1 fol 4º.

Em todas estas ~~4 obra~~ obras
se dão algumas Noticias ou não Sa=
bidas, ó pouco vulgares entre
nós.

Relaçaõ.
de Obras impressas
de baxo do Nome Poetico
sopposto de Elpino Duriense

Discurço Preliminar com o nome Poetico supposto de Elpino Duriense sobre a traducçaõ da Metamorfoze de P.e Ovidio Nazaõ por Almeno/Fr. Joze do Coraçaõ de Jezus do Seminario de Brancanes/Lx.a na Officina Laçerdina na qual se dá a conhecçer á Nacaõ q.e grandiozas seruiços se fez na Lingua na Poezia e no gosto digno de se igualar aos nossos Claçicos.

Poezias Portuguezas debaxo do mesmo nome Poetico na Impresçaõ Regia 1812. 2 vol/4.o

Poezias Latinas e Portuguezas ineditas publicadas de baixo do mesmo nome

nos Jornaes de Coimbra de Março de 1843. n. 15. — de Setembro de 1843. n. 21. — de Outubro de 1843. n. 22 — de Janeiro de 1844. n. 25.

Relaçaõ

de Obras Impressas.

sem o seu nome, e para es-
tranhos, dos quaes foi o Author
Leccionista na Univer-
de de Coimbra

I Conclusoẽs Magnas de Direito Cano-
nico de Simaõ de Cordes Brandaõ e Atay-
de Collegial do Real Collegio das Orde-
ns, Lente q. depois foi da Faculdade de
Canones.

II Ditas de Bernardo Bernardino
Beltraõ Collegial do mesmo Collegio,
Doutor em Canones e Bispo de Pi-
nhel.

III Ditas de Antonio Jorze Guiaõ Col-
legial do mesmo Collegio, Douctor em
Canones, Juiz Geral das Ordens, e De-
putado do Conselho da Fazenda.

IV Ditas de Joaquim Joze Guiaõ Collegial do mesmo Collegio, Doutor em Canones Deputado da Meza da Consciencia e Ordens.

V Ditas de Bento dos santos da Fonseca Lente q. foi da Faculdade de Canones

Nestas conclusoés appareceraõ algumas thezes escolhidas e pouco vulgares na Universidade.

Relaçaõ.
das Obras Mss.

Alem das obras Mss. q. a prezentou a Real a Cademia das Sciençias e que a inda naõ estaõ impressas, escreveo outras ~~obras~~ q. existem ~~Mss.~~ ~~e huma~~ na estante da dos Mss da Real Bibliotheca da Corte a quem as duou em sua vida cuja somma sobe a Cima de entre vol e folhetos de q. se fez hum Catalogo q. os indica e a companha

Lisboa 8 de Agosto de 1814

Antonio Ribeiro dos Santos

Relação

das Obras Mss.

Alem das Obras Mss. q. apresentou a Real Academia das Sciencias e que ainda não estão impressas, escreveo outras obras q. existem [illegible] [illegible] da Real Bibliotheca da Corte a quem as [illegible] [illegible] cuja somma sobe a Cima de [illegible] entre-vol e folhetos de q. se fez hum Catalogo q. as indica e a companha

Lisboa 7 de Agosto de 1814

Antonio Ribeiro dos Santos

Testemunhos que me honraõ

Por honra m.ª e por gratidaõ aos q. me tem honrado, nomearei aquy as pessoas q. de mim fallaraõ em suas obras.

O Abbade Motton Author da obra Periodica Franceza intitulada Nouvelles Ecclesiastiques no folheto de 30 de Janeiro de 1782 no Artigo Lisbone, q. cuido ja he do Abbade Moton, ha huâ larga analyse da m.ª obra das Dissertaçoẽs Selectas de Sacerdotio, et Imperio, q. publiquei em 1770 pª me servirem de Conclusoẽs Magnas na Vniversidade de Coimbra, a fim de tomar o graõ de D.or; e o juiso q.e o Abbade faz desta Obra me abona, e honra: vem a pag.: 17. 18. 19. 20 Suite de Nou-

velles Ecclesiastiques

O Abbade Joze Correa da Serra, secretario q. foi da Academia Real das Sciençias de Lx.ª, teve a bondade de escrever o seguinte em Paris.

As Memorias espalhadas em os seus Volumes, q. eu ja citei, mostraõ q. se curou tambem em descubrir os caracteres, as bellesas, e os defeitos da Lingua Portuguesa. Os curiosos os poderaõ ali achar: eu sou obrigado a limitar-me a faser menção de outras duas Obras, q. devem ser assinaladas na literatura deste Paiz.

Procurando-se munumentos historicas achou-se entre os Mss do Convento da Graça o Autographo das Poesias de Pº d'Andrade Caminha

Este Poeta Contemporaneo de Camões tinha sempre gosado de huã grãde reputaçaõ, posto q. o publico naõ conhecia, se naõ alguns pequenos fragmentos de suas obras, e lhe amerecia por mtos respeitos. A Academica se apressou a enrequecer a literatura nacional, publicando suas poesias cujo gosto era apurado, e a linguagem mto pura.

Mas o maior esforço, q. se fez nesta epoca para profundar o conhecimento da Lingua, foi a Obra do Academico Ribeiro dos Santos. Esta Historia Filosofica da Lingua Portugueza analysa a vista dos Documentos Historicos, cada hum dos materiaes, que haviaõ entrado na Sua Composiçaõ, eas Circunstancias, que tinhaõ influido sobre a sua forma actual. Os Romanos os Povos do Norte, os Arabes

haviaõ

haviaõ modificado a Lingua e esta Lingua era originariamente Celtica. M.r Ribeiro dá a cada hum o que lhe pertence; e faz reflexoẽs profundas sobre os resultados desta Composiçaõ ou sobre a Lingua actual, que naõ he hum Dialeto do Castelhano como o tem entendido muitos Authores estrangeiros, pois as mais antigas poesias Espanholas, por exemplo as de Macias, anteriores á Monarquia Portuguesa, saõ escritas em Portuguez, Teve, equivoçaõ Macias he posterior á fundaçaõ da Monarquia e he Gallego: eu so falbar delle em conversaçaõ cõ o Abbade em q.e entre outras coisas notava q.e Maçias poetisara em Gallego e Portuguez e era m.to antigo. Este Sabio feito para brilhar sobre hum Theatro mayor, he o homem do mundo o menos apressado em publicar os seos

seus trabalhos. Elle communicou à Academia todas as partes circunstanciadas da Obra de q. fallamos, mas elle naõ a tinha ainda publicado em 1794; e ella naõ tem sahido a luz. Archives litteraires de l'Europe. N.º II. anno. 1804 apa. 280. 281.

Paschoal Joze de Mello Freire dos Reis na Historia e Instituições de Direito Civil Lusitano tom...

~~O conselheiro Francisco Tavares Lente Jubilado na Faculdade de Medicina, e Medico da Camara de sua Magestade~~ . . . . . .

. . . . . .

Joaõ Antonio Beserra Professor de Rhetorica e de Poetica no Collegio das Artes de Coimbra nas Notas que pus por baixo das suas Poezias impres-

sas em .....

+ João Andre Masdeu na Espanha Illustrada | não sei hoje em que tomo e lugar |

+ O conselheiro Francisco Tavares Lente Jubilado na Faculdade de Medicina, e Medico da Camara de sua Magestade .....

+ Joaquim Jose Ferreira Fordo + Monsenhor da Sta Igreja Patriarchal .....

.....

+ O Dor Dez or dos Aggravos João Po Ribeiro Lente da Faculdade de canones de Diplomatica na Corte de Lxa e Director da classe de Literatura da Academia Real das Sciencias no tom I das suas Diser=

taçoẽs na Dissert. V. C I p. 179 in fine e 180

| O Tradutor Hollandez das Minhas Memorias de Literatura q sagrada dos Judeos Portuguezes.

+ D. Françisco Rafael de Castro das coneles de Resende e Principal da Sta Igreja Patriarchal em varias obras Poeticas Mss. que se conservaõ em meu Gabinete de Mss.

+ Françisco Barbosa Garcao Slockler em duas odes Mss., que me derigio, e concervo no mesmo Gabinete.

⊥ Jose ~~Paxoto~~ Peixoto do valle. Professor de Latinidade no Collegio ou Real Estabelecimto das Aulas Publicas do Bairro do Roçio em huã ode Mss. q. me didicou, e varias outras peças em prosa q. conservo

no

no mesmo Gabinete.

+ Os Authores das Jornaes de Coimbra fizerão mimoria de mim dando a algũas Poesias minhas debaixo do nome poetica q. tenho tomado, de Elpino Duriense. Jornal num de Janeiro 1 de 1813 ap. Jornal num XV de Março de 1813 ap. 245 até 257.

+ Bernardino Justiniano de oliveira Pombinho official da Real Bibliotheca da Corte no opusculo de sua poesias q. me didicou applicando-me o mesmo nome de Elpino Duriense impressa na officina Regia em 1813

+ João Batista de Lara \ com o nome Poetico de Albano Lisbonense /.

+ O P.e Malheos da Costa em hũ Soneto a Elpino.

Jose Maria da Costa e Silva

Naõ se me tome isto por exggeraçaõ pois se exceptuarmos as Odes de Horacio soberbamente traduzidas pelo Ill.mo Dezembargador Antonio Ribeiro dos Santos naõ sei o q. possa comparar-se com as Traducoẽs de Bocage. Obras Poeticas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage Lx.a 1812. a p. 26 nota 1

No Jornal do Rio de Janeiro, intitulado o Patriota, pertençente ao mez de Janeiro, pag. 74 se acha huã Ode do Snr Ant.to Ribeiro dos S.tos, dirigida ao Marechal de Campo Francisco de Borja Garçaõ Stockler, contra d'este em resposta á p. 76

No dito Jornal pertençente ao mez de Fevereiro p. 74 se acha outra Ode do mesmo Snr Ant.to Ribeiro dos S.tos

para

pª. Stockler depois de ter lido e admirado as suas Poesias.

No dito Jornal pertencente ao mez de Junho pag. 21 se acha hum Soneto do mesmo Snr pª. Stockler.

+ Francisco de Mello Freire Deputado do Stº Officio Cita com elogio a Elpino Diriense no papel do seu voto que mandou á Academia Real das Sciencias de Lxª na Sessaõ do dia 21 de Desembro de 1813 sobre a questaõ do plano do Diccionario da Lingua Portugueza, q. á Academia intentava fazer.

+ O Dor Vicente Jose Ferreira Cardoso, em huã das suas obras cita a minha Traduçaõ da Lyrica de Horaçio.

Testemunho
Do Snr.
Nuno Alvares Pereira Pato Moniz

Ao Ill.mo Snr. Antonio Ribeiro dos Santos
Do Conselho de Sua Magestade
Xp. Xp. Xp.

Ode

Dixerat: obstupui, caelum que albescere sensi,
Lux que simul nata est, et celebrata mihi.
Danielis Heinsii Eleg.
In Natalem P. Ovid. Nasonis diem.

Não, não sonhei: relendo os teus Poêmas
Vi dêntre hum' aurea nívem
Que tres Deosas loucans, com voz uni-sona,
Este, que te repônho em Luso metro,
Catholico entoávaõ
Hymno composto no Celeste idióma:

Sal-

Salve eximio Cantor, que no almo Choro
Dos Lusitanos Cysnes
Gorgêas sonoróso entre os primeiros
Que módulos na Fama se alevantão,
Meigas canções trinando,
E em rápidas cadencias despenhados.

Có a Virtude, que ensinas em teus Versos,
Como, vivendo, a ensinas,
E ao perenne caudal dos dons de Sóphia
Da bella Poesia as castas flores
Canóro desposando,
Pelos Ceos do louvor teu Nome entranhas.

Rival sublime, e Traductor ditoso
Do claro Venusino
Que no Tibre acordou do Ismeno a gloria,
Tão celebre como elle, e tão lembrado
O Durirense Elpino
Ha-de abranger as pósthumas Idades.

Ca=

Calárão-se: e da nuvem que fugia
Radiou Piério lume.
Erão Euterpe, Eráto, e Clio as Deosas:
Clio, que, devolvendo omni-sapiente
Historicos thesouros,
Por Ti luzio, e luzirá Comtigo.

Ill.mo Snr. Antonio Ribeiro dos Santos

Tenho a honra, como já tive outra vez, de offerecer a V. S.a os fracos esforços de hũa veia debil, que todavia saõ os puros sentimentos da minha admiraçaõ, e da homenagem, que se deve aos talentos destinctos.

Então foraõ os meos gratos sentimentos aprezentados a V. S.a por maõ do P.e Jozé Francisco, que fôra o canal, por onde correraõ para mim as bondades de V. S.a Mas a perda deste bom Amigo, e a de outro, que logo depois sofri, me pozeraõ em tal estado, que agora certo me naõ deixariaõ vagar alguns momentos para pagar este tributo da minha admiraçaõ, se naõ fizesse grandes esforços.

A Pessôa de V. S.a guarde Deos muitos annos para consolaçaõ dos seos amigos e admi-

admiradores, e para honra da Litteratura, e defensa da humanidade.

Sou com todo o respeito de V. S.ª Admirador, e Creado muito obrigado

P. S. Francisco de Mello Freire, que soube desta minha tenção, e a louvou, me disse o fizesse recommendado a V. S.ª

Rua da Gloria N.º 7. segundo andar.

P.e Joze Theotonio Camuto de Forjó.

Testemunho
Do Snr.
Joze Theotonio Canuto de Forjó.

Ode
A
Elpino Duriense.

Trojani belli Scriptorem, maxime Sancti,
. . . . . Praeneste relegi:
Qui, quid sit pulchrum, quid turpe, quid utile, quid non,
Planius ac melius Chrysippo et Crantore dicit.
Hor. I. Epist. II. v. I. ...

Aquelle, que entre tantas vaidades
Naõ he vaõ, e naõ vendo huã só verdade,
Conhece, e segue todas as verdades . . . . .

Que chamarás a este? que eu naõ basto
A titulo the dar delle taõ digno.
Só me contento de seguir seu rasto.
Ferreira Liv. I. Cart. V.

Ou=

Outra vez, Douto Cyrino, a eburnea lyra
A Verdade me ordena ao peito encoste,
Que as aureas cordas fira, e sons acordes
Tirando, espalhe e cante.

Outra vez, dos mortaes compadecida,
Lá do Ceo lhes envia ambrosia, e nectar;
Ou trazendo ella mesma hum grão thezouro
Em preza, e solta fraze.

Nas alvas mãos mimozas me amostrava
Mais dois Livros formozos, e me acena
Com gesto lindo, gracioza fronte,
Que os olhos meos cativão.

Leucacio, dix, que incenso puro queimas
Em meos altares puros, e os humanos,
Bem que seos bens desprezem, nem me acatem,
No peito sempre trazes,

Nes=

Neste Livro inspirado ao Duriense,
Clara Estrella Polar, o velho Cyno,
Por mim, e a justa Astréa, e a saã Policia,
Em jura, Attica proza: (·)

Aprende tu, doutos varoens aprendaõ,
Quanto he dos homens preciozo o sangue;
Quanto indignadas somos q. o derramem,
E se ergaõ cadafalsos.

N'estoutro te recrea, que he de Phebo,
E das Muzas a lingua, o mel de Hymetto;
A longos sorvos bebe, que doutrina,
Qual graõ torrente, encerra. (··)

(·) Memoria sobre a Pena Capital, inserta no Jornal de Coimbra. Obra inteiramente Philosophica, a qual poẽm, sem contradicçaõ, a seu Illustre Autor ao lado de Beccaria. Oh! se tivessemos muitas destas Obras, em que se applica a mais sublime Philosophia, e Politica á Jurisprudencia!

(··) O III. Volume de suas Poesias.

Qual encerra o Cantor da Phrygia guerra
Em verdades fecundo, e grão sciencia;
Que honesto, e util melhorado ensina,
Que Crantor, e Chrysippo.

Elpino aos seos fiel, da patria lingua
A tuba altisonante, a copia, as graças,
Canta em metro suavissimo, e castiço
Melhor que o Grão Ferreira.

O seu Almeno excalça, excalça os mortos,
De quem já nada espera, nem recêa;
O merito he seu Deos, a quem consagra,
Ou pobre, ou rico adorne.

Seja humilde, ou potente, em altas torres
Habite, ou baixos tectos; moral puro
Só respeita, só quer, só canta, e preza,
E a candida Amizade.

Cin-

Cingir-lhe a frente em mesma de grinaldas,
Dos vates para exemplo, quero, e juro:
Minhas aras incensem, se pertendem
À gloria ter direito.

Elpino inspirà sempre: aos homens todo
Se consagrou Elpino, encheo seos dias;
Seos ricos dons Apollo lhe doára,
E cróas já lhe tece.

Acabou de fallar, e o grande Elpino
Já branco Cysne, à inveja sobranceiro,
A negra Estygie, ao Lethes somnolento,
Os ares corta, e vôa.

Gelonos, Daces, Marsos, vê, e corre
Com dezuzadas plumas, firmes azas;
Nos astros se sustenta; e em nova esfera
Novo astro já scintilla.

De-

Deos tutelar, preside a nossos cantos;
Ama-nos sempre, instrue-nos com delicias.
Ah! se, Elpino, me deixas teos dictados;
Teos ultimos accentos;

Por opulento mais, que Attalo, ou Cresso
Me contára có a herança preciosa,
Contra a morte, pobreza, fado, e dores
Escudo diamantino!

Elogio de Silvestre Pinheiro quando residia em Paris na sencura á Ulyssea de Gabriel Pereira de Castro

~~Tal he todo o Poema da Ulyssea: taes~~
~~sao pouco~~

Tal he todos Poema da Ulyssea: taes saó pouco mais ou menos, todos os nossos Classicos antigos

O preservativo com que delles se aproveitaraó sem perigo de Contagio, Garcaó, Diniz, Ribeiro dos Santos, e alguns outros, foi a Licaó dos Latinos e dos Gregos: com ella he que poderaó melhorar a Lingua e Estilla dos primeiros Mestres, como estes o fazia ao praticado com os seus predecessores.

Limitando nos ao estudo das Linguas collateraes, ganhamos huma diccaó incompativel com o Caracter de nossa Lingua que deste modo se torna n'huma informe algaravia.

Naó he o limitado terreno que occupamos na Europa, o que obsta a que a nossa Lin-

Lingua seja nella mais conhecida; mas sim a naõ termos hum numero taõ de bons escritos que mereça o trabalho de se estudar. Tellos-hiamos, se houvessemos continuado a formar-nos pela maneira com que começámos.

Quando todos fallavaõ naõ Latim nas escollas, todos tinhaõ necessidade de estudar em o bom e muitos o cultivavaõ. Hoje que ninguem o falla poucos o Estudaõ e raríssimos o cultivaõ; porque raríssimos saõ, os que podem prosumir de antemaõ as vantagens deste estudo. — A abolicaõ deste uso foi hum golpe fatal para a nossa Lingua e Litteratura.

He verdade que tambem os Italianos e Francezes o abolíraõ mas elles tinhaõ já tirado o fructo principal de possuirem na lingua vulgar modelos de Linguagem e de Estilo. — Quando deixaremos nós de nos julgar-mos contemporaneos dos outros so porque os nossos Calendarios marcaõ o mesmo anno que o delles?

O Author deste discurso sahio Anonimo:

nas

mas foi Silvestre Pinheiro Agente
da nossa Corte em Paris

Naõ diremos mais de Pedro Nunes por quanto o Snr Conselheiro Antonio Ribeiro dos Santos, com aquelle profundo saber e immensa erudicaõ, com q. custuma tratar assumptos literarios, compoz e o presentou a Real Academia das Sciencias de Lisboa, de q. he illustre memoro e ornamento, huã bem traçada Memoria da vida e escritos deste Sabio q. a mesma Academia com razaõ julgou q. devia ser estampada no Tom VII da Colecaõ de suas Memorias de Litteratura Portuguesa.

No Envestigador Portugez em Inglaterra ou Jornal Literario Politico de Septembro de 1814 no Artigo da Literatura Portugueza vem o seguinte = a pag 344

Vamos occupar desta vez parte do Artigo Literatura Portugueza – do nosso Jornal com as producções do nosso amavel e honrado Compatriota o Pe Francisco Manoel, que ainda depois de contar 81 annos de idade vive em França não cessando de trabalhar por dar honra e fama Literaria á sua Patria apezar de todas as ingratidões que della recebeu. Este velho Nestor da nossa Poezia e Literatura tem sempre direito a tomar hum assento mui distincto entre todos os nossos literatos, porque alem do seu mui real e relevante merecimento, nunca tem cessado na mesma terra estranha que lhe deu abrigo. de ser hum verdadeiro e zeloso defensor da sua Nação e de quanto lhe pertence. Ninguem milhor do que o nosso Poeta podia fallar sobre Horacio, a quem tão felizmente, e tantas vezes, tem imitado nas suas Odes moraes, e outras muitas

igualou na força da Poetica Inspiraçaõ e do Estro. Assim a ninguem melhor taobem podia dedicar esta sua composiçaõ do que aõ illustre e sabio Traductor Portuguez de Horacio o Snr Antonio Ribeiro dos Santos a quem a Patria he devedora desta e de outras muitas riquezas litterarias. A pequena peça poetica que se segue aõ Discurso, pertencente igualmente aõ nosso Vate anciaõ, e naõ deixa de ter sal e novidade. Delle temos ainda huma pequena novella, original, e de assumpto Portuguez, que taõbem publicaremos em Nós seguintes. Se muitos Leitores naõ acharem porem nella todo aquelle ~~todo~~ interesse que de ordinario costumaõ excitar as producçoens deste genero, aõ menos alli acharaõ a Classica pureza do nosso bom estylo e linguagem; e será hum modelo ou hum estimulo de mais para continuarmos a ser Portuguezes em nossos livros e Escriptos, assim como taõ afortunadamente o continuamos a ser em a nossa Politica Independencia.

e a pag 346 o seguinte =

Discurso
a cerca de Horacio e suas obras

Dedicado ao Illustrissimo Dezembargador do Paço Antonio Ribeiro dos Santos agradecendo-lhe o prazer, q. me deu a leitura da sua Traducçaõ das Odes de Horacio

O Sr: Antonio Ribeiro dos Santos enviou á Academia quatro Memorias: a 1ª sobre a novidade da Navegaçaõ portugueza no Seculo XV.; a IIª sobre o conhecimento e uso da Bussola e outros Instrumentos Nauticos, de que usavamos entaõ; e as duas sobre as demarcaçoes de dois Mappas antigos do Infante D. Pedro, e do Cartorio de Alcobaça. Estas Memorias saõ hum novo Testemunho da erudiçaõ e saber deste nosso benemerito Socio

(Discurso contendo a historia da Academia Real das Sciençias, desde 25 de Junho de 1812 ate 24 de Junho de 1813 por Joze Bonifaçio de Andrada e Silva. Secretario da mesma Academia) Tom. III das Memorias de (~~a pag. LXIX.~~) Mathematica e Phisica da Academia R. das Sciencias de Lisboa. fol. a pag. ELXXII.

Ultimamente o Sr. Antonio Ribeiro dos Santos enrequiçeo a nossa Bibliotheca com as Poesias de Elpino Duriense, que emparelhaõ com as de hum Ferreira, e de hum Bernardes.
(no mesmo discurso a pag. LXXIII)

No livro intitulado = Regras da Arte da Pintura por Joze da Cunha Taborda impresso em Lisboa na Off. Regia no anno de 1815 em 4º vem o seguinte no Prologo a pag. XIX

= Toda via assim mesmo animozo e cheio de confiança metti mãos a obra na persuação de que encontraria, como me succedeo, sujeitos benemeritos, e de reconhecida reputação que alentado meu zelo quizessem auxiliar-me no dezempenho della. He neste lugar, que eu devo publicar os seus nomes em signal de agradecimento a algumas particularidades, que lhes devem estas Memorias, e a que faltaria com grave detrimento da Historia, se por seu meio as não houvessem; o que julgo muito açertado por não incorrer na

reprehenção; que Plinio dava no Prologo da sua Historia Natural: Obnoxiis profectò animi est deprehendi in furto malle, quam mutuam reddere; que no sentido Portuguez quer dizer: Ser só proprio de animo mesquinho querer ser tomado antes com o alheio, que confessar o devido áquelle de cujo he.

E forão estes, porque o publico lhes fique taobem na mesma obrigação que lhes confesso, o erudito Dezembargador Antonio Ribeiro dos Santos, Bibliothecario maior da Real Bibliotheca publica, e Socio da Academia Real das Sciencias: o meretissimo Dezembargador Bartholomeu Joze Nunes Cardozo Giraldes, a cuja generoza benevolencia não menos que ao mui digno socio da

mesma Real Academia das
Sciencias Pedro Jose de Figueiredo
me confesso summamente
devedor; pois como sabios e
zelosos da gloria da Nação me
apontaram meios, donde colhi
copioso fructo.

A Proposição das Luziadas, considerada puramente como Oitava, independente das outras, porque a tal simples proposição continua em muitas, até o espalhavel por toda a parte, he a melhor que fez Luis de Camões, a mais pomposa pelos muitos Epithetos, e harmoniosa pela travação da vogal a, como bem nota o muito sabio, e erudito Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos

O P.e Jose Agostinho no Espectador Portuguez Jornal de Literatura e de Critica. - Artigo 2.º ... Critica - pag. 101

Lisboa na Impressão de Acobia
1816

Copia de hum §
de huma Carta de D. Mari-
anna Carlota de Verna
escrita do Rio de Janeiro a 21 de
Abril de 1813

Fui hum destes dias m.to agradavelm.te
surprendida achando: os nomes de
peçoas q. eu tanto estimo: nas m.as leituras
nas obras poeticas d'Antonio Ribeiro
dos Santos achei a V. Ex.a Monsenhor
Ferreira a linda Guilhermina e ámavel
D. Margarida: q. invejas tive ao passeio
premeditado no Pomar, do author:
eu dezejava acharme n'aquelles tempos
d'encantos em q. algum, Genio bem
fazejo me transportasse n'hum momento
no meio dágradavel soçiedade! q. eu
estava d'aqui venda! ainda q. o dono do
Pomar se espantasse e me naô achasse digna
tomandome pelos taes causticos de q.m
elle protesta sempre fugir: a protecçaô dos
meus am.os me ganharia a sua boa vonta=

de. Mas de todas estas illusoins com q.
eu gosto dingnar as vezes a mª ima=
ginaçaõ; o q. fica de Real, he saudade.

/Almeno/ Nome Poetico de Fr. Joze do Coraçaõ de Jazus do Seminario de Brancanes; no tom II das suas Poesias publicadas por Elpino Durisense vem algũas que me honraõ: taes saõ as seguintes com o titulo ao D.or Antonio Ribeiro.

A pag. 54. a O de 34: que começa
Se a Muza Sulmonense

A p. 56. a O de 35:
Os Gregos, e Latinos naõ tiveraõ

A p. 64 a O de 40:
As nitidas correntes do Mondego

A p. 69. a O de 43:
Naõ me dirás, a onde tu, Ribeiro,

A p. 73 a O de 45:
Cuidados duros, quando estava humdia

A p. 76 a O de 47:
Os versos podem descrever a linda

A

A p. 78. a O de 48:

Eu vi, eu vi, Ribeiro, eu vi as Ninfas

A p. 79. a O de 48:

Hum lindo enxerto de pomar das Musas

A p. 95, a O de 58:

Larga materia de Aprasivel canto,

A p. 108. a O de 65:

se naõ póde Ribeiro, honesto amigo

A p. 112. a O de 67:

Em negra solidaõ, que os dias morde

A p. 122. a O de 71:

Os ólhos estendendo longamente

A p. 133. a O de 75:

Do mundo apenas fui tomando tino

A p. 136. a O de 76:

Teus hymnos passeando

A p. 142. a O de 78:

se tu poderás, meu Ribeiro, hum dia

A

A p. 145 a ode 79.

Vem, caro Amigo, vem, dá-me teus braços

A p. 147 a ode 80.

No leito, não eburneo, aonde os ricos

A p. 165 Soneto.

De longe o terno coração cá tinha

O Dor Joze da Silva Xavier, Medico da Villa de Setuval tambem me honrou em hum seu Soneto que vem no fim das Poesias de Almeno sobre a sua morte.

A pag. 228. que começa

Eia, Ribeiro illustre, já naõ temos

No Jornal de Bellas Artes ou Memo-
mosine Lusitana ~~vem a segun~~ N.º 9.º a pag
137 fallando-se do Estabelecim.to da Re-
al Bibliotheca da Corte vem esta ~~Me~~
memoria =

He seu Bibliothecario Maior o Ill.mo
Snr.º Dez.dor Antonio Ribeiro dos Santos,
que tem honrado a Reppublica Litteraria
com optimas Composiçoes, entre ellas me-
reçem especial mençaõ as suas excellentes
Poesias, ha pouco impressas nitidam.te na
Impressaõ Regia; e a Traduçaõ das Odes
de Horaçio.

No

O Jornal de Bellas Artes
ou Mnemosine Lusitana redacção
patriotheca. N.º 14 no epicedio na mor-
te de S. Magestade Fidilissima a Snr.ª
D. Maria primeira por Jozé Maria da
Costa e Silva a pag. 235 vem hum Elo-
gio que se eu o merecesse seria o unico
premio que bastará para coroar as m.as Obras
Literarias.

Com olhos de ciume estranhas Gentes
Sobre as margens do Tejo e do Mondego
Newtons, Kants, e Buffons, Lineos contemplão,

Cis a elles e a todas se franqueia
Rico Erario, Deposito opulento
Do quanto produsio sciençia, e Genio
Em todas as Naçoes, nos tempos todos.

Tu

Tu lhe presides, ~~Ela~~ eluquente Elpino;
Honra da Religiaõ, Gloria do Douro,
Philosofo sublime, util Poeta,
De Horaçio Tradutor, rival de Horaçio! (a)

(a) O Dez.or Antonio Ribeiro dos Santos Primeiro Bibliothecario Profundo Philosopho, e elegante Traductor de Horaçio e que por suas Epistolas, e Odes, occupa hum distinto lugar entre os nossos melhores Liricos.

em Gallego; * q.do havia Poesias nossas e Castelhanas, comq allego mais antigas que as de Macias, e q.do finalm.te nunca me referi a poesias, q existissem escritas anteriores ao Seculo XII emq se fundou a Monarquia. O q vai de erro e de anachronismo neste só periodo! Confundio o Abbade as idêas, e baralhou ~~as~~ tudo meio lembrado do q me ouvio em huã Conversaçaõ emq entre outros Poetas antigos lhe fallei de Macias, como hum dos mais famosos de Espanha. e de como trovára em hum Dialecto Gallizeano Portuguez qual se usou ~~nos~~ entre nós nos primeiros tempos da Monarquia. Eisaqui como se escreve á ligeira e de malhaõ. e de Coisas q se naõ sabem bem;* e por q me naõ sulleda destas he q eu sou morozo em publicar os meus borroes. Basta de Sela, e Ds te dê boa saude e viagem. Guarda esta carta, que me poderá servir ainda de resalva. Amigo do C. e até por meu credito estimarei q a dês por mim

15 de Agosto de 1864

A. Ribeiro

* o q naõ sô faz contra mim, mas tambem contra elle q naõ reconhece estes [illegible] nos

Meu Amigo: mando-te os dois tomos dos Archivos Literarios da Europa: he pena, q sendo o artigo de Portugal: escrito por hum homem erudito e sensato, como o Abbade Correa, o fosse com tanta ligeireza e com tao pouca exacção em nossas Coisas: eu nao esperava figurar ali entre os mais Academicos; mas elle me quer honrar; por quao benigno he, posto que com a nota = Ce Savant ... est l'homme du monde le moins empressé à publier ses travaux: antiga nota dos Castros, do Cordeq, e de outros amigos, que sempre me taxárao nesta pte o não he que o Abbade me attribue Coisas, q eu nunca disse, nem se achao nas Memorias, que eu apresentei á Academia, as quaes podem dar occasião á mui severa reprehensão e critica contra mim e contra elle; pois q affirma q sobre minha palavra, que o Portuguez nao he Dialecto do Castelhano, dando em razão, que as mais antigas poesias espanholas, por exemplo as de Malras anteriores á Monarquia Portugueza sao escritas em Portuguez; quando eu nas minhas Memorias nao fallei deste Poeta: q.do elle he muito posterior á fundação da Monarquia; q.do elle escreveo em

Tomo N.II
pag.
280 e
281

Memorial

2-5-102

Da Vida e Obras do Dor Antonio Ribeiro dos Stos

dictado por elle mesmo o qual se lhe pedio pa hum Artigo do Diccionario Biografico dos Homens de Letras q. se publica em Paris.

O Doutor Antonio Ribeiro dos Santos, nasceo em Massarellos Subuirbio da Cidade do Porto em 20 de Março de 1745. Na idade de 11 annos passou para a Cidade do Rio de Janeiro no Brazil. Alli entrou no Seminario de N. S. da Lapa, estão notaveis pelas suas escolas; aonde fez hum curso de Filologia e Humanidades, debaixo do Magisterio de alguns Ex-Jesuitas de grande litteratura, entre os quaes muito se distinguia o doctissimo varaõ Francisco Moreira de Miranda natural do Porto.

Em 1764 voltou para Portugal, e nesse mesmo anno passou a Coimbra a frequentar os estudos da Universidade. Tendo feito com approvação os seus exames completos, recebeo em 7 de Fevereiro de 1771 o Grão de Doutor na Faculdade dos Sagrados Canones, q. lhe conferio seu Mestre Chancellar de Almeida Soares depois Bispo de Portalegre, e ficou Opposidor ás Cadeiras daquella Faculdade.

Quando se estabeleceo em 1772 a Nova Reforma dos Estudos Academicos, q. o Snr. Rei D. Joze de gloriosa memoria, alli mandou ajuntar pelo Marquez de Pombal seu Lugar-Tenente, foi provido em hum dos lugares de Collegial do Real Collegio das Ordens Militares em virtude da Carta Patente de Sua Magestade, como Secretario

das Ordens, datada de 25 de Setembro do mesmo anno; e tomou em conssequencia o Habito da Ordem Militar de S. Tiago da Espada.

Em 1777 foi nomeado por Sua Magestade Bibliothecario da Universidade, lugar q. creou, sendo o primeiro que nella houve.

Em 1779. foi convidado para socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, fundada no mesmo anno.

Em 1779, no concurso dos Oppositores ás Cadeiras da Universidade, foi despachado Lente substituto da Faculdade de Canones, por Decreto de 20 de Agosto.

Em 1782 foi igualado á Cadeira de Direito Natural por Decreto de Sua Magestade de 6 de Maio, em attençaõ a Oraçaõ funebre, que recitou nas Exequias da Senhora Rainha D. Marianna Victoria de Borbaõ, na Capella da Universidade de Coimbra.

Em 1788 foi chamado de Coimbra á Corte por Aviso de 25 de Julho, para negocio do Real Serviço, e foi depois nomeado Deputado da Junta da Revisaõ e Censura do Novo Codigo. por Decreto de ..... de 1789 lugar q. servio gratuitamente

Em 1789 foi despachado em hum lugar ordinario de Desembargador da Caza da Supplicaçaõ de Lxª, por Decreto de 10 de Novembro.

Em 1790 foi promovido ao lugar de Lente Proprietario da primeira Cadeira Synthetica das Decretaes, por Decreto de Sua Magestade de 29 de Janeiro. Veja-se abaixo a data de Aldo para se unir com esta.

Em 1793 foi promovido á Conexia Doutoral da Sé de Vizeu, pelo concur-

so da Vniversidade e Carta Regia de Nomeação e Apresentação.

No mesmo anno de 1793 foi promovido a Deputado do S.to Officio, por Provisão do Inquisidor Geral destes Reynos, de 3 de Abril.

Em 1795 foi jubilado na Cadeira Syntethica de Canones por Carta Regia.

No mesmo anno de 1795 foi nomeado Censor Regio do Desembargo do Paço, por Decreto de 28 de Agosto, ~~do que se lhe passou Portaria em 30 de Setembro~~ lugar que tem servido gratuitam.te

No mesmo anno de 1795 foi nomeado Chronista do Serenissimo Estado e Caza de Bragança, por Decreto de 4 de Dezembro.

Em 1796 foi nomeado por Sua Magestade Bibliothecario Maior da Real Bibliotheca Publica da Corte, por Decreto de 4 de Março; lugar que creou, sendo o primeiro que houve em Lisboa.

Em 1797 foi nomeado Deputado da Junta do Serenissimo Estado e Caza Real de Bragança, por Decreto de 21 de Março.

Em 1790 foi nomeado Commissario Geral dos Estudos destes Reinos na Repartição da Corte e Estremadura, por Carta Regia de 15 de Outubro lugar q. servio gratuitamente.

Em o mesmo anno de 1790 foi provido em hum lugar de Desembargador dos Aggravos por Decreto de 14 de Novembro.

Em 1800 foi transferido da Conezia Doutoral da Sé de Vizeu para a da Sé de Faro, por concurso na Vniversidade, e Carta Regia de Nomeação e Apresentação, de 11 de Julho.

Em o mesmo anno de 1800 foi nomeado Deputado da Junta da Directoria Geral dos Estudos, por Decreto de 11 de Outubro.

Em 1802 foi nomeado Deputado da Nova Junta do Codigo Militar Penal, por Decreto de 21 de Março, em q. servio gratuitamente

Em o mesmo anno de 1802 foi promovido a Deputado da Meza da Consciencia e Ordens, por Decreto de 13 de Maio, de cujo lugar se lhe passou Carta em 3 de Julho.

Em o mesmo anno de 1802 teve Carta do Titulo do Conselho de sua Alteza Real o Principe Regente, de 26 de Maio.

Em 1804 foi tresladado da Conezia ~~Doutoral~~ Doutoral de Faro para huma das tres Doutoraes da Sé Metropolitana de Evora, por concurso da Universidade, e Carta Regia de Nomeação e Apresentação de 9 de Agosto de 1804.

Em 1805 foi nomeado Socio da Academia Celtica de Paris, de que se lhe mandou hum Diploma datado de Paris / do quarto Floreal do anno XIII / com Carta do Secretario Eloy Johanneau.

Em 1809 foi nomeado Deputado da Junta da Bulla da Santa Cruzada, por Avizo do Governo de 4 de Dezembro, e confirmado por Decreto de Sua Alteza Real, em 1810: Vive ainda neste anno de 1814.

Obras do mesmo

Escreveo o Dor Antonio Ribeiro as Obras seguintes.

Obras
Impressas com o seu nome

1º De Sacerdotio et Imperio Selectae Dissertationes. Olisipone 1770. em 4º. Foraõ feitas para o seu acto Solemne de Conclusões Magnas.

Nesta obra, a primeira da sua Mocidade, se deixáraõ as Thezes vulgares ja cançadas das postillas, e se deo hum corpo de Doutrina reformada e depurada das opiniões Escolasticas. Della fez huã larga analise o Abbade Moutaõ, Redactor das Folhas Periodicas, intituladas = Nouvelles Ecclesiastiques: a pag. 17. 18. 19. e 20. Suite des Nouvelles Ecclesiastiques. Foraõ estas Dissertações traduzidas e impressas em Hollanda na Lingua Belgica.

2º Memorias da Literatura Sagrada dos Judeus Portuguezes no Seculo XV. Impressas no tomo V das Memorias de Literatura Portugueza da Academia das Sciencias de Lisboa.

3º Memorias Ditas do Seculo XVI. No tom. VI.

4º Memorias ditas do Seculo XVII. No mesmo tom. VI.

5º Memorias ditas do seculo XVIII. No mesmo tom. VI.

Nestas quatro Memorias se disse pela primeira vez algum bem dos Judeus entre Nós, depois de se ter dito tanto mal; e estremando-se aqui o merecimento real da sua Literatura das preoccupações da sua Seita.

6º Memorias sobre o Mathematico Francisco de Mello e suas obras ineditas existentes na Real Bibliotheca de Lxª, unico exemplar q. se conheça. No tom.

VII. das mesmas Memorias da Academia Real &c.

7.º Memorias sobre o Mathematico Pero Nunes. No mesmo tom VII.

Nestas duas Memorias se fallou com a devida dignidade dos dois maiores Mathemathicos, q. teve Portugal, e se derão algũas noticias ainda pouco vulgares.

8.º Memorias sobre as Traducções e Edições Biblicas em Portuguez. No mesmo tom. VII. em q. se tratarão materias de importancia na Christandade, ainda pouco conhecidas entre Nós.

9.º Ensayo para hũa Bibliotheca Lusitana Anti-Rabinica. No mesmo tom. VII. Obra em q. se mostrou, q. Portugal não tinha q. invejar aos Controversistas Anti-Rabinicos mais famosos, vem a ainda ao mesmo Rossi na Italia.

10 Memorias sobre a Origem, e progressos da Typografia Portugueza do Seculo XV. No tom. 8.º part. 1.ª das mesmas Memorias.

11 Memorias Ditas do Seculo 16. no mesmo tom. 8.º part. 1.ª

12 Nestas duas Memorias se dá o primeiro Ensayo methodico para os Annaes Typograficos da Nação.

13 Memorias sobre Alguns Mathematicos em Portugal e suas Colonias Naturaes e Estrangeiros. No mesmo tom. 8.º part. 1.ª

Nellas se compr.ão e Expoferão com ordem e novidade algumas coizas dignas de se saberem na Historia das Sciencias Mathemathicas, e das Artes, q. dellas dependem.

14 Memorias da Poesia em Portugal. No tom. 8.º part. 2.ª

Ke

He hum Discurso preliminar para a Obra maior das Memorias da Poesia Portugueza.

Memorias sobre as Demarcaçoes dos dois antigos Mapas do Infante D. Pedro e de Alcobaça, e primeiramente da Demarcaçaõ do Cabo da Boa Esperança no Mapa de Alcobaça: no tom 8º part. 2ª das mesmas Memorias.

Memorias sobre a Novidade da Navegaçaõ Portugueza do seculo XV. do mesmo tom. 8º part. 2ª.

Obras

Impressas Anonimas

16 Poetica de Aristoteles Traduzida do Grego em Portuguez: com huma Introducaõ sobre a mesma. Lisboa na Regia Officina Typografica em 1779. 8º

He Obra commum delle, e do Dor. Ricardo Raimundo Nogueira, hoje hum dos Governadores do Reyno.

Nella se deu a Portugal a Traducaõ da primeira e unica obra methodica da Antiguidade sobre a Poetica, que a the entaõ naõ tinha.

Obras

Impressas debaixo do Nome Poetico supposto de Elpino Duriense.

17 Noticia sobre Almeno, e a sua Traducaõ dos quatro primeiros Livros de

das Metamorfoses de Ovidio Nasão. vem com a mesma Obra. Lisboa na Officina Lacerdina em 1805. 1 vol. em 12.

Nella se deo a conhecer á Nação q. grandiozos serviços se lhe fez com esta Obra, na Lingua, na Poezia, e no Gosto, digna de se igualar ás dos nossos Classicos.

19 Lyrica de Q. Horacio Flaco. Poeta Romano, trasladada literalmente em Verso Portuguez. Lisboa na Regia Officina Typografica em 1807. 2 tom. de 8º

20 Poesias Portuguezas de Elpino Duriense. Lisboa na Regia Officina Typografica em 1812. 2 tomos de 4º. relativas em grande parte á Literatura e á Moral.

21 Poesias Latinas e Portuguezas. Impressas nos Tornaes de Coimbra de Março de 1813. n. 15 = de Setembro de 1813. n. 21 = de Outubro de 1813. n. 22 = de Janeiro de 1814. n. 25 = e de Fevereiro do mesmo anno n. 26

Obras Mss.

apresentadas á Academia Real das Sciencias de Lxª. para a Impressão.

Plano para a Historia das Origens, e progressos da Antiga Lingua de Espanha, e de seus actuaes Dialectos, principalmente do Portuguez. 1 vol 4º Offerecido á Real Academia em 1781. Plano, q. por se haver depois reformado pelo Author, ficou reservado pª sahirá Luz q.do se publi-

casse a Obra.

Memorias sobre a Authenticidade da Collecção de Medalhas de Macedonia, q. ha no gabinete da Real Bibliotheca de Lisboa 1. vol. 4º

Traducçaõ e Illustracaõ do Periplo de Hanaõ, cotejada com as Viagens do Infante D. Henrique. 1 vol. 4º

Memorias sobre a Demarcaçaõ da Terra de ~~Magalhaens~~ Magalhaens no Mapa do Infante D. Pedro. 1 vol 4º

Memorias sobre o uzo dos Instrumentos Nauticos anterior ao Seculo XV. 1 vol. 4º

Estas duas Obras ultimas fazem parte da outra acima referida e ja impressa das Memorias sobre as demarcaçoes dos dois Mapas do Infante D. Pedro e de Alcobaça.

Memorias da Poezia ~~Portugal diga~~ em Portugal, (Com.) hũa noticia de dois Cancioneiros athé aqui desconhecidos.

Pertencem à Obra acima referida e ja (impressa) da Introducaõ às Memorias da mesma Poezia em Portugal. 4 vol 4º

Obras Mss.

depositadas na Real Bibliotheca de Lisboa

Alem das Obras Mss. acima referidas escreveo outras, q. tem deixado em sua vida à Real Bibliotheca de Lisboa e ja nellas se achaõ

depositadas em huâ das Estantes da Salla de seus Mss.ᵈᵃ a Letra P. a companhada de hum Catalogo de todas ellas: as principaes saõ as seguintes.

Na Classe de

Humanidades.

~~As principaes saõ as seguintes~~

De Antiquitatibus Hispaniæ 7. vol. 4º

Veteris ~~Hispaniae~~ Hispaniae et Lusitaniae Geografiae ~~Civilis~~ Civilis 2. vol. de 4º primeiro contém a Bética, e a Tarragonense: 2º a Lusitania = ~~[illegible]~~

Do Estado Civil e Religioso dos Judeus em Portugal e da sua emigraçaõ para varias partes do Mundo: 2. vol. 4º

Historia Juris Wisigothici. 1. vol. 4º

Memorias dos feitos do Mestre Jeronimo de Sᵗᵃ fé contra os Hebreos. 1. vol. 4º

Memorias da Vida de D. Gaspar de Lisaõ primeiro Arcebispo de Goa. 1. vol. 4º

Memorias das Edições estranhas de Livros do Seculo XV. ou mais raros ou mais preciozos existentes nas Livrarias de Portugal. 2. vol. 4º

Da Origem natural da Linguagem do Gesto, e dos sons em particular 1. vol. 4º

Formaçaõ natural das Linguas pela Onomatopeia, e pela Analogia. 1. vol. 4º

Das raizes ~~[illegible]~~ e radicais das Linguas 1. vol. 4º

Da Composiçaõ e Derivaçaõ das palavras 1. vol. 4º

~~Resoluçaõ de alguns Problemas~~ sobre as Linguas. 1. vol. 4º

Resoluçaõ de alguns problemas

Enumeraçaõ Methodica das Linguas 1 vol 4º

Bibliografia das Linguas 2 vol 4º

Vocabulario harmonico da Lingua Portugueza e de outras mtas nas coizas e acçoẽs proprias do estado primitivo do Homem 2 vol 4º

Da conservaçaõ da Antiga Lingua Geral de Hespanha em todo o tempo da Senhoria dos Romanos. 1 vol 4º

Origens celticas da Antiga Povoaçaõ de Hespanha com hum Mappa Geografico da Lusitania Celtica 1 vol 4º

Origens Celticas da Antiga Lingua Geral de Espanha e de seus actuaes dialectos 3 vol 4º

Das Origens Celticas da mesma Lingua declaradas pelo vasconso 4 vol 4º e 1 de folha

Das Origens Gregas da mesma Lingua 2 vol. 1 de 4º e outro de folha.

Origens Latinas e Wisigoticas da mesma Lingua 2 vol 4º

Origens Arabicas da Lingua Castelhana e Portugueza 3 vol 4º

Origens Orientaes e Indoticas da mesma Lingua 1 folheto.

Todas estas obras das Origens foraõ depositadas na sobredita Bibliotheca com obrigaçaõ de as dar ou hum seu exemplar á Real Academia das Sciencias, se as quizer imprimir; a ellas se refere o que diz o douto Abbade Teixeira Correa da Serra secretario q. foi da Academia no Livro intitulado Archives litteraires de l'Europe impresso em paris em 18.. N. 11

a pag. 280. 281.

Elegancias da Lingua Portugueza, extraidas dos seus Clasicos. 1 vol. folha

Regulamento de hum curso de Estudos de Humanidades. 1 vol 4º

Oratio in funere Mariæ Annæ Victoriæ Borboniæ Lusitanorum Reginæ ~~Coram~~ (Coram) frequenti ~~Academiæ Conimbricensis~~ (Academia) Conimbricensi. 1 folheto. fol.

Lições e Illustrações de Poetica com largos Comentarios. 8 vol 4º

Na Classe

de Sciencias Civis e Politicas.

Discursos Varios de Direito Publico Universal. 1 vol 4º

Descursos Varios de Direito Publico Particular de Portugal. 1 vol 4º

Censuras sobre o Novo Codigo apresentado na Junta da Censura e Revisão. 8 vol 4º

Discursos Varios de Direito Criminal. 1 vol 4º

Discursos Varios de Direito Maritimo sobre as prezas 1 vol 4º

Na Classe

de Sciencias Ecclesiasticas.

Da Authoridade dos Bispos sobre o Clero Secular e Regular, e sobre os mesmos ~~insentos~~ Sentos. 3 Vol. 4º

Regulamento de um curso de Estudos Theologico-Canonicos por novo Methodo pª ouso do Clero Regular ~~Maximamente~~ (maximamente) das Ordens Militares 1 vol 4º

O Evangelho de Jesu Christo segundo S. Matheus e S. Marcos, traduzido e illustrado com largos cõmentarios em Portuguez. 3 vol. 4º

Na Classe de

Poligrafia, ou Varia Erudiçaõ.

Colleçaõ de Cartas Literarias e de outras sobre as bellas Artes. Varios folhetos de 4º

O Evangelho de Jesu Christo segundo S. Matheus e S. Marcos traduzido e illustrado com largos comentarios em Portuguez. 3 vol. 4º

Na Classe de

Poligrafia, ou Varia Erudição.

Collecção de Cartas Literarias e de outras sobre as bellas Artes, Varios folhetos de 4º

2-5-103. 148

Papeis
e documentos
da minha Nomeação
para Socio da Academia
Celtica de Paris

que se devem entregar
na Real Bibliotheca
de Lisboa, áqual os deixo.
Fevereiro de 1807.

Antonio Ribeiro dos Santos

Diploma datado de Paris da quatro
Floreal do anno XIII pelo qual o
Dor. Antonio Ribeiro dos Santos foi
nomeado Socio da Academia Celtica
de Paris, e a lista dos Membros e
Associados, e a Carta do Secretario
Perpetuo da mesma Academia
Eloi Johanneau, q. acompanhou
estas duas peças

Sermonem patrium moresque requirit.

ACADÉMIE CELTIQUE,

SÉANT A PARIS,

INSTITUÉE LE III VENTOSE, AN XIII.

L'ACADÉMIE, d'après le Rapport à elle fait en sa Séance du Trois Ventose an 13 (22. février 1805.) a admis parmi ses Membres étrangers M Ribeiro Dos Santos, Bibliothécaire du Prince Regent du Portugal à Lisbonne.

En foi de quoi l'Académie lui a fait expédier le présent Diplôme.

A Paris, le quatre floréal an 13 (24. avril 1806)

Président. Cambry

Vice-Président. Bg. de la Lacépède

Trésorier. Le Breton

Secrétaires temporaires. Mangourit, Mc Paroletti, Joseph Lavallée

Secrétaire perpétuel. Etienne Jouanneau

Archiviste Hennin

Diploma
pelo qual a Academia
Celtica de Paris
me elegeo por seu
Socio
em 24 de Abril
de 1804

GLORIÆ MAJORUM.

STATUTS ET RÉGLEMENS

DE

L'ACADÉMIE CELTIQUE,

Adoptés par elle dans sa Séance du 3 Ventose an XIII.

ARTICLE PREMIER.

L'ACADÉMIE CELTIQUE s'occupera de la Langue et des Antiquités Celtiques.

ART. II.

Elle publiera tous les mois un Numéro de ses Mémoires, sous le titre d'*Archives de l'Académie Celtique.*

Elle n'y tolérera, ainsi que dans ses Séances, aucune discussion politique.

ART. III.

L'Académie est composée de Membres résidens, de Membres étrangers et d'Associés correspondans.

ART. IV.

Le nombre des Académiciens résidens est fixé à soixante-douze.

ART. V.

Le nombre des Académiciens étrangers ou des Associés correspondans est indéfini.

ART. VI.

Tous les Préfets auront droit d'assister aux Séances de l'Académie, et auront voix consultative.

ART. VII.

Le Bureau sera composé,

1°. D'un Président perpétuel;

2°. D'un Président et vice-Président, qui seront remplacés tous les ans;

3°. D'un Secrétaire et d'un Archiviste perpétuels;

4°. De quatre Secrétaires et d'un Trésorier, qui seront élus tous les ans.

ART. VIII.

Toutes les Nominations se feront au scrutin secret et à la pluralité absolue.

ART. IX.

La Société s'assemblera trois fois par mois. Les Séances auront lieu les 9, 19 et 29, à six heures et demie précises du soir.

En cas de Fête, la Séance aura lieu le lendemain.

ART. X.

Le Président nomme les Commissaires et convoque les Assemblées extraordinaires, après avoir consulté le Bureau.

ART. XI.

La rédaction des *Archives de l'Académie* est confiée à une Commission de trois Membres nommés par elle.

Le Secrétaire perpétuel de l'Académie est en même temps Rédacteur perpétuel de ses Archives.

ART. XII.

Tout Candidat, soit comme Membre résident, soit comme Membre étranger, soit enfin comme Associé correspondant, sera présenté par deux Membres qui déposeront au Secrétariat un court Exposé des titres du Candidat, signé d'eux.

ART. XIII.

Les Élections se feront à la majorité absolue du scrutin secret.

ART. XIV.

Les Académiciens résidens, qui auront été une année entière sans venir aux Séances, seront censés avoir renoncé à leur titre. La Société se réserve le

droit de juger la validité des motifs qui permettroient de déroger à cet artiele.

ART. XV.

Il y aura par an deux Séances publiques.

On n'y lira rien qui n'ait été examiné par une Commission et approuvé par l'Académie.

ART. XVI.

L'Académie proposera des questions à résoudre ; et décernera des Prix dans ses Séances publiques.

ART. XVII.

Les Académiciens résidens seuls sont exclus des Concours.

Pour copie conforme.

CAMBRY, *Président ;*

ÉLOI JOHANNEAU, *Secrét. perpét.*

153

LISTE

DES

MEMBRES ET ASSOCIÉS CORRESPONDANS

DE

L'ACADÉMIE

CELTIQUE.

LISTE

DES

MEMBRES ET ASSOCIÉS CORRESPONDANS

DE

L'ACADÉMIE CELTIQUE.

BUREAU DE L'ACADÉMIE.

MESSIEURS:

Président,	CAMBRY.
Vice-Président,	LACÉPÈDE.
Secrétaire perpétuel,	ELOI JOHANNEAU.
Secrétaires temporaires,	CARRION-NISAS. JOSEPH LAVALLÉE. MANGOURIT. PAROLETTI.
Archiviste,	HENNIN.
Trésorier,	LEBRETON.

MEMBRES DE L'ACADÉMIE.

RÉSIDENS.

LA TOUR D'AUVERGNE-CORRET, *mort au champ d'honneur.*

MM.

1. ABEILLE, rue Vivienne, vis-à-vis celle Colbert.
2. ANGIOLINI, ex-ambassadeur d'Etrurie, rue Neuve des Petits-Champs, n°. 12.
3. BESNARD, inspecteur-général des ponts et chaussées, rue des Saints-Pères, n°. 1219.
4. BEURNONVILLE, général, ambassadeur de France, à Madrid.
5. BOREL, membre de la cour de Cassation, rue Bourbon-Saint-Sulpice, n°. 722.
6. BOULARD, notaire, rue St.-André-des-Arcs.
7. BRILLAT-SAVARIN, membre de la cour de Cassation, rue du Mont-Blanc, n.° 4.
8. BRUIX, vice-amiral.
9. BRUNE, maréchal de l'Empire, rue Neuve des Mathurins.
10. CAMBRY, rue de Caumartin, n.o 19.
11. CAPPERONNIER, conservateur de la bibliothèque Impériale, à la Bibliothèque.
12. CARRION-NISAS, tribun, rue du Faubourg Honoré, n° 101.

13. CHANLAIRE, géographe, chef de division à l'Administration forestière.
14. CHASSIRON, tribun, rue du Cherche-Midi, n.° 295.
15. CHATEAUGIRON, secrétaire d'ambassade, boulevard Poissonnière.
16. CORBET, statuaire, rue du Faubourg Saint-Martin, n.° 55.
17. CORREA DE SERRA, rue Saint-Hyacinthe, près la place Saint-Michel.
18. DE FORTIA D'URBAN, rue de la Rochefoucault, n.° 21.
19. DE GRAVE, général, rue de Sèvres, n.° 998.
20. DELALANDE, astronome, membre de l'Institut, au collége de France.
21. DENINA, bibliothécaire de S. M. l'Empereur et Roi, rue Grenelle-St.-Germain, Hôtel du Prince de Galles.
22. DENOUAL DE LA HOUSSAYE, chef au ministère du Grand-Juge, rue Cassette, n.° 851.
23. DESPREZ, secrétaire des commandemens du Prince Louis, rue St.-Dominique, n.° 947.
24. DESSOLE, général, à Paris.
25. DEVITRY, au palais du Corps-Législatif.
26. DIDOT l'aîné, imprimeur, Galeries du Louvre.
27. DODUN DE NEUVRY, rue Neuve des Mathurins, n.° 679.
28. DULAURE, rue des Saints-Pères, en face de la rue Taranne.

29. DUPRÉ, graveur, rue de Seine.

30. DUVAL (AMAURI), chef du bureau des Beaux-Arts, au Ministère de l'Intérieur, rue de Grenelle-Germain, n.° 321.

31. DUVERRIER, tribun, rue de la Pépinière, faub. St.-Honoré.

32. FAUJAS DE SAINT-FOND, professeur de minéralogie, au Jardin des Plantes.

33. FONTANES (DE), président du Corps-Législatif, membre de l'Institut.

34. FRANÇOIS DE NEUF-CHATEAU, membre de l'Institut, président du Sénat, au Palais du Sénat.

35. GARNIER, ex-constituant, chef du bureau de l'Instruction publique, au Ministère de l'Intérieur, rue de l'Université, n.° 915.

36. GILLET-LAUMONT, membre du conseil des mines, rue de l'Université.

37. HÉDOUVILLE, général, à Paris.

38. HENNIN père, } rue Neuve des Mathurins,
39. HENNIN fils, } n.° 8.

40. HÉRICART DE THURY, ingénieur des mines.

41. HUON, législateur, rue d'Argenteuil, n.° 231.

42. JOHANNEAU (ÉLOI), ex-professeur de Belles-Lettres, Cloître Honoré, n.° 9.

43. JOLY, administrateur, conservateur de la bibliothèque impériale, à la Bibliothèque.

44. JUBÉ, tribun, rue de la Liberté, n°. 38.
45. LACÉPÈDE, membre de l'Institut, grand chancelier de la légion d'honneur, Hôtel de Salm.
46. LASTÉRIE, rue de la Planche, n.° 527.
47. LAVALLÉE (Joseph), de l'académie de Gottingue, secrétaire perpétuel de la société Philotechnique, chef de la 5.e division de la légion d'honneur, au Musée Napoléon.
48. LEBARBIER l'aîné, peintre, quai de la Vallée, Maison des Augustins, n.° 70.
49. LEBRETON, ex-constituant, bibliothécaire du tribunal de Cassation, au Palais de Justice.
50. LEGRAND, architecte des monumens publics, rue St.-Florentin, n.°. 670.
51. LEHOC, ex-ambassadeur en Suède, rue Blanche, division du Mont-Blanc.
52. LENOIR, conservateur du musée des monumens françois, au Musée.
53. LESCALLIER, conseiller d'état, rue St.-Guillaume, n.° 1156.
54. MACDONALD, général, à Chaillot.
55. MANGOURIT, rue de Lille, n.° 500.
56. MENTELLE, géographe, membre de l'Institut, Galeries du Louvre.
57. PAROLETTI, de l'académie des Sciences de Turin, rue Croix-des-Petits-Champs, n.° 44.

58. PASTORET, de l'Institut, Place de la Concorde, n.° 3.
59. PONCE, graveur, rue du Faubourg Saint-Jacques, aux Feuillantines.
60. PREVOT D'IRAI, censeur des études, au Lycée Impérial.
61. SAINT-MARTIN, sénateur, rue Plumet, n.° 782.
62. SAINT-MORIS, rue Vivienne.
63. STAPFER, rue St-Lazare, no. 6.
64. TERRASSON-SENEVAS, rue Caumartin, au Grand Balcon.
65. TOURLET, docteur-médecin, au Bureau du Moniteur.
66. VAN-PRAET, conservateur de la bibliothèque Impériale, à la Bibliothèque.
67. VEAU-DELAUNAY, docteur-médecin, rue du Colombier, n.° 36.
68. VOLNEY, membre de l'Institut, sénateur, rue de la Rochefoucault, n.° 7.

NON-RÉSIDENS.

Nationaux.

MM.

1. ANDRÉOSSY, général.
2. BAUDOUIN-MAISON-BLANCHE père, à Lannion, Côtes du Nord.

3. BELLEC, législateur, à Dinan.
4. BESSON, minéralogiste, à Paris.
5. BOSSI, préfet de l'Ain, à Bourg.
6. BOTTA, de l'académie de Turin, législateur.
7. BOUESSEL, ingénieur en chef de la navigation de Bretagne, à Pontivy.
8. BOURGEOIS DE JESSAINT, maire de Chartres.
9. CASSINI, astronome, membre de l'Institut, à Thury, près Clermont.
10. CHALMET, antiquaire, à Tours.
11. CHALVET, bibliothécaire de l'école de Droit, à Grenoble.
12. CHAMPOLÉON, à Grenoble.
13. CORBIGNY, préfet de Loir-et-Cher, à Blois.
14. DELAUNAY (Benjamin), à Dinan.
15. DE LIANCOURT, à Liancour.
16. DENOUAL DU PLESSIS, directeur des contributions, à Saint-Brieux.
17. DESALUCES, chancelier de la 16.e cohorte de la légion d'honneur, à Turin.
18. DESAULNAYS, ex-conservateur de la bibliothèque Impériale, à Lannion.
19. DODUN, secrétaire d'ambassade, à Vienne.
20. DORSCH, receveur des contributions directes, à Quimper.
21. DUMOULIN (Alain), curé de Crozon, près Brest.

22. DU PETIT-THOUARS, naturaliste, à Saumur.
23. DURANDI (Jacopo) de l'académie des Sciences de Turin.
24. FAUCHET, préfet du Var, à Draguignan.
25. FOURIER, préf. de l'Isère, à Grenoble.
26. GIBELIN, antiquaire, à Aix.
27. GILBERT, bibliothécaire du ministre de la guerre, à l'Hôtel de la guerre.
28. GOUIFFÈS, docteur-médecin, à Rosporden, près Quimper.
29. GROUVELLE, ex-ambassadeur en Danemarck.
30. HÉDOUVILLE, secrétaire d'ambassade, à Rome.
31. HOURY, ingénieur des mines.
32. JOUBERT, chef du bureau des Monumens publics, au Palais du Corps-Législatif.
33. LACOSTE, de Plaisance, naturaliste, à Clermont-Ferrand.
34. LAREVEILLÈRE-LÉPAUX, à Paris.
35. LEGONIDEC, rue Richer, n.° 894, faub. Montmartre.
36. MALHERBE, bibliothécaire du Tribunat, à la Bibliothèque.
37. MENOU, général, administrateur général du Piémont, à Turin.
38. MEUNIER, général, à Poitiers.

39. MOREAU-DE-SAINT-MÉRY, administrateur des duchés de Parme et de Plaisance, à Parme.
40. MURITH, antiquaire, prieur à Martigny, en Valais.
41. OBERLIN, antiquaire, et professeur, à Strasbourg.
42. PEIGNOT, bibliothécaire, à Vezoul.
43. PICTET, tribun, à Genève.
44. POMMEREUIL, préfet d'Indre-et-Loire, à Tours.
45. POUGENS, membre de l'Institut, quai Voltaire, n°. 10.
46. PROU, ingénieur des ponts et chaussées, à St.-Brieux.
47. QUESNEL, antiquaire, à Châteauroux, départ. de l'Indre.
48. REVER DE LA PLATIMÈRE, antiquaire à Courteville, près Caen.
49. REYNIER (Louis), à Garchi, près Preuilly, département de la Nièvre.
50. RIBOU, procureur-général de la cour Criminelle, à Bourg.
51. RIOU, préfet du Cantal.
52. ROCHON, membre de l'Institut, à Brest.
53. ROUJOUX, préfet de Saône et Loire, à Mâcon.
54. SAVARY, sous-inspecteur aux revues, à Arras.

55. SIAUVE, commissaire des guerres, à Utrecht.
56. TARINI, de l'académie des Sciences de Turin.
57. TERSAN, antiquaire, à Paris.
58. THEVENARD, vice-amiral et préfet de marine, à Lorient.
59. VALPERGA-CALUSO, de l'académie des Sciences de Turin, à Turin.
60. VILLEBRUNE (LEFEVRE DE), à Angers.
61. VILLE-NEUVE (DE), sous-préfet, à Nérac.
62. VILLE-VIEILLE, Grande Rue Verte, faubourg St.-Honoré, première porte-cochère à gauche.

Étrangers.

MM.

1. BARDETTI, secrétaire dela société pour les recherches des Antiquités Italiques, à Florence.
2. BINGLEY, antiquaire gallois, à Londres.
3. BRIDEL (le baron de), à Gotha.
4. FABRONI, antiquaire, à Florence.
5. FEDER, conseiller d'état, à Hannover.
6. GAZOLA (le comte de), à Veronne.
7. HEYNE, secrétaire perpétuel de l'académie de Gottingue.
8. HUMBOLDT (le baron de), à Paris.
9. HUMBOLDT, envoyé du roi de Prusse, à Rome.

10. JONES, antiquaire gallois, à Londres.
11. KING (Edward), à Londres.
12. MACKENZIE, secrétaire de la société des Highlanders, à Edimbourg.
13. MALSBURGT (le baron de), envoyé extraordinaire de la cour de Hesse-Cassel, à Paris.
14. OWEN, antiquaire gallois, à Londres.
15. RIBEIRO DOS SANTOS, bibliothécaire du Prince régent de Portugal, à Lisbonne.
16. SCHNEIDER, conservateur du musée des Antiquités, à Vienne.
17. SOULANGE-ARTAUD, à Gottingue.
18. VALANCAY, général, en Irlande.

ASSOCIÉS CORRESPONDANS.

Nationaux.

MM.

1. BOULET, ingénieur-géographe, au Dépôt de la guerre.
2. CHENE, rue d'Angoulême, no. 6, au Marais.
3. CRESSAC, ingénieur des mines, à Poitiers.
4. DE SAINTE-FOI, à Paris.
5. DESPARANCHES, docteur-médecin, à Blois.
6. GILBERT père, médecin de l'armée des Côtes, à Montreuil-sur-mer.

7. GILBERT fils, sous-ingénieur, inspecteur de marine, à l'Orient.
8. HENRI, curé de Quimperlé.
9. KERGARIOU, antiquaire, à Lannion.
10. KERLÉRO DU CRANO, à Lorient.
11. LANORGARD, minéralogiste, à Paris.
12. LECOMTE, receveur des impositions, à Sarlat.
13. LEFEBVRE, sous-préfet de Romorantin.
14. MAZÉ, géographe, à Vezoul.
15. MOREAU, chirurgien major du 2e. régiment d'infanterie légère, à Cherbourg.
16. MUNIER, sous-préfet, à Nantes.
17. PARDESSUS fils aîné, avocat, à Blois.
18. QUERU, naturaliste, ex-constituant, à Rennes.
19. ROUJOUX fils, sous-préfet, à Dôle.
20. SIRET, ingénieur-minéralogiste, à Tarbes.
21. TETARD, secrétaire de la municipalité de Lesneven.
22. THOMAS-DE-SAINT-MARS, chef de division aux hospices civils, rue du Marais, n°. 50 *bis*.
23. VAIDY, docteur-médecin de l'armée des Côtes, à Sammer.
24. VAUGEOIS, juge au tribunal Criminel, à Namur.

SOCIÉTÉS LITTÉRAIRES CORRESPONDANTES.

Nationales.

Société Philotechnique,
Société des Amis des Arts,
Société d'Agriculture,
Athénée des Arts,
} à Paris.

Société d'Emulation, à Poitiers.

Étrangères.

Société royale des Antiquaires, à Londres.

Société royale des Highlanders, à Edimbourg.

Société pour la recherche des Antiquités Italiques, à Florence.

Société royale de l'Histoire et des Langues du Nord, à Copenhague.

Société pour la recherche des Antiquités et de l'Histoire de Russie, à Moscou.

Certifié conforme ;

CAMBRY, *Président.*

éloi JOHANNEAU, *Secrét. perpétuel.*

GLORIÆ MAJORUM.

ACADÉMIE CELTIQUE,

SÉANT A PARIS, HOTEL BULLION.

SECRÉTARIAT PERPÉTUEL.

Paris, le 16. Floréal an 13 (6. Mai 1805)

MONSIEUR,

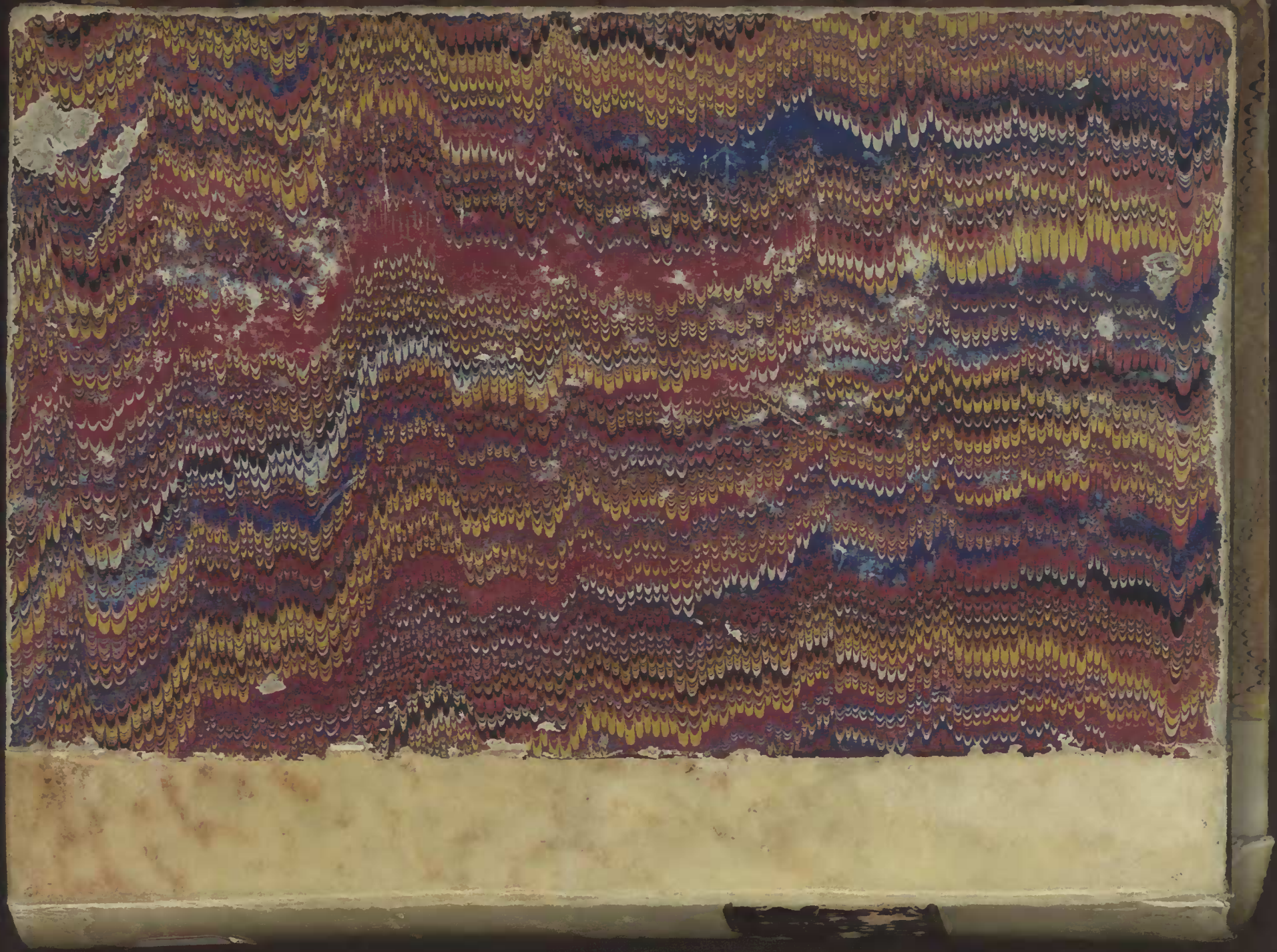
LE but de l'Académie, comme le fait connoître sa devise (*sermonem patrium moresque requirit*), est de faire des recherches sur *la Langue et les Antiquités Celtiques*; son motif est la gloire de la Patrie. Pour atteindre un but aussi utile et aussi bien déterminé, elle a besoin de collaborateurs; elle a besoin d'interroger la France entière sur l'état ancien des Gaules; elle a donc jetté les yeux sur les savans les plus distingués non seulement de la France, mais de toute l'Europe; c'est sous ce rapport qu'elle a cru devoir, monsieur, vous associer à ses travaux et vous admettre au rang de ses Membres étrangers. Comme c'est pour moi une mission bien agréable de vous en instruire, je m'empresse de m'en acquitter et de vous faire passer votre Diplôme. J'y joins quatre exemplaires des Statuts de l'Académie, que vous recevrez, franc de port, par la poste. Sous peu de jours je vous enverrai la liste de ses membres et de ses associés correspondans.

L'Académie voit déjà avec satisfaction plusieurs d'entr'eux s'empresser de

concourir au but qu'elle se propose; mais elle desireroit sur-tout que les non résidens entretinssent avec elle une correspondance fréquente, relative à ses recherches; et elle compte particulièrement sur vous pour lui communiquer tout ce qui est à votre connoissance des Monumens, des Mœurs, des Usages, des Traditions, des Langues des anciens habitans des Gaules et même de toute la Celtique, qui sous ce nom comprenoit presque toute l'Europe, et en particulier de ceux du canton que vous habitez. C'est en réunissant, c'est en faisant converger en un point toutes les connoissances locales, qu'on peut espérer de faire luire un nouveau jour sur nos antiquités jusqu'ici trop négligées et moins connues que celles des Grecs et des Romains. Outre la douce satisfaction de servir sa Patrie et de contribuer à l'illustration Nationale, chacun en retirera la gloire qui lui est due. Ses mémoires seront lus dans les Séances de l'Académie et insérés avec le nom de leur auteur dans les Archives Périodiques, qui paroîtront tous les mois, à partir de floréal. Ces motifs sont sans doute plus que suffisans, monsieur, pour vous exciter à faire part de vos lumières à l'Académie sur les objets de ses recherches; et elle est d'avance persuadée qu'elle n'aura qu'à se louer de votre zèle à cet égard.

Je vous prie, monsieur, de recevoir l'hommage de ma haute considération et de mon estime particulière.

ÉLOI JOHANNEAU,
Secrétaire perpétuel de l'Académie Celtique.

P. S. Vous êtes invité, monsieur, à adresser francs de port vos Lettres et Mémoires pour l'Académie Celtique, à M. ÉLOI JOHANNEAU, Secrétaire perpétuel de l'Académie, cloître Honoré, n.° 9.

Le prix de la Souscription pour douze Numéros des *Archives de l'Académie Celtique*, de sept feuilles chacun, avec gravures, format in-8°., est de 25 francs, franc de port. On souscrit à Paris, Palais du Tribunat, galeries de bois, n.° 256. Les fonds doivent être envoyés francs de port, à cette adresse.